

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (AHIMTB)
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)
ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA (ACANDHIS)

BICENTENÁRIO
DO
BRIGADEIRO
ANTÔNIO DE SAMPAIO

(O Patrono da Infantaria do Exército 1810-2010)

Edição comemorativa dos 200 anos
de nascimento do Brigadeiro
Antônio de Sampaio.

CLÁUDIO MOREIRA BENTO



Edição da ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
(AHIMTB)

RESENDE – RJ, 2010

BRIGADEIRO ANTÔNIO DE SAMPAIO
Em Uruguiana



O BRAVO DOS BRAVOS DE TUIUTI, EM 24 DE MAIO DE 1866
O PATRONO DA ARMA DE INFANTARIA DO EXÉRCITO
BRASILEIRO

A verdadeira imagem do Patrono da Infantaria

Ao lado, a verdadeira imagem do Brigadeiro Antônio de Sampaio em foto, junto com o Marechal Gastão de Orleans e Conde D'Eu em Uruguaiana (foto 39), seguramente depois da cerimônia que abordamos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis no livro **2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Churrua**, em 2007, depois de cerimônia diplomática em que o embaixador inglês Thorton vindo de Buenos Aires, com o uniforme diplomático e ostentando a Ordem do Banho, falando em francês, entregou ao Imperador D. Pedro II, carta da Rainha Vitória, pondo fim a Questão Cristie “ao manifestar o seu pesar pelas violências praticadas por marinheiros ingleses da Estação Inglesa no Rio de Janeiro, em janeiro de 1863, o que provocou a suspensão das relações diplomáticas Brasil – Inglaterra”.

O Imperador D. Pedro II respondeu-lhe em francês. A seguir a banda de música do navio Niterói tocou a música God Save the Queen.

Todos os militares brasileiros presentes vestiram-se da melhor forma possível, desejosos de assistir aquela satisfação a Honra Nacional. E o Brigadeiro Antônio de Sampaio há cerca de 6 meses, promovido a Oficial General desde 18 de fevereiro em Montevidéu, se apresentou com o seu melhor uniforme conforme mostra sua foto ao lado.

Esta cerimônia marcante de satisfação a Honra Nacional pelo Governo da Inglaterra, ocorreu em torno de oito meses e quinze dias depois da vitória brasileira em Paissandu, onde o Coronel Antônio de Sampaio teve destacado papel para a vitória de Tuiuti em 24 de maio de 1866 que o consagrou na História como o Bravo dos bravos de Tuiuti.

Esta foto foi retirada de foto existente no 2º BIMtz (esq.), Regimento Avai e a nós indicada e fornecida pelo Ten. Cel Inf. Carlos A. Nasser, Comandante do 2º BIMtz Regimento Avai.

Em Buenos Aires, onde o Brigadeiro Antônio de Sampaio esteve sepultado de 1866 a 1869, por cerca de três anos, antes de ser levado para a Igreja de Bom Jesus no Rio de Janeiro, esta imagem foi trabalhada por nosso filho Capitão-de-Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, autor da capa do presente livro e administrador do site (www.ahimtb.org.br), da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e atualmente Adido Naval junto a Embaixada do Brasil em Buenos Aires.

Creio que servirá de informação precisa a pintores para elaborar, se o desejarem, fotos e bustos mais próximas da realidade fisionômica do patrono da Infantaria do Exército Brasileiro.

O Conde D'Eu, presente na foto, a confirmo ao compará-la com sua foto em sua Síntese biográfica em nosso livro **AD/6ª Artilharia Divisionária - Marechal Gastão Orleans**. Obra feita em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e produzida sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil em 2003, dentro do Projeto História do Exército na Região Sul.

Esta obra resgata uma enorme injustiça histórica que vem sendo cometida com o grande soldado brasileiro que foi o Conde D'Eu e Marechal Gastão de Orleans. (Foto 39)

Capa do Livro

Composição: Capitão-de-Mar-e-Guerra Carlos Stumpf Bento, grande colaborador da AHIMTB e administrador de seu site (www.ahimtb.org.br), atual Adido Naval em Buenos Aires. Capa sob fundo verde, a cor da Arma de Infantaria:

Na 1ª Capa: Brasões da AHIMTB, IHTRGS e ACANDHIS instituições que promovem o livro. O contorno do mapa do Rio Grande do Sul ao qual Sampaio se ligou por cerca de 21 anos e onde constituiu família e viveu o período áureo de sua carreira de capitão a brigadeiro. Gravura colorida do brigadeiro Sampaio. Título do livro, autor, ano e História do Exército na Região Sul.

Na 2ª capa: Gravura da Fortaleza Nossa Senhora da Assun-

ção onde Sampaio ingressou como Soldado voluntário em 1830 e abaixo, gravura do Panteon de Sampaio em Fortaleza com seu monumento e restos mortais.

Digitação dos originais: O autor e as professoras Maria Verônica de Abreu – Itatiaia/RJ e Ivonete Maria Costa – prestadora de serviços a AHIMTB.

Revisão: Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e Manoelina Gomes Fonseca de Carvalho da Gráfica Irmãos Drumond.

Ilustrações: Pelo autor com apoio em diversas fontes que reuniu e menciona nas legendas.

Diagramação: Carlos Eduardo Ferreira Ávila

Representante Comercial: José Antônio Alves (Zezinho).

Impressão: Gráfica e Editora Irmãos Drumond Ltda. EPP

CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL DA PUBLICAÇÃO

Bento, Cláudio Moreira

Bicentenário do Brigadeiro Antônio de Sampaio. (Patrono da Infantaria do Exército Brasileiro). Barra Mansa – RJ: AHIMTB / Grf: Irmãos Drumond Ltda.EPP, 2010

136 p.

ISBN: 978-85-608-1113-7

- 1- Biografia de Antônio de Sampaio;
- 2- Biografia do Brigadeiro Antônio de Sampaio;
- 3- História do Exército;
- 4- História do Brasil.

Catálogo na publicação
Departamento Nacional do Livro

Esclarecimento

Pesquisadores que têm consultado os preciosos **Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul** foram levados a confundir, tratar-se do Capitão Antônio de Sampaio, o Capitão que liderou, em 15 de agosto de 1839, uma indisciplina no 2º Batalhão de Infantaria em Porto Alegre que comandava, contra o Major João Pedro Berlink, nomeado interinamente para o cargo. Este, ao se apresentar para assumir o comando foi recebido pela tropa aos brados de “Fora este major, não queremos que ele nos comande”, conforme consta no documento 5289 às p. 345/346 do nº 9 do citado Anais. Não se trata do Capitão Antônio de Sampaio que nesta época, em Fortaleza, era Alferes desde 2 de setembro de 1839, fazia menos de um mês. E só foi promovido a capitão, em 11 de setembro de 1843. O citado nº 9 contém valiosos documentos produzidos por comandos do Exército durante a Revolução Farroupilha. Exploramos bastante esta coleção para escrevermos o livro **O Exército Farrapo e os seus chefes** em 1991, editado pela BIBLIEx.

**A concretização desta obra
foi possível graças ao apoio da:
Associação de Poupança e Empréstimo**



Associação de Poupança e Empréstimo

SUMÁRIO

• Prefácio	09
• Dedicatória	11
• Introdução	12
• Um sertanejo – um grande soldado do Brasil	16
• Sertanejo de Tamboril no Ceará	17
• O amor na juventude	18
• Abraçou a carreira militar	18
• Batismo de Fogo em Icó e motim do 22º BC	19
• A decepção no amor	21
• Na pacificação do Maranhão	21
• Deixou para sempre o Ceará	22
• No Rio Grande do Sul	23
• O casamento com uma gaúcha de Canguçu/RS	23
• Em Pernambuco outra vez	24
• No Rio Grande do Sul	25
• Na Corte Imperial no Rio de Janeiro	25
• Em Bagé com Osório e Mallet	25
• Na Guerra do Paraguai	26
• O sertanejo intrépido em Tuiuti	27
• Ingresso na glória Militar	27
• A morte do Bravo dos Bravos em Tuiuti	28
• O sertanejo “Forte dos Fortes”	28
• Homenagens devidas a este bravo sertanejo cearense	29
• O Bravo dos Bravos – O sertanejo cearense Antônio de Sampaio na poesia popular	30
• O Bravo dos Bravos Antônio de Sampaio pelo poeta popular – Lourival Batista Patriota	34
• A batalha de Tuiuti e Sampaio	56
• Terreno e dispositivo	56
• A batalha	59
• Conclusão	63

• Situação após Tuiuti	65
• O Epíteto Divisão Encouraçada	66
• A Divisão Encouraçada na Guerra do Paraguai	69
• Ofício do Ten Cel Bento ao Dr. Pedro Calmon Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	70
• Como surgiu o epíteto Divisão Encouraçada (1º quesito)	70
• Outras referências de Dionizio Cerqueira a 3ª Divisão e a seu comandante	72
• Referência a 3ª DI como tropa de escól do Exército	74 e 76
• Não referem ao epíteto Divisão Encouraçada as obras	77
• Qual a repercussão deste cognome Divisão Encouraçada no seio do povo brasileiro e especial no seio do Exército considerada a época evocada	78
• Constituiu-se em fato tradicional e histórico para nosso país a Divisão Encouraçada	80
• É oportuno e válido perpetuar o epíteto Divisão Encouraçada, através de uma denominação histórica, especialmente visando o Espírito de Corpo da Divisão Galadoarda, e o destaque dos feitos heróicos no âmbito do Exército	81
• Brigadeiro Antônio de Sampaio (1810-1866) (síntese curricular)	82
• Comemoração do Dia da Infantaria em 24 de maio de 1971 em Tamboril – CE	84
• Comemoração do Dia da infantaria em 24 de maio de 2009 em Tamboril – CE	85
• As Legiões de Infantaria do Brasil - Atualidade	85
• Trabalhos do Cel Cláudio Moreira Bento sobre o patrono da Infantaria e sobre a Infantaria	86
• Bibliografia de apoio	88
• Sampaio, Bravo dos Bravos - poema de Evilácio Saldanha	90
• Posfácio	91
• Dados sobre a AHIMTB, IHTRGS e ACANDHIS	93, 94 e 95
• Dados do autor	96
• Legendas das ilustrações	108
• Álbum sobre o Brigadeiro Antônio de Sampaio (Ilustrações)	116

PREFÁCIO



No ano de 2010, o Exército Brasileiro e a nação como um todo comemoram os 200 anos de nascimento de um dos seus vultos históricos mais expressivos, o Brigadeiro Antônio de Sampaio, Patrono da Infantaria Brasileira.

É fato inconteste que a Guerra do Paraguai permitiu ao Exército eleger a maioria dos seus patronos. Assim foi com Luis Alves de Lima e Silva, O Duque de Caxias, Patrono do Exército; com Manuel Luis Osório, Patrono da Cavalaria; com Emílio Luis Mallet, Patrono da Artilharia; com João Carlos de Villagran Cabrita, Patrono da Engenharia. Sampaio está inserido neste seletto grupo de homens raros, que deram tudo de si para a Pátria.

Desnecessário dizer que estes homens chegaram ao Paraguai tendo atrás de si um currículo enorme de grandes serviços prestados ao Brasil Império.

Privilegiada a nação e suas forças armadas que possuem heróis como Sampaio para servirem de exemplo e referência aos seus seguidores e aos jovens, mercê das virtudes de abnegação, coragem, dedicação e patriotismo.

Foi a Infantaria de Sampaio que venceu nas montanhas e nos campos da Itália, em terrenos e climas inteiramente adversos aos nossos, levando o espírito de luta brasileiro àquele continente.

É a Infantaria de Selva de Sampaio que, juntamente com as outras armas, e, serviços do Exército e demais forças ar-

madras brasileiras, defende a Amazônia da sanha predadora, da cobiça dos estrangeiros e de outras ameaças.

Assim é com as outras “infantarias”, mantendo sempre o mesmo ideal, a de montanha, a motorizada, a de polícia, a blindada, a paraquedista e a da caatinga.

Sempre oportuno, sempre preciso, sempre atento, apresenta-nos o Cel Cláudio Moreira Bento, antecipando-se aos acontecimentos do ano vindouro, este trabalho sobre o Patrono da Infantaria, aliando-se assim, com destaque, a outros autores do passado que elevaram bem alto o nome do infantesertanejo de Tamboril. A propósito, nome derivado, em corruptela, de Tambor-mirim, como a simbolizar o tambor que marca a cadência dos infantes liderados por Sampaio.

Abordando, neste livro, temas pouco trabalhados nas obras anteriores, o autor nos leva a conhecer a atuação de Sampaio nas plagas do sul, inclusive em relação ao seu casamento com uma filha de Canguçu e descendência.

Nas campanhas do Prata, especifica aspectos importantes do Patrono, chegando ao momento maior: a Batalha de Tuiuti, onde Sampaio morre lutando e passa à História escrevendo seu nome com honra e glória.

Alia assim, o Cel Bento, com esta obra, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e a Academia Canguçuense de História, instituições que fundou e preside às comemorações nacionais do Bicentenário de Sampaio, que terão lugar em todo o país, mormente nas unidades, grande comandos e guarnições que abrigam as unidades de Infantaria do Exército.

Conforme Castro Alves:
*“Quem cai na luta com glória
Tomba nos braços da História,
No coração do Brasil”*

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Vice-presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara

DEDICATÓRIA

Aos integrantes da Arma de Infantaria do Exército Brasileiro de ontem, de hoje e de sempre, que têm como patrono e inspirador o Brigadeiro Antônio de Sampaio, o Bravo dos Bravos, em Tuiuti, em 24 de maio de 1866, no Comando da 3ª Divisão de Infantaria - a Divisão Encouraçada.

Aos demais integrantes do Exército de ontem, de hoje e de sempre, e também infantes, por terem recebido a instrução básica de Infantaria, para atuarem, se necessário, como Infantaria, em emergências, e que se especializaram em Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Comunicações, Material Bélico, Intendência e outras especialidades para, com a progressiva e histórica evolução da Arte e Ciência Militar, melhor apoiarem, em combate, a Rainha das Armas.

Academia de História Militar Terrestre do Brasil
Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul
Academia Canguçuense de História
Promotoras da presente obra
2010

BICENTENÁRIO DO BRIGADEIRO ANTÔNIO DE SAMPAIO

INTRODUÇÃO

O dia 24 de maio de 2010 assinala os 200 anos de nascimento, em Tamboril - Ceará, do Brigadeiro Antônio de Sampaio, o Bravo dos Bravos da Batalha de Tuiuti que foi a maior batalha campal travada na América do Sul.

Ele foi consagrado por Decreto nº 51.429, de 13 de março de 1962, como o patrono da Arma de Infantaria do Exército Brasileiro. Arma de Infantaria, a rainha das armas e em cujo seio ele se forjou e se destacou sobremodo como bravo e modelar líder de combate, instrutor e disciplinador da Infantaria Brasileira, a frente da qual, representada pela sua 3ª Divisão de Infantaria – a “Divisão Encouraçada”, teve seu glorioso encontro com a glória militar em 24 de maio de 1866, na Batalha de Tuiuti, no dia do seu 56º aniversário. Ali, então, a sua 3ª Divisão de Infantaria se constituiu em fator decisivo para a vitória, em que pese os três ferimentos recebidos que determinaram sua morte, depois de 43 dias de grandes sofrimentos, em 6 de julho de 1866, a bordo do vapor "Eponina".

Registre-se o fato de quatro cavalos que montou durante a resistência a todo o custo que liderou, terem tombado por perfurações de balas e baionetas inimigas. E ainda o fato de sua heróica “Divisão Encouraçada” haver concorrido com 33% das baixas brasileiras neste dia, por haver se constituído em ponto chave da defesa aliada.

Sampaio chegou de Pernambuco ao Rio Grande do Sul ao final da Revolução Farroupilha, aos 35 anos. E no comando da 8ª Companhia destacada do 4º Batalhão de Infantaria, chegado de Pernambuco para guarnecer a fronteira em Jaguarão, foi enviado para a vila de Canguçu. E segundo os historiadores General Antônio Rocha Almeida Mallet Joubim

e Hugo Ramirez permaneceu por cerca de 4 anos na então vila de Canguçu, subordinada a Piratini, e como instrumento de consolidação da Paz de Ponche Verde e próximo da citada Piratini e de Caçapava, antigas capitais da República Rio-Grandense (1836-45).

E segundo o citado Hugo Ramires, presidente do Conselho Coordenador do Movimento Tradicionalista Gaúcho, em discurso em homenagem as autoridades militares do III Exército, em churrasco na Estância do Minuano no Dia da Infantaria, 24 de maio de 1971, falou a certa altura;

“Tanto se agauchou esse nobre cearense, que casou com dama natural de Canguçu, casando na sede de sua unidade em Jaguarão, formando família com filhos gaúchos, passando a nos amar. Depois de nos compreender e se identificar nestas plagas com o mesmo anseio de brasilidade que percorre a nação desde o Amazonas.”

A concluir-se do General Antônio Rocha Almeida em **Vultos da Pátria** volume 1, o Capitão Sampaio casou-se em Jaguarão com a jovem da terra Júlia dos Santos Miranda de Canguçu. E local onde a conhecera, a namorara e noivara durante os cerca de 4 anos que ali comandara seu destacamento.

Sabe-se hoje que ele teve como seu Posto de Comando a cadeia pública mandada construir, em 1843, pelo comandante da Ala Esquerda do Exército de Caxias que teve por Base de Operações aquela então vila, Cadeia que só foi demolida cerca de um século mais tarde e que ficava no local onde hoje se ergue o Teatro Municipal. Era subordinado a 2ª Brigada ao comando do Cel Manoel Marques de Souza III, futuro Conde de Porto Alegre que seria o seu comandante superior na Batalha de Monte Caseros, em 2 fevereiro 1852, como comandante da Divisão Brasileira.

A seguir Sampaio empenhou-se a fundo no comando sucessivo de batalhões e brigadas de Infantaria. Em pouco se transformou num consumado condutor de homens, conhecedor profundo do terreno e mestre em adestrar e empregar a Infantaria Brasileira. Combateu na guerra contra Oribe e Rosas (1851-52) quando participou da Batalha de Monte Caseros,

como integrante da Divisão Brasileira. Ao comando do agora Conde de Porto Alegre citado.

Comandou um Batalhão da Divisão de Observação que penetrou em Montevideu em 7 de maio de 1859, a pedido do Presidente oriental Venâncio Flores. Na guerra contra Aguirre do Uruguai teve atuação destacada a frente de uma brigada, na conquista da cidade uruguaia de Paissandú o que lhe valeu a sua promoção a brigadeiro.

Durante a guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70), que fez como oficial general, teve atuação destacada até Tuiuti.

Sobre o seu conceito e o de sua tropa escreveu em **Reminiscências da campanha do Paraguai**, Dionízio Cerqueira, o maior cronista deste conflito e que foi integrante da Divisão Encouraçada e subordinado de Sampaio:

"A ideia de eu passar para a Infantaria não me abandonava. Esta arma exercia sobre mim indizível fascinação. Quando passava um daqueles belos batalhões da Divisão Sampaio, a Encouraçada, de bandeira desfraldada, os pelotões alinhados, guardando bem as distâncias, marchando airosos e elegantes, ao som alegre de um dobrado vibrante, não me podia conter, e punha-me a marcar passo..."

E mais adiante. "Fui apresentar-me ao general Sampaio. O ilustre general, já glória do Exército, pelo valor e amor a disciplina, estava uniformizado debaixo de uma ramada lendo uma história de Napoleão Bonaparte, o seu capitão predileto. Quando me viu fechou o livro marcando-o com o indicador da mão esquerda".

Sampaio era cearense de Tamboril, onde nasceu em 24 de maio de 1810. Morto heroicamente aos 56 anos, após sublimar as Virtudes Militares de Coragem, Bravura, Honra Militar e Desprendimento.

Vive ainda na memória do Brasil, na alma do Exército e sobretudo nas melhores tradições e valores da Infantaria Brasileira que ele ajudou a forjar e hoje cultuados pelas Legiões de Infantaria espalhadas por diversas guarnições do Exército.

Os seus restos mortais repousavam desde 1873 em mau-

soléu no Cemitério São João Batista, em Fortaleza-CE. Hoje estão em Panteon defronte a Fortaleza N.S. da Assunção em Fortaleza onde nosso herói ingressara no Exército Imperial em 1830 como soldado voluntário e que hoje abriga o comando da 10ª Região Militar.

E denominações históricas desde 19 de janeiro de 1940 do 1º Regimento de Infantaria, que integra na Vila Militar no Rio de Janeiro a 1ª Divisão de Exército – Divisão Marechal Mascarenhas de Moraes. Unidade originária do Terço Velho de Mem de Sá, e a única unidade do Exército que participou de duas expedições extras continentais. Em 1648, de expedição partida do Rio de Janeiro e que libertou Angola do domínio holandês e, em 1944/45, na Europa integrando a Força Expedicionária Brasileira onde conquistou a expressiva vitória na conquista de Monte Castelo aos alemães. Nesta Guerra o seu nome foi lembrado na criação da Medalha de Sangue para os que fossem feridos em ação, ao colocarem 3 estrelas na mesma, lembrando os três ferimentos recebidos pelo patrono da Infantaria em Tuiuti.

As tradições de sua 3ª Divisão de Infantaria - Divisão Encouraçada são cultuadas em especial por duas grandes unidades de origem comum em 1908, as hoje centenárias 8ª Brigada de Infantaria Motorizada de Pelotas que tem entre suas unidades o 9º Batalhão de Infantaria Motorizada, Batalhão Tuiuti e a 3ª Divisão de Exército - Divisão Encouraçada, em Santa Maria-RS onde ele figura como o seu primeiro comandante. Grandes Unidades estas, cuja histórias resgatamos no Projeto História do Exército na Região Sul em parceria com o historiador militar Cel Inf Luis Ernani Caminha Giorgis nas obras **8ª Brigada de Infantaria Motorizada – Brigada Brigadeiro Manoel Marques de Souza 1ª e 3ª Divisão de Exército Divisão Encouraçada**, em Santa Maria.

Em 24 de maio de 1967 foi emitido selo comemorativo da Efeméride do Centenário de morte do Brigadeiro Sampaio em Tuiuti com uma tiragem de 3 milhões de exemplares, no valor de 5 centavos, com a sua efígie e sob ela três estrelas lembrando os 3 ferimentos recebidos em Tuiuti.

A nação reconhecida ao seu grande herói o inscreveu no Livro de Aço dos heróis do Brasil, no Panteon da Pátria na Praça dos Três Poderes em Brasília, por certo lembrando Péricles, líder democrata ateniense, chefe de Estado de Atenas por 14 anos, com grande e benéfica influência na construção da Democracia grega e cujo século em que viveu recebeu o seu nome. Foi dele esta declaração:

“Aquele que morre por sua Pátria serve-a mais em um só dia que os outros em toda a vida”

UM SERTANEJO, UM GRANDE SOLDADO DO BRASIL

Repetirei com complementos artigo que divulguei no Nordeste e no Sul, com vistas as comemorações Dia da Infantaria em 24 de maio de 1971, em Tamboril no Ceará, pelo Comando do IV Exército (atual CMNE) onde exercíamos as funções de Adjunto da 5ª Seção do Estado-Maior, cuja instalação realizamos e a chefiámos por dilatado período na ausência de seu titular, motivada por curso fora do Nordeste.

Narrativa visando os militares da área do IV Exército e povo do sertão nordestino, mostrando a vida do imortal sertanejo Brigadeiro Antônio de Sampaio de origem humilde que se imortalizou como o sertanejo que foi um dos maiores heróis brasileiros e que comprovou a afirmação de Euclides da Cunha em Os Sertões de que “O sertanejo é antes de tudo um forte!”.

Antônio de Sampaio era de origem humilde, igual a grande maioria dos soldados brasileiros daquela época e iniciara sua vida militar como simples soldado. E escalou por seu excepcional valor os postos da carreira militar. E depois de sua morte gloriosa, recebeu o honroso título de “O bravo dos bravos”, além do de “Patrono da Infantaria Brasileira” – A rainha do Campo de Batalha, num atestado das profundas raízes po-

pulares e democráticas do Exército Brasileiro que proporciona oportunidades aos mais capazes e valorosos, independente de suas origens.

Como filho de um ferreiro, segundo o historiador Gen Antônio Rocha Almeida, patrono de cadeira na AHIMTB, Antônio Sampaio nada fica a dever como um modesto filho de ferreiro do Tamboril, a Joaquim Murat, filho de um hoteleiro que foi Marechal de França, ao Grão-Duque de Perg e rei de Nápoles; a Michel Ney, filho de um tanoeiro ao Duque de Elchingen, Príncipe de Moscova que foi Marechal, de França, e a Floriano Peixoto, nascido de pais pobres num engenho distante e chegou a tenente-general na Monarquia e a Marechal na República e foi, no regime republicano que ele consolidou, o Chefe de Estado de maior autoridade. A origem modestíssima parece que lhes deu mais força e motivação para vencer.

Sertanejo de Tamboril no Ceará

Nasceu nosso herói na Fazenda Vitor, no Município de Tamboril no atual Ceará, em 24 de maio de 1810, data que assinalaria, 56 anos depois, sua entrada para a glória militar eterna, por sua excepcional atuação na Batalha de Tuiuti – a maior batalha campal da América do Sul – mas esta é outra história.

Sertanejo nascido numa região frequentemente assolada pelas secas, Sampaio cresceu com pouca instrução, num meio de ignorância e pobreza.

Neste meio ambiente, Sampaio formou seu caráter, e dentro da escala de falsos valores locais, tornou-se um líder, por reconhecerem nele um “cabra macho” provado em diversas disputas com valentões das redondezas, além de inspirado cantador popular. Era audacioso e possuidor de coragem física e moral invulgares.

Tornou-se por outro lado um destacado lidador nas tarefas sertanejas e era um fascinado pela atividade da pecuária (a vaquejada).

O amor na juventude

Contam que se apaixonou, perdidamente, por uma bela camponesa de 13 anos, de nome Maria Veras, no que foi correspondido, ela filha de uma família fidalga inimiga da sua – fato comum no sertão nordestino de então.

Sampaio apaixonado insistiu no namoro, ao ponto do pai de Maria Veras, “cabra birrento”, contratar sua morte, a ser executada por bandoleiros que infestavam o sertão.

Perseguido e com o coração partido – Sampaio, para fugir a morte certa sob os punhais assassinos de bandoleiros, foi para Fortaleza, a procura de trabalho onde pudesse acumular economias, para um dia retornar ao seu querido Tamboril e desposar a eleita de seu coração.

Abraçou a carreira militar

Em Fortaleza é atraído, irresistivelmente, pela carreira das armas, apresentou-se voluntário no 22º Batalhão de Caçadores de Linha que aquartelava na Fortaleza N.S. de Assunção, no local do atual QG da 10ª RM e com a idade de 20 anos, na data de 17 de julho de 1830. Possuía só 12 anos quando da Proclamação da Independência e em decorrência as guerras da Independência no Maranhão, Piauí e Ceará que acompanhou, inclusive os resultados do vitorioso combate de Jenipapo de 23 de março de 1823, conquistado com o concurso de seus conterrâneos cearenses sertanejos. Combate que tivemos a oportunidade de resgatar na obra **Combate de Jenipapo descrição e análise militar**. Resende: AHIMTB, 2009.

E assim teve início uma das mais belas e úteis carreiras do Exército Imperial do Brasil.

Por seu valor excepcional, caracterizado por uma coragem física e moral invulgar, aliada a liderança incontestante sobre seus pares, foi elevado, aos seis meses de caserna, a graduação de furriel – o equivalente a 3º Sargento.

Em 4 de abril de 1832 recebeu seu batismo de fogo nas ruas de Icó. Nesta ocasião, dizem alguns historiadores, o Furriel Sampaio teve a inspirada ideia de armar seus soldados que pacificavam índios rebelados, com escudos de proteção contra flechas e lanças. Por esta razão, seria considerado por alguns, como um dos precursores da Infantaria Blindada Brasileira.

O batismo de fogo em Icó e o motim do 22º BC

No dia 4 de abril de 1832 o furriel Antônio de Sampaio teve o seu batismo de fogo, em combate contra favoráveis a restauração de D. Pedro I no trono do Brasil.

Integrando o seu 22º BC, ao comando do Major Xavier Torres combateu em Icó durante 6 horas, inclusive em luta corpo a corpo, tendo revelado bravura e liderança a seus soldados com exemplos de sangue frio e iniciativa no calor da luta.

Prosseguindo na ação, o 22º BC atacou os insurretos em São Miguel. E o furriel Antônio de Sampaio foi elogiado pela maneira correta com que atuou nos combates de Icó e São Miguel.

Em 10 de novembro de 1833, o 22º BC sob a liderança do Major Xavier Torres amotinou-se em protesto contra a política antimilitar dos políticos que assumiram o poder depois da Abdicação de D. Pedro I.

Os soldados amotinados do 22º BC saíram as ruas de Fortaleza e com o objetivo de saquear o comércio. Mas foram impedidos com a pronta e extraordinária energia e liderança do furriel Antônio de Sampaio, valendo-se da confiança que inspirava em seus companheiros. E surgia um líder nas fileiras do Exército Imperial.

Os cabeças do motim foram presos, a começar pelo Major Xavier Torres, ao qual o furriel Sampaio aderira por admiração

e solidariedade. Pois sob cujas ordens tivera o seu batismo de fogo. Sampaio para não ser preso ganhou o sertão, sendo capturado em Canindé.

Em Recife, no julgamento dos cabeças do motim, Sampaio confessou o que ocorrera sem comprometer ninguém. Aceitou a culpa sem transferi-la a seus superiores. Sampaio foi defendido por uma corrente popular, por haver agido com bravura em defesa do comércio de Fortaleza sob a ameaça de saques dos amotinados.

O que aconteceu em Fortaleza, também ocorrera no Rio de Janeiro. A revolta do Exército da Corte, foi generalizada. Para contê-la foi formado o Batalhão Sagrado, constituído de oficiais, tendo como subcomandante o futuro Duque de Caxias. A Revolução Farroupilha a qual toda a Guarnição do Exército aderiu em peso, teve à mesma motivação.

Houve uma causa até hoje escamoteada. Foi uma Questão Militar motivada pelo empenho das lideranças políticas que sucederam D. Pedro I, fazerem um grande esforço para erradicar o Exército, reduzindo os efetivos de suas unidades e os colocando nas fronteiras e no litoral. A providência mais injusta foi a de demitir do Exército, o tenente Emílio Mallet, herói de Passo do Rosário e que havia cursado a nossa Escola Militar, sob o argumento de ser estrangeiro.

A própria família Lima e Silva, incluindo o futuro Duque de Caxias, aceitaram a imposição da Abdicação para evitar que a República fosse proclamada e o Brasil fosse transformado numa porção de republiquetas hostis entre si. E mesmo com a Abdicação o Brasil foi abalado de 1831-1845, durante cerca de 14 anos por revoltas que ameaçaram transformá-lo numa colcha de retalhos, o que o Duque de Caxias evitou, conforme abordamos em nosso livro: **Caxias e a Unidade Nacional**, 2003. Detalhes da luta contra a insurreição e do motim do 22º são abordados pelo General Paulo Queiroz Duarte, patrono de cadeira na AHIMTB e que foi o 2º a comandar o Curso de Infantaria da AMAN e em seu livro **Sampaio**, que considero o mais completo instrumento trabalho sobre o Brigadeiro Antônio de Sampaio.

A decepção no amor

Desfrutando, nesta altura, conceito entre seus superiores, recebeu uma licença para voltar a seu querido Tamboril, atraído por irresistível amor a sertaneja Maria Veras.

Em Tamboril continuou a oposição familiar a seu namoro. Sampaio encontra-se secretamente com sua amada e dela obtém o juramento de permanecer na casa de um amigo, até a sua maioridade, pois ela tinha somente 16 anos. E tudo indica que seus filhos cearenses tenham origem nesta ligação.

Em reconhecimento a sua destacada atuação na Cabanagem, no Pará, foi efetivado no posto de Alferes, em 20 de maio de 1839, com a idade de 29 anos.

Orgulhoso com o oficialato, após nove anos de praça e, com bastantes economias, obteve permissão para ir a Tamboril cumprir seu juramento de casamento com sua eleita Maria Veras, e dar combate aos bandoleiros que infestavam a região.

Ao chegar a Tamboril com o coração transbordante de felicidade, tem conhecimento da terrível notícia. Maria Veras desposara um desconhecido, pouco após sua última visita a Tamboril.

Esta decepção de amor, amargaria o coração do jovem soldado durante os próximos 10 anos, até que conhecesse em Canguçu, a gaúcha Júlia dos Santos Miranda, que serviu, segundo suas próprias palavras, “como uma paixão refletida para acalmar uma louca paixão ou, de compensar um grande amor por um amor maior.”

Na Pacificação do Maranhão

Depois desta amarga decepção segue para o Maranhão para tomar parte da pacificação da revolta da Balaiada.

Na Balaiada, tornou-se dos mais constantes, destacados e incansáveis oficiais da Infantaria em eficiente ação de contra guerrilha conduzida pelo Cel Luis Alves de Lima e Silva, oficial de Infantaria que se tornaria o Patrono do Exército. O

bravo Alferes Sampaio comandou, pessoalmente, pelotões e companhias, em 36 ações de combate. Tornou-se o terror dos bandoleiros, aos quais não deu quartel, talvez se recordando daqueles que tanto prejudicaram sua vida em Tamboril, impondo a lei injusta e irracional do mais forte.

Sua atuação foi decisiva para a vitória da Pacificação do Maranhão, por neutralizar ou dispersar a malta de bandidos que infestavam e infelicitavam o Maranhão, o Piauí e até o Ceará, sem objetivos que não o crime.

Aonde se homiziasse um bando, Sampaio como sertanejo excepcional, ia buscá-los e neutralizá-los.

Seu desassombro em combate, enfrentando o inimigo de peito aberto, sem ser atingido em inumeráveis combates, deu origem a lenda entre seus comandados e bandoleiros, de que Sampaio, em virtude de uma oração que trazia junto ao peito, tinha o corpo fechado a balas e baionetas. Este misticismo ajudava a inspirar seus soldados a segui-lo em empreitadas arriscadíssimas, ao mesmo tempo que infundia temor aos seus adversários.

Em 11 de setembro de 1843, com idade de 33 anos, foi promovido a Capitão como recompensa pelos assinalados serviços na pacificação do Maranhão.

Nos intervalos das lutas, com muita força de vontade aprendeu com facilidade a bem ler e escrever. Decorridos 14 anos, daquele sertanejo inculto e façanhudo de Tamboril – agora bem alfabetizado – tornou-se Ajudante de Ordens do Comandante de Armas do Ceará e, depois, do próprio Governador da Província.

Deixou para sempre o Ceará

Em 6 de novembro de 1844, o Capitão Sampaio deixou para sempre o Ceará que amava tanto, para, à distância, cicatrizar seu coração ferido por uma grande desilusão de amor, embora amasse profundamente sua terra natal, conforme declarou ao Sargento Oliveira, seu confidente:

“Eu amo muito o Ceará, com especialidade o Tamboril meu berço natal; e morrerei com ele estampado nas ideias e gravado no meu coração.”

No Rio Grande do Sul

Sampaio chegou no Rio Grande do Sul em princípios do ano de 1845, e pouco antes assistiu em D. Pedrito a assinatura da Paz de Ponche Verde – que teve lugar em terras que mais tarde, em parte, pertenceriam ao ex-presidente Emilio Garrastazu Médiçi. Paz que pacificou a Família Brasileira dividida por 13 anos de lutas fratricidas no Norte, Nordeste, Sudeste e Sul. Lutas fratricidas que ameaçaram repetirmos, transformar o Brasil numa colcha de retalhos.

A seguir, é mandado para a atual cidade de Canguçu, distrito de Piratini e considerado “o distrito de mais perigo e mais farrapo”, no comando de 150 homens da 8ª Cia do 4º Batalhão de Fuzileiros vindo de Pernambuco e com parada em Jaguarão, como integrante da 2ª Brigada. E para ali garantir o cumprimento dos termos da Paz de Ponche Verde, entre as duas ex-capitais farroupilhas Piratini e Caçapava do Sul. A última fundada em 1800 com a finalidade de barrar junto com Encruzilhada do Sul e Canguçu, antigas bases de guerrilhas portuguesas na Guerra do Sul 1763/77, possíveis invasões espanholas ao Rio Grande do Sul.

Casamento com uma Gaúcha de Canguçu

Em 30 de abril 1849, com 39 anos de idade contraiu casamento em Jaguarão, ao retornar de Canguçu, onde se encontrava estacionado fazia cerca de quatro anos, segundo o historiador e tradicionalista Dr Hugo Ramirez e confirmado pelo Gen Antônio Rocha Almeida.

Ali casou como sua noiva canguçuense Júlia dos Santos Miranda, filha do casal José Vicente e Bernardina Joa-

quina do Santos, conforme registro do Pároco João Themudo Cabral Diniz que fora de 1818/1819, 30 anos antes o 2º pároco da Freguesia de Canguçu.

Estes 19 anos de solteiro talvez expliquem a sua excepcional dedicação ao Exército Imperial – como uma forma de sublimar sua paixão frustrada.

Em Pernambuco outra vez

Depois de haver estado no Recife onde estivera preso injustamente como furriel, o Capitão Sampaio lá retornou pela segunda vez em 1850, para auxiliar e pacificar a Revolução Praieira.

Passou quase todo o mês de julho em operações na mata sul de Pernambuco. É presumível que tenha nesta ocasião passado em Garanhuns. No mês seguinte, depois permanecer uma quinzena no Recife reembarcou com destino ao Rio Grande do Sul, onde seria aproveitado como instrutor, por sua excepcional capacidade de profissional, traduzida por rara inteligência e grande conhecimento da natureza física e espiritual do infante brasileiro, de cujo convívio partilhara, diuturnamente, durante 20 anos, assistindo-os com seus sábios conselhos e justiça.

Sampaio, segundo depoimentos de contemporâneos, usava mais o exemplo do que as palavras, exercendo sobre seus soldados e oficiais aquele magnetismo, aquela ação catalisadora e hipnótica, que caracterizavam os grandes e autênticos líderes de combate, além de inspirar uma confiança ilimitada, por sua integridade, honestidade e coragem moral e física.

Era o chefe e o pai de seus soldados e partilhava das alegrias e tristezas de todos, com autenticidade e não para fazer tipo. De origem humilde, igual a de seus soldados, considerava-se e era considerado companheiro mais velho e mais experimentado.

No Rio Grande do Sul

Promovido a Major, marchou para participar da Guerra Contra Rosas e Oribe 1851/52 que teve o seu epílogo em Monte Caseros, onde comandou, pessoalmente, disputados combates a baioneta.

A partir deste momento, todas as suas promoções passaram a ser por merecimento e o peito do sertanejo de Tamboril passou a cobrir-se de condecorações e comendas.

Na Corte Imperial no Rio de Janeiro

Sua fama de guerreiro intrépido e disciplinador chegou até aos ouvidos do Imperador que o convocou para o Comando do Corpo Policial da Corte, função na qual o futuro Duque de Caxias assegurará durante a Regência a Segurança do Governo Central, o que lhe valeu a sua nomeação para pacificar o Maranhão. E Sampaio desempenhou este importante cargo por sete meses, correspondendo à confiança do Governo.

Em Bagé com Osório e Mallet

Sampaio pediu para retornar ao Rio Grande do Sul onde contraíra matrimônio e havia se ambientado por completo, nos hábitos e costumes dessa Província, cuja psicologia de seus filhos muito se assemelha a dos filhos do sertão nordestino.

Retornando a Bagé, foi comandante de Batalhão e de Brigada de Infantaria e, aí, conviveria com Osório e Mallet.

Atentados constantes a propriedade de brasileiros no Uruguai, levaram o Império a intervir naquela República.

Nesta ação participaram com destaque e, em íntima cooperação Osório, Sampaio e Mallet, Paissandu foi sub-

metida a enérgico bombardeio, durante 52 horas consecutivas.

Na manhã de 2 de novembro de 1864, a Brigada de Sampaio avançou, sob nutrido fogo inimigo, que se assemelhava a um chuva de balas.

A infantaria de Sampaio tomou casa por casa em disputados corpo a corpo a baioneta, e os sitiados se entrincheiraram na Praça Matriz, protegidos por canhões.

Neutralizada por Mallet a artilharia inimiga – quando Sampaio estava prestes a vencer a última resistência – viu tremular no ar a bandeira da rendição.

Em 22 de fevereiro, a Brigada Sampaio entrou, triunfalmente em Montevidéu, composta de três batalhões de infantes veteranos, ágeis e decididos, no corpo a corpo a baioneta e, em sua grande maioria, bravos sertanejos do Nordeste.

Os assinalados serviços de Sampaio a frente de seus bravos infantes em Paissandu, valeram-lhe o posto de Brigadeiro. Uma compensação por haver perdido dois anos a sua esposa quando em função longe do lar. Com ela vivera pouco mais de 13 anos.

Na Guerra do Paraguai

Com a eclosão da Guerra do Paraguai, Sampaio foi nomeado inspetor da Arma de Infantaria, composta de recrutas do Nordeste, principalmente.

Sampaio recebeu toda a autoridade e autonomia para plasmar a nossa Infantaria.

Em outubro de 1865, vamos encontrar Sampaio no comando da 3ª Divisão de Infantaria, composta de 4400 bravos infantes.

Esta Divisão marchou até Tuiuti, deixando a sua esteira um rosário de glórias. Em Tuiuti – a 3ª Divisão passaria a história como Divisão Encouraçada, e o sertanejo de Tamboril, como “O Bravo dos Bravos”.

O sertanejo Intrépido em Tuiuti

Em 24 de maio de 1866, em Tuiuti travou-se, a maior batalha campal da América do Sul.

O Exército Aliado, em terreno estreito, foi atacado, de surpresa pelo inimigo. O bravo Sampaio está na Vanguarda, inclusive com seus bravos cearenses do 26º Batalhão de Infantaria, que recebeu todo o impacto inicial do mortífero fogo inimigo.

Sampaio a cavalo exorta e anima pelo exemplo, os seus bravos a resistência – o fracasso ou a vitória dependia da bravura de seus infantes da 3ª Divisão Encouraçada.

Vinte cargas de Cavalaria inimiga foram lançadas sobre a Artilharia de Mallet e a Divisão Sampaio, mas eles resistem bravamente e os cavalarianos inimigos mortos, formam trincheiras naturais.

O flanco esquerdo da Divisão Sampaio é atacado, de surpresa, por nove batalhões inimigos, mas a Divisão Encouraçada reage e não cede um milímetro – Era a resistência a peito aberto, a todo o custo.

O sertanejo Sampaio desdobra-se em três, cinco, mil - acode e anima a cavalo em todos os cantos.

Quatro de suas montarias caem varadas por lanças, baionetas ou balas, mas Sampaio com bravura e destreza, esquivava-se dos golpes fatais, - embora exposto a grandes perigos.

Ingresso na Glória Militar

Teria procedência a lenda de que possuía o corpo fechado? Quando desmontado, e empenhado no corpo a corpo, Sampaio foi atingido na face por uma bala traiçoeira.

Nesse momento chegou um emissário de Osório, para encorajar nosso herói a redobrar a resistência – porque o sucesso da batalha dependia do esforço derradeiro de Sampaio e de seus bravos infantes.

Ferido pela segunda vez, a bala, e coberto de sangue, suor

e poeira, o Leão de Tamboril diz para o emissário: “- Diga ao Marechal que estamos cumprindo o nosso dever – e como já perdi muito sangue, seria conveniente que me mandasse substituir!”.

Mal acabava de pronunciar estas palavras foi atingido por outro “balaço” que põe por terra, de joelhos, aquele bravo após mais de quatro horas de resistência tenaz e feroz.

Ajoelhado e desfalecendo ainda balbucia: “- Diga ao Marechal que este é o terceiro ferimento!”

E tomba ao solo ferido de morte, entre os corpos de centenas de bravos infantis feridos e mortos, da Divisão Encouraçada – fator decisivo da vitória aliada e que brindou a Pátria Brasileira com uma eterna glória.

Recolhido nos braços de seus soldados – presos de incontida emoção – em meio a grande consternação geral – “O Bravo dos Bravos” é retirado do campo de batalha.

A Morte do Bravo dos Bravos de Tuiuti

Embora ferido mortalmente, aquele “sertanejo excepcional”, resistiu a morte durante 43 dias e expirou a bordo do navio Eponina que o transportava a Buenos Aires.

Por todas estas razões é que este bravo nordestino foi escolhido como o Patrono da Arma de Infantaria, por indicação de outro grande nordestino – provado na paz e na guerra, o então Ten Humberto de Alencar Castelo Branco.

Depois de 27 anos de ausência do Ceará, Sampaio retornou em 1873 através de seus restos mortais – que atualmente encontra-se em Panteon defronte o QG da 10ª Região Militar.

O Sertanejo “Forte dos Fortes”

Euclides da Cunha referiu que “o sertanejo é antes de tudo um forte”, e Sampaio, com muita propriedade, encarnou “o sertanejo fortes dos fortes”, moral e fisicamente, além de ter sido “o brasileiro Bravo dos Bravos de Tuiuti” na Guerra do

Paraguai.

Sua vida de excepcional soldado que de origem humilde que ascendeu ao quadro de oficiais generais do Exército Imperial, merece ser assunto de cinema, como a vida do grande Marechal gaúcho Manoel Luiz Osório. O seu comandante em Tuiuti.

Que o seu imortal exemplo continue a alicerçar os infantes brasileiros do presente e do futuro que se reúnem hoje sob o pavilhão das Legiões de Infantaria e que se empenhem em ajudar o Objetivo Estratégico Atual número 1 do Exército de “Preservar, pesquisar, cultivar e divulgar a História, as Tradições e o Valores: morais, culturais e históricos da Infantaria Brasileira e de seu patrono imortal, o sertanejo Brigadeiro Antônio de Sampaio.”

Homenagens devidas a este bravo sertanejo cearense

Para que sua memória não seja olvidada pelas gerações futuras e a pátria tribute-lhe eternamente as honras a que faz jus, deveria ser erigido o Parque Histórico Brigadeiro Antônio Sampaio, dedicado a seu culto – a semelhança dos erigidos em memória de Osório – em Osório no Rio Grande do Sul e ao Duque de Caxias em Duque de Caxias no Estado do Rio. Ou um Memorial como dispõem o Patronos Mallet em Santa Maria e Vilagran Cabrita em Santa Cruz no Rio de Janeiro.

Estranho, que a semelhança das cidades que Osório e Duque de Caxias onde nasceram estes dois heróis e em homenagem a seus grandes filhos a cidade de Tamboril não tenha recebido o nome de Brigadeiro Sampaio. Caxias, Osório e Sampaio são três vidas dedicadas a pátria e suas atuações foram couraças que ampararam este gigante sul-americano em seus primeiros passos – e preservaram sua liberdade e integridade.

O BRAVO DOS BRAVOS

O Sertanejo Cearense

Antônio de Sampaio na Poesia Popular

A poesia popular do grande poeta e violeiro nordestino Lourival Batista que transcreveremos ao final da apresentação a seguir tem a seguinte história:

Em 1971 escrevemos no **Diário do Commercio** de Recife – Pernambuco, de domingo, 16 de maio de 1971, o artigo intitulado; **Um sertanejo – um dos maiores soldados do Brasil** e no dia 24 de maio de 1971 no **Diário de Noite** do Recife o artigo **Sertanejo o grande soldado do Brasil**, focalizando em ambos o Brigadeiro, Antônio de Sampaio, o patrono da Arma de Infantaria do Exército e no 105º aniversário da batalha do Tuiuti, a maior batalha campal travada na América do Sul, onde o Brigadeiro Sampaio foi ferido mortalmente, vindo a consagrar-se como o Bravo dos Bravos de Tuiuti, a frente de sua 3ª Divisão de Infantaria que passou a História com o apelido de Divisão Encouraçada.

Tradição esta transferida para a 3ª Divisão de Exército – Divisão Encouraçada, cuja bela história, escrevi no seu centenário em 2008, em parceria com o Cel. Luis Ernani Caminha Giorgis, Major Andrei Clauhs e sob o título: **3ª Divisão de Exército – “Divisão Encouraçada”** (Centenário em 2008) sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS) e patrocínio da FHE – POUPEX. Obra lançada em Santa Maria pela 3ª DE, na Biblioteca Pública de Santa Maria.

Os artigos citados foram feitos com o objetivo de atingir o público leitor dos jornais e os soldados da Guarnição de Exército em Pernambuco, ao contar a origem humilde deste grande soldado sertanejo.

Tomou conhecimento do artigo no **Diário do Commercio** o notável poeta popular repentista Lourival Batista Patriota,

nascido em 6 de janeiro de 1915 no Município de Itapetim (antiga Vila Umburana), antigo São José do Egito – Pernambuco. Foi conhecido como O Louro do Pajeu. Ele faleceu em 5 de dezembro de 1992, aos 77 anos, consagrando-se como um dos maiores poetas repentistas e como o Rei de Trocadilhos. Possuía o curso Ginásial no Recife em 1933. Foi afamado poeta popular nordestino, irmão de dois outros repentistas famosos; Dimas e Otacílio e genro do poeta, Antônio Marinho, “A água do sertão”. Lourival rápido no improvisado era temido por outros cantadores.

E nos versos a seguir baseado no citado artigo ele traduziu, em linguagem popular nordestina a figura do sertanejo que foi um dos maiores generais do Brasil.

Sua poesia foi publicada no **Diário do Commercio** de Recife e foi reproduzida pelo Projeto Rondon, com apoio da FACIT, e distribuído amplamente aos sertanejos presentes nas comemorações do Dia da Infantaria em Tamboril, em 24 de maio de 1971, com a presença do comandante do IV Exército Gen. Ex João Birio Machado e do governador do Ceará Cel César Cals.

Cerimônia que focalizada por José Danda Neto em matéria intitulada **Do Padre Cícero Romão a Antônio Sampaio** no **Jornal do Commercio** de Recife, de 30 de maio de 1971. A pedido do comandante da época da Polícia Militar do Ceará, a Universidade Federal do Ceará, como o título de **Tradição e Disciplina** publicou em 1971 uma síntese de nossa autoria sobre o patrono da Infantaria.

Publicamos a matéria – **Sampaio o sertanejo que foi um dos maiores soldados do Brasil** no **Diário Popular** de 23 de maio de 1971, em Pelotas, onde tem sua parada o 9º BIMTz – Batalhão Tuiuti, cidade próxima a Canguçu onde Antônio Sampaio comandou, como capitão depois da Revolução Farroupilha, a 8ª Companhia do 4º Batalhão de Infantaria em Jaguarão, para assegurar a paz farroupilha naquela região tendo por PC, a antiga cadeia que foi construída pelo famoso guerrilheiro imperial e comandante da Ala Esquerda do Exército ao comando do então Barão de Caxias o Ten. Cel da Guarda Nacional Francisco Pedro de Abreu, o Moringue e que ali

se fixara a sua Base de Operações, a partir de agosto 1842, Cadeia por ele construída como “quarto de hóspedes para os farrapos, “conforme ele ironicamente anunciava segundo co-lheu, em 1912 o Capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto, hoje considerado o maior escritor regionalista gaúcho, Cadeia que conhecemos quando menino e que foi demolida no início da década de 40 e que ficava na altura do atual Teatro Municipal de Canguçu.

Fazia parte desta Ala Esquerda do Exército do Conde de Caxias, o 11º Batalhão de Fuzileiros, enviado do Rio de Janeiro e mais tarde rebatizado como 8º Batalhão de Fuzileiros, comandado pelo Ten Cel Inf Francisco Felix da Fonseca e do qual fazia parte o carioca soldado Maximiano Domingos do Espírito Santo. E que ao ser este batalhão transferido para Bagé depois da Paz de Ponche Verde, o citado veio a ser imortalizado como o Preto Caxias, um santo popular. E ao agora Cel Francisco Felix coube distribuir os primeiros terrenos em Bagé, que fora completamente abandonada durante a Revolução, até que Bagé fosse elevada a município em 5 de junho de 1846. Comandava uma companhia em Canguçu do 11º Btl Fuzileiros o suíço Carlos Resin que chegou a brigadeiro no Exército Brasileiro e chegou ao Brasil com o 27º Btl de Caçadores Alemães e participou de todas as guerras no Sul de 1827 a 1870. O estudamos em **Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS** (p.252/255). O 11º Btl Fzo teve destacada ação no violento segundo combate de Canguçu travado nos fundos do atual Colégio N.S. Aparecida e que foi descrito em detalhes ao Ministro da Guerra pelo Conde de Caxias. Assunto que abordamos com detalhes em nosso **Canguçu reencontro com a História - um exemplo de reconstituição de Memória comunitária**. Barra Mansa: ACANDHIS/Gráfica Drumond, 2007. 2ed (p.97/1150) que inclui a presença de Caxias em Canguçu e de Antônio Sampaio, patronos do Exército e de sua Infantaria). Os infantes imperiais mortos do 11º Btl Fzo e os farrapos mortos no 2º Combate de Canguçu, em número de 31, foram sepultados no cemitério ao lado da Igreja Matriz N.S. da Conceição, no local hoje onde se ergue

o Grupo Escolar Irmãos Andradas, ao lado do prédio que não existia na época. A padroeira de Canguçu N.S. da Conceição era a padroeira do Exército e devoção do Duque de Caxias que durante a ocupação de Canguçu pela Ala Esquerda de seu Exército ele mandou recuperar a Igreja de Canguçu que estava em mau estado de conservação. E nela é presumível que os soldados infantis do 11º Batalhão de Fuzileiros venerassem a sua padroeira como depois da Paz de Ponche Verde os comandados do Capitão Antônio de Sampaio e ele mesmo que presumo a sua frente a ela pedido proteção.

Mais tarde como Brigadeiro Carlos Resim comandaria lado a lado com Sampaio outra Brigada na conquista de Paissandu. E o mais tarde Brigadeiro Francisco Felix comandaria Sampaio.

A literatura popular nordestina tem sido e continua a ser amplo campo de pesquisa para estudantes e estudiosos. Câmara Cascudo, Hermilo Borba Filho, Edson Carneiro, e o General Humberto Peregrino, patrono de cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil, para falarmos em apenas quatro personagens estudiosos do nosso folclore, já destacaram a importância do Folheto de Feira ou Literatura de Cordel dos cantadores populares do Nordeste.

Estudando a dimensão desta literatura de cordel estudiosos mostraram o significado e a importância do mundo do cantador nordestino para o estudo e compreensão da sociedade sertaneja. Os reis, as rainhas, os pobres que acabam se transformando em, príncipes poderosíssimos, os cavalos que voam, os cangaceiros, os valentões, o amarelinho, todos esses, seres e personagens que refletem, na sua maneira de ser, a maneira de ser e pensar do nordestino. A viola, instrumento simples e redondo como cintura de moça, desabrocha em canto e abraça a terra do sertão.

Figuras como Antônio Silvino, Jesuíno Brilhante, Lampião, são cangaceiros que o sertão, através do violeiro, transformou em lendas. Ainda hoje permanecendo na viola e na boca do cantador. Feitos como os das Guerras dos Guararapes, com os seus heróis, as suas lutas, as suas refregas, também são cantados e decantados, prolongando-se, assim, no tempo e

na memória do sertanejo.

Este folheto trata da vida e das lutas de Antônio de Sampaio como soldado e como guerreiro. Um Antônio de Sampaio que alcança dimensões míticas na viola de Lourival Batista, poeta e cantador nordestino dos bons. Um Antônio de Sampaio reconstituído em versos simplíssimos, quase que sussurrados pela viola. E da viola para o papel. No final, a visão de um guerreiro sertanejo nos olhos de um simples, de um homem do povo.

O BRAVO DOS BRAVOS: ANTÔNIO DE SAMPAIO

por Lourival Batista Patriota
(poeta popular)

Contarei para os soldados
Do Exército Brasileiro
A comovente epopéia
De insigne e grande guerreiro
Amor, coragem, energia
Da arma de infantaria
De soldado a brigadeiro

Nasceu na Fazenda Vitor
Município Tamboril
Aos vinte e quatro de maio
Sendo no ano de mil
E oitocentos e dez
De pais humildes, fieis
Surge um herói do Brasil

De Antônio Ferreira Sampaio
E D. Antônia de Sousa
O pai um simples ferreiro

E a mãe humilde esposa
O casal não pensaria
A glória do berço à lousa

Este grande sertanejo
Filho de uma região
De seca e de ignorância
Cresceu sem ter instrução
Tudo quanto ali valia
Dança, jogo e valentia
E a honra por distinção

Foi cantor popular
E versava muito bem
Coragem física e moral
Boêmio grande também
Na sua luta diária
Fascina-lhe a pecuária
Mas, um imprevisto vem

Surgiu-lhe louca paixão
Amando uma camponesa
Por ela correspondido
Cujos pais com aspereza
Tramam de Sampaio a morte
Ele escapou por ter sorte
Foi parar em Fortaleza

Sentiu de cupido as setas
Ferindo as flores da alma
Dessa camponesa calma
Tinha ela treze anos
Fez castelos, formou planos
Sem ter do amor a palma

Os pais de Maria Veras
Viam somente o boêmio

De jogo de dança e briga
Membro deste fraco grêmio
Contratando um grupo forte
Para Sampaio ter a morte
Ao invés da filha, por prêmio

Escapando dos punhais
Dos bandidos sem ação
E chegando em Fortaleza
A sua única intenção
Foi fazer economia
Para desposar um dia
A eleita do coração

Com apenas vinte anos
Com altivez e ardores
Aos dezessete de julho
Voluntário com valores
Pra crescer tanto depois
Ingressa no vinte e dois
Batalhão de caçadores

Teve a mais bela carreira
O filho de Tamboril
No Exército Imperial
Do nosso amado Brasil
Na praça Castro Pereira
Em Fortaleza altaneira
Tem seu vulto varonil

Uma coluna de mármore
Com dez metros de altura
Do herói de Tuiuti
De pé, na pátria figura
Trinta e seis anos de farda
Foi do país a vanguarda
Um exemplo de bravura

Entrou como voluntário
Com amor fez-se um portanto
Com moral e liderança
E Veras no pensamento
Com seis meses no quartel
Promovido a furriel
Correspondendo a Sargento

Em abril de trinta e dois
Com alegria e franqueza
Patriotismo e dever
Da arma conhecendo o jogo
Teve o batismo de fogo
Em Iço e Fortaleza

Desfrutando nesta altura
Conceito superior
Recebeu uma licença
Com alegria e fervor
Pra voltar a Tamboril
Recanto do seu Brasil
Morada do seu amor

Em Tamboril continuam
Os pais de Maria Veras
Com a mesma oposição
Brutos como duas feras
Cada palavra era um raio
Pra destruir em Sampaio
Amor, ilusões quimeras

Secretamente se encontram
Combinaram belos planos
Pra na casa de um amigo
Permanecer sem enganos
Ate a maioridade
Pois contava na verdade
Somente dezesseis anos

Entre lágrimas de amor
Foi bem triste a despedida
Assumindo o compromisso
Para o Pará faz partida
Sampaio fiel nos planos
Pra voltar com quatro anos
Casar com sua querida

Foi pacificar a revolta
Conhecida por Balaiada
Destacou-se com bravura
Com honradez destacada
Este militar disposto
De alferes teve o posto
Foi outra etapa alcançada

Com nove anos de praça
Vinte e nove de idade
Com muitas economias
Teve com felicidade
Uma permissão gentil
Pra visitar Tamboril
Por amor e lealdade

la atrás de bandoleiros
Que infestavam a região
Achava a luta banal
Valente como um leão
Pouco ligava tais feras
la ver Maria Veras
Cuidar da Santa união

Ao chegar em Tamboril
Com o coração transbordante
De tanta felicidade
Pra ver a noiva elegante
Com outro achou-a casada

Nunca ponta de espada
Fez chaga tão cruciante

A cruel decepção
Com amarguras e danos
Feriu o jovem soldado
Durante os próximos dez anos
Depois em feliz demanda
Julia dos Santos Miranda
Fez-lhe criar novos planos

A bela filha dos pampas
Deu-lhe alma e coração
Sampaio em suas palavras
Faz esta revelação
Foi tudo na minha vida
Uma paixão refletida
Acalma a louca paixão

Pra quem sofria há dez anos
Tornou-se a vida melhor
Quem sabe se não pensou
Sem amor tudo é pior
Pra não ser mais sofredor
E compensar grande amor
Por um amor bem maior

O digno bravo dos bravos
Após a decepção
Pra por termo a Balaiada
Segue para o Maranhão
Como insigne militar
Pra combater ou tratar
De uma pacificação

Nesta revolta provou
Ânimo, coragem, energia
Pessoalmente comanda
Pelotões e companhia
Soldado, guerreiro e vate
Provou ações de combate
Honrando a Infantaria

O terror dos bandoleiros
Ele tornou-se no norte
Talvez pensando naqueles
Que contrataram-lhe a morte
Sua paixão quanto custa
Impondo-lhe a lei injusta
Aonde impera o mais forte

Sua ação foi decisiva
Para a pacificação
Dispensando aos bandidos
Que infestavam o Maranhão
Piauí e Ceará
Assim acabou por lá
O crime a depredação

Bandoleiros com Sampaio
Nunca tiveram proveito
Lutava sem ser ferido
Pacificava ou prendia a jeito
Diziam na região
É devido uma oração
Que ele traz junto ao peito

Tem ele o corpo fechado
É um extraordinário
Seus comandados seguiam
Alegres o itinerário
Sem ser ferido sorria

Por causa disso infundia
Temor ao adversário

Com trinta e três anos foi
Promovido a capitão
Pelos serviços prestados
Nas terras do Maranhão
Com ingentes sacrifícios
Trazendo mil sacrifícios
Com a pacificação

Comanda a Infantaria
E combate com bravura
Corpo a corpo à baioneta
Sem temer a luta dura
Com honra e muita prudência
Sua rara inteligência
Aperfeiçoa a cultura

Depois de catorze anos
Sem faltar com dever
Nas horas de intervalo
Já tinha aprendido a ler
Também a escrever bastante
De ordens ser ajudante
Do comando com prazer

Com seus trinta e quatro anos
Do Ceará foi embora
Terra que amava tanto
Mas era chegada a hora
De salvar seu coração
De uma desilusão
De um amor que o deplora

Disse ao sargento Oliveira
Amo muito meu torrão

Meu querido Ceará
Tamboril com distinção
Morro com ele estampado
No pensamento gravado
E dentro do coração

No Rio Grande do Sul
Chega Sampaio com fé
Com seus trinta e cinco anos
Logo assistiu em Bagé
Assinatura da Paz
De Ponche Verde que traz
O heroísmo de pé

Teve esta revolução
O nome de Farroupilha
Quase uma guerra civil
Onde ninguém se humilha
Bagé hoje é pertencente
A Médici o presidente
Luz do Exército que brilha

Com cento e cinquenta homens
Sampaio parte daí
Pra fazer-se cumprir os termos
Da paz assinada ali
Pra Canguçu vai contrito
Cuja Vila é distrito
Da bela Piratini

Pois era dos Farroupilhas
A primeira capital
E Caçapava a segunda
Num excelente local
Nesta posição serrana
O capitão se ufana
Com garantia geral

Na cadeia que havia
Ocupou o posto seu
O Barão de Jacuí
Em Canguçu foi em que deu
Um legalista fiel
O valente coronel
Francisco Pedro de Abreu

Demolida em quarenta e três
Construída outra atual
Ficava próxima a Prefeitura
De Canguçu o local
Feito este prédio altaneiro
Por um rico estancieiro
Dali mesmo natural

Em dezenove e setenta
Mallet Jobim de persi
Escrevendo sobre os três
Grandes, lá do Tuiuti
Muito claro ele apresenta
Em novembro de cinquenta
Sampaio saiu dali

Partindo de Canguçu
Com a missão altaneira
Ao Rio de Janeiro foi
Honrando a nossa bandeira
A Pernambuco ele traz
Consolidação de paz
Na revolução praieira

Tinha trinta e nove anos
Quando deu-se o casamento
Julia dos Santos Miranda
Gaúcha de sentimento
A história no princípio

Não nos diz o município
Mas em Canguçu foi seu nascimento

Esta segunda paixão
Comandou quem bem comanda
Dez anos desiludido
Quase o Brasil todo anda
Sem Veras outra admira
Maria fugiu da mira
Ficou na mira a Miranda

Tantos anos de solteiro
Um homem puro e normal
Devido a paixão frustrada
Ou amor sem igual
Que ao seu ser irradia
A lembrança de Maria
E do Exército Imperial

Quinze dias no Recife
Ainda se demorou
Pacificando a Praieira
Grande serviço prestou
Por aqui presume uns
Desta vez em Garanhuns
Naturalmente passou

Volta do Recife aos Pampas
O grande batalhador
Cabo de guerra incansável
Aproveitado instrutor
Do infante brasileiro
Foi um sábio conselheiro
Forte, justo e benfeitor

Ele ao invés das palavras
Usava mais o exemplo

Grande líder nos combates
Como poeta o contemplo
Nos defendeu dos agravos
O grande Bravo dos Bravos
Merece da pátria um templo

Chefe e pai dos seus soldados
Partilhava as alegrias
Sentia as suas tristezas
Decepções, agonias
O filho de Tamboril
Equipara-se no Brasil
A Osório e a Caxias

Por ser de origem humilde
Considerava-se igual
A todos os seus soldados
Por uma lei natural
Mais velho e experiente
Uma companheiro excelente
Com ordem, amor e moral

No Rio Grande do Sul
Foi promovido a major
Contra Rosas e Oribe
Ele torna-se o maior
Dando os combates mais feras
Dentro de Monte Caseros
Na baioneta o melhor

Terminada a guerra foi
Comandar a guarnição
De Caçapava do Sul
Na melhor disposição
Com táticas de infantaria
Valor, dever e energia
Valente, igual um leão

A história nos afirma
Que a partir deste momento
Todas suas promoções
Foram por merecimento
O sertanejo em ações
Ganhou condecorações
Que foi um deslumbramento

Com seu 4º Batalhão
Dois anos no Uruguai
General Venâncio Flores
Faz o convite ele vai
Fez o seu papel distinto
Divisão Pereira Pinto
Implantando a ordem sai

A Tenente Coronel
Na volta foi promovido
Era do 6º Batalhão
O comandante escolhido
Cumprindo o dever com fé
Três anos passa em Bagé
Pelo bem, reconhecido

Sua fama de guerreiro
Chegou ao Imperador
Pra o Corpo Policial
Da corte, com destemor
Dom Pedro é quem o invoca
Para o Rio se desloca
Por ordem superior

Sete meses desempenha
Merecendo a confiança
Depois ao Imperador
Faz um pedido e alcança
Os pampas um patrimônio

Onde fiz meu matrimônio
Seu espírito mais descansa

O Rio Grande do Sul
Vivia em seu coração
O povo, o costume, os hábitos
Recorda do seu sertão
Risos, tristezas, quimeras
Aonde Maria Veras
Deu-se o golpe da traição

Alegre volta as Cochilhas
Com o seu espírito altivo
Rever os seus companheiros
E seu lar tão positivo
Julia dos Santos Miranda
Estando de sua banda
Era amor e lenitivo

Sempre amoroso e leal
Chegou Sampaio a Bagé
Ali onde conviveu
Com Osório e com Mallet
No Batalhão de Brigada
Da infantaria honrada
Ele comandou com fé

Na cidade Paissandu
Lutou sem perder a fé
Manoel Luis Osório
E Sampaio com Mallet
Cinco horas de luta
Porém o Brasil desfruta
Vitorioso e de pé

Na manhã dois de novembro
Sendo dia de Finados

Osório, Mallet, Sampaio
São três insignes soldados
Nos momentos gloriosos
Os nossos vitoriosos
Os adversários derrotados

Sampaio com força e tática
Vai de coluna cerrada
Nutrido fogo inimigo
Parece uma saraivada
Mas parecia chuva
De balas mas o guerreiro
Não recuava com nada

Adversários se entrincheiram
Bem na Praça da Matriz
Protegidos por canhões
Porém a sorte inda quis
Com baioneta e metralha
Que a vitória da batalha
Fosse do nosso país

Mallet fez neutralizada
A inimiga artilharia
Pois a última resistência
Sampaio vencendo ia
Tremulando um pavilhão
Bandeira da rendição
Era o Brasil que vencia

De Paissandu vai Sampaio
Entrou em Montevideú
Que estava sitiada
O Brasil ganhou troféu
Com muita alegria da vitória
Brilhavam num belo céu

Levava três batalhões
De infantes veteranos
Ágeis, fortes, corajosos
Com argúcias, táticas e planos
Tinha mais do Ceará
D'outros estados pra cá
Soldados há muitos anos

Pelos serviços prestados
Este bravo brasileiro
O herói de Paissandu
Incomparável guerreiro
Enérgico, leal, disposto
Elevado ao grande posto
Brilhante de Brigadeiro

Na guerra contra Lopes
Eclosão da tirania
Foi nomeado inspetor
Da arma de Infantaria
Composta só de recrutas
Do nordeste que nas lutas
Mostraram supremacia

Quatro mil e quatrocentos
Infantes bravos já tem
Comandante da terceira
Divisão que lhe convém
Marchando pra Tuiuti
Vamos descrevê-lo ali
Sem ter medo de ninguém

Sampaio por onde passa
Deixa um rosário de glórias
Com a Divisão Encouraçada
Vitórias e mais vitórias
Provando da luta os travos

Mas fez o Bravo dos Bravos
A história das histórias

Foi no século dezanove
No ano sessenta e seis
Aos vinte e quatro de maio
Por ironia talvez
Destino extraordinário
Seu bolo de aniversário
Um combate a última vez

Nos atacou de surpresa
O exército adversário
Era um lugar bem estreito
Aonde estava Sampaio
Comandante da Infantaria
Deu prova de valentia
Mais rápido do que um raio

Sampaio estava a cavalo
Nesta batalha tão dura
Dando exemplo aos seus infantes
Encorajá-los procura
Pra Divisão Encouraçada
Ter a vitória alcançada
Nunca lhe faltou bravura

Vinte cargas são lançadas
Da valente cavalaria
Do exército adversário
Contra a grande artilharia
De Mallet, e a Divisão
Sampaio como um leão
Bravamente resistia

Desdobra-se em três ou cinco
Em dez e até em mil

Percorre todos os ângulos
O filho de Tamboril
Pensava ele talvez
Que seria a última vez
Que defendia o Brasil

Já quatro das montarias
Por lança foram varadas
Não temia a baionetas
A tiros e nem espadas
Dentro dos grandes perigos
Mas matava os inimigos
Defendia os camaradas

Achava-se desmontado
Essa figura altaneira
Numa luta corpo a corpo
Foi-lhe a sorte lisonjeira
Pra nosso grande desgosto
Foi ferido em pleno rosto
Pela bala traiçoeira

Um emissário de Osório
Chegava com bem prudência
Para encorajar Sampaio
Redobrar a resistência
Só do bravo e seus infantés
As vitórias retumbantes
Marcavam sua existência

Ferido a segunda vez
Por um projétil bem certo
O leão de Tamboril
De sangue e suor coberto
Manda a Osório dizer
Estamos cumprindo o dever
Com grande perigo perto

Como perdi muito sangue
Seria conveniente
Mandar um substituto
Assumir incontinente
Assim tinha proferido
Por um balaço ferido
Cai por terra novamente

De joelhos aquele bravo
Com cinco horas após
De luta e de resistência
Tremenda, tenaz, feroz
Assim a história diz
Que perda para o país
Quanta tristeza para nós

De joelhos desfalecido
Balbuciando afinal
É o terceiro ferimento
Diga ao nosso marechal
Tombou ferido de morte
Intrépido guerreiro forte
Da nossa terra natal

Entre os corpos dos infantes
Feridos, mortos também
Da Divisão Encouraçada
Que à pátria fez tanto bem
Aos vinte e quatro de maio
Com o exemplo de Sampaio
A grande glória nos vem

Foi recolhido nos braços
Dos soldados de ação
Todos se achavam presos
De incontida emoção
Seu heroísmo não falha
Retirado da batalha
Com grande consternação

Com ferimentos mortais
Ânsias, dores, agonias
Entre a vida e entre a morte
Durou quarenta e três dias
A bordo do Eponina
Que o levava à Argentina
Perde as últimas energias

Ele expia mas sabendo
Que a sua atuação
Foi o fator principal
Da grande transformação
Seus infantes, fortes, vários
Destroem dos adversários
Capacidade e ação

Sertanejo semi-analfabeto
Boêmio de Tamboril
Trinta e seis anos no Exército
Imperial do Brasil
Intrepidez que não falha
Quando entrava na batalha
Sozinho valia mil

O herói de Tuiuti
Com a coragem domina
Foi esta a maior batalha
De toda a América Latina
Do Exército o grande orgulho
No dia oito de julho
Sepultado na Argentina

Outro grande cearense
Não o deixa em abandono
Humberto Castelo Branco
Achou-o digno de um trono
Amor à hierarquia

Da arma da Infantaria
Fez de Sampaio o patrono

Após vinte e sete anos
Ausente do Ceará
Retorna através dos restos
Mortais levados pra lá
Seu mausoléu ninguém erra
Em frente ao velho Forte
A grande lembrança está

Euclides da Cunha disse:
O sertanejo é um forte
Sampaio provou que foi
A baraúna do norte
Ou por outra do nordeste
A glória só pela morte

Foi ele o Bravo dos Bravos
Filho de humildes pais
Ascendeu ao belo quadro
De oficiais generais
E assunto pra cinema
Osório o mesmo sistema
São dois valores iguais

Pra não ser olvidado
Este que nos fez o bem
A pátria deve fazer
Um parque histórico também
Ao brigadeiro Sampaio
Não deixemos em ensaio
Vamos ver se o parque vem

Já fizeram um a Osório
Outro a Duque de Caxias

Nas cidades que nasceram
Então daqui mais uns dias
Façamos em Tamboril
Para o bravo do Brasil
Que nos deu mil garantias

Sampaio, Osório e Caxias
Este trio soberano
Couraças deste gigante
País sul americano
Tamboril num mês de maio
Muda o nome pra Sampaio
Patriótico e mais humano

Sampaio junto a Osório
Estrelas de um céu azul
Dois guerreiros, dois heróis
Como Davi e Saul
Não se separa o mais forte
Sampaio, e o Osório do norte
Osório, é o Sampaio do Sul

Altivez e energia
No filho de Tamboril
Talento, progresso e glória
O sertanejo viril
Nativo do Ceará
Instrução não teve lá
O seu livro era o Brasil

São de corpo e de espírito
Andou Sul, Nordeste e Norte
Moralizou nossa pátria
Partia pra guerra forte
Arrumou o amor segundo
Instruiu-se pelo mundo
O sul deu-lhe uma consorte

General Bina Machado
Por ter sido grande infante
Quis de Sampaio mostrar
O valor deste gigante
Da arma de Infantaria
Com incentivo da poesia
Popular, simples, brilhante

E Cláudio Moreira Bento
O nosso Major, historiador
Com sua insígne cultura
Deu dados ao trovador
Do filho de Tamboril
Para o povo do Brasil
Admirar-lhe o valor

Bibliografia

BENTO, Cláudio Moreira, major, “Um sertanejo – um dos maiores soldados do Brasil”. **Diário do Comércio**, Recife

A BATALHA DO TUIUTI E SAMPAIO

Para que melhor seja entendida a atuação do Brigadeiro Sampaio em Tuiuti recordemos o contexto em que se deu esta batalha onde destacaremos em letras de forma a atuação de Sampaio.

TERRENO E DISPOSITIVO

- Quando se percorre a estrada de PASSO DA PÁTRIA a HUMAITÁ encontra-se, depois de transpor o BELLACO, um trecho especial de terreno, delimitado ao sul por aquele esteiro, a oeste pela LAGUNA PIRES, ao norte pelo ESTEI-

RO ROJAS e a leste por uma dilatada região pantanosa.

- A parte noroeste que se limita na laguna e a do norte que precede ROJAS, são cobertas de espesso mato.

- Logo ao norte do BELLACO ergue-se uma pequena elevação, na qual os aliados acamparam no dia 20 de maio; nessa região fica uma pequena lagoa chamada TUIUTI.

- Os aliados não podiam ter encontrado terreno mais desfavorável para as suas operações.

- Os paraguaios ocupavam a frente do ESTEIRO ROJAS, desde o PASSO GOMEZ, sobre a estrada para HUMAITÁ, até a direita do ROJAS, tendo pequenos destacamentos de tropas com artilharia, intercalados pela frente.

- À sua direita apareciam bosques impenetráveis e prolongamentos dos carriçais (vegetação densa de banhado) do SAUCE.

- Os aliados estacionaram em TUIUTI no sentido da profundidade e o cavaleiro da estrada que conduzia à HUMAITÁ.

- Na frente acampou a vanguarda de FLORES, composta de brasileiros e orientais e o 1.º Regimento de Artilharia a Cavalos, sob o comando de MALLETT.

- MALLETT mandou construir, em toda a frente da sua posição, um largo e profundo fosso.

- As terras seriam espalhadas de modo a não formarem parapeito que desse a perceber ao inimigo que havia fortificação.

- A posição em que foram assestados os canhões de MALLETT, em número de 28, todos raiados, ficava a 1600 metros da linha paraguaia de ROJAS.

- À esquerda do 1.º Regimento ficava a artilharia oriental apoiada pelas suas tropas e na retaguarda dessa, a 6.ª Divisão brasileira, do Gen VITORINO MONTEIRO.

- Atrás dos orientais, e em escalão para a esquerda colocou OSÓRIO, nas vésperas da batalha, a 3.ª Divisão brasileira do Gen SAMPAIO.

- Este conjunto de tropas pode ser considerado como o primeiro escalão dos brasileiros e orientais.

- Em suas vizinhanças e um pouco mais ao sul postaram-se a 1.^a Divisão, do Gen ARGOLO; a 4.^a Divisão do Gen GUILHERME e a 19.^a Brigada auxiliar, menos o 1.^o Batalhão de Engenheiros.

- Este outro conjunto formou um segundo escalão.

- Ainda mais à retaguarda encontravam-se:

- 2 Divisões da Cavalaria brasileira (a 2.^a, comandada pelo Gen LUIZ MENA BARRETO, e a 5.^a, comandada pelo Cel TRISTÃO CUNHA);

2 Batalhões (7.^o e 24.^o de Voluntários) da 19.^a Brigada, pertencentes ao comando Geral da Artilharia.

- Pode-se considerar estes últimos elementos como um terceiro escalão.

- Finalmente na extrema retaguarda, ao sul do ESTEIRO BELLACO, estacionara o Gen NETO, último escalão de tropas brasileiras.

- O transporte ficava para trás e no interior deste dispositivo.

- À direita dos brasileiros localizaram-se as tropas argentinas.

- A frente da batalha formava um ângulo quase reto com a dos brasileiros e orientais, face ao ESTEIRO ROJAS, voltada ligeiramente para nordeste.

- O 1.^o Corpo, sob o comando de PAUNERO estava à esquerda, em duas linhas, e à direita dele o 2.^o Corpo, sob o comando de EMÍLIO MITRE (sobrinho do Comandante aliado), também em duas linhas.

- A artilharia ocupava o centro dos dois corpos.

- À direita do 2.^o Corpo, um escalão para a retaguarda e quase tocando o ESTEIRO BELLACO, encontrava-se a cavalaria juntamente com a 2.^a Divisão BUENOS AIRES e as forças pertencentes ao Quartel-General.

- A cavalaria, como quase toda a do Exército aliado, estava na maior parte desmontada por falta de cavalos.

- O exército do General OSÓRIO, anteriormente, compunha-se de 36.000 homens, mas é preciso deduzir o número de doentes e feridos, a força destacada com a Esquadra,

a guarnição do PASSO DA PÁTRIA, a de CORRIENTES e os empregados nos transportes, hospitais e outros serviços, daí o efetivo de 26.000 homens prontos no dia da batalha.

- Em resumo, na Batalha de TUIUTI os aliados apresentaram uma força com cerca de 33.000 homens.

- Quanto aos comandos: o comando aliado estava sob MITRE; o das tropas brasileiras com OSÓRIO; o das uruguaias com FLORES; o das argentinas também com MITRE.

- Entretanto, a ação se desenrolou sob a direção geral de OSÓRIO devido à ausência de MITRE, no momento.

- Os paraguaios estavam ocupando forte entrenchamento por toda a extensão do ESTEIRO ROJAS e circunvizinhanças.

- Sua linha de defesa, de onde deveria partir o ataque, era encoberta pelas matas que iam até POTREIRO PIRES.

- Por detrás das matas, LÓPEZ tomou seu dispositivo, dividindo-se em 3 grupamentos: direita, centro e esquerda.

- O efetivo de LÓPEZ em TUIUTI foi calculado em 24.000 homens, aproximadamente, sendo 6.300 à direita, 9.000 no centro e 8.700 à esquerda.

- Nas trincheiras paraguaias havia ainda uma reserva, de 10.000 homens, que LÓPEZ não empregou na batalha.

- O grupamento da direita estava sob o comando de BARRIOS; o do centro apresentaria 2 colunas, respectivamente sob o comando de DIAZ e MARCÓ; o da esquerda sob o comando de RESQUIM.

A BATALHA

- O Plano de LÓPEZ consistiu em efetuar um ataque frontal e, simultaneamente, dois outros de flanco, um pela direita e outro pela esquerda.

- Pela frente deveriam avançar DIAZ e MARCÓ, pela esquerda RESQUIM e pela direita BARRIOS, daí o dispositivo, atrás mencionado.

- BARRIOS daria o aviso para o início da ação com um

sinal quando estivesse pronto, pois teria de percorrer grande distância por dentro do mato antes de realizar seu dispositivo.

- Às 11,55 horas de 24 de maio de 1866 sobe ao ar um foguete como sinal.

- Das matas e das macegas, que ficavam à direita da posição paraguaia e à esquerda do primeiro escalão dos aliados, começam a sair os primeiros elementos da coluna de DIAZ.

- A Cavalaria vem na frente, de espada em punho e lança-se contra os aliados.

- Os batalhões uruguaios "INDEPENDÊNCIA" e "LIBERTAD" não tiveram tempo sequer para entrar em forma.

- Ao mesmo tempo é impelido para trás o 14.º de Voluntários brasileiros pertencente à Divisão VITORINO, juntando-se-lhe a bateria oriental.

- A artilharia brasileira estava porém vigilante; MALLET abre fogo contra os inimigos, tomando-os de flanco.

- A direção que seguem, a princípio, parecia indicar que o ataque era somente contra os orientais de FLORES mas eis que a cavalaria, depois de livrar-se de um esteiro à direita de FLORES, roda para esse lado, ganha terreno em nova direção e, ao chegar a altura do 1.º Regimento de Artilharia, acomete-o com toda a fúria.

- As primeiras cargas vêm morrer no fosso intransponível de MALLET, o mesmo acontece a todas as seguintes.

- "Por aqui não entram." - exclama MALLET, no auge do júbilo.

- Os esquadrões inimigos retrocedem e escoam-se para as primitivas posições.

- DIAZ em face da surpresa prossegue no ataque, buscando o flanco esquerdo do primeiro escalão dos aliados, naturalmente para o contornar e penetrar como uma cunha no dispositivo em que os referidos aliados se encontravam.

- Da mata à esquerda, não cessa o afluxo de reforços inimigos.

- SAMPAIO ACODE PRONTAMENTE COM A SUA 3.ª DI-

VISÃO, "ENCOURAÇADA" AMPARANDO FLORES; CONTRA-ATACA FAZENDO UMA INFLEXÃO PARA A ESQUERDA.

- A LUTA SUSTENTADA POR SAMPAIO TRANSFORMA-SE NUM MORTICÍNIO TERRÍVEL, EM FACE DOS CONSTANTES ATAQUES PARAGUAIOS.

- SAMPAIO CAVALGA, TRAJANDO O SEU BELO UNIFORME DE GENERAL, BORDADO A OURO, À FRENTE DE SUAS TROPAS; MANDOU ESTENDER LINHAS E AVANÇAR.

- O INIMIGO RECUOU ATÉ A MATA; VOLTOU CARRREGANDO SOBRE ESSA DIVISÃO COM UMA CORAGEM CEGA, FAZENDO-A RETROCEDER.

- APÓS 5 HORAS DE COMBATE, SAMPAIO FOI SUBSTITUÍDO NO COMANDO POR MACHADO BITENCOURT, EM FACE DOS GRAVES FERIMENTOS RECEBIDOS NA SUA HERÓICA LUTA;

“NA REGIÃO DA LAGOA DO TUIUTI, INICIOU-SE A MAIOR BATALHA CAMPAL DA HISTÓRIA DA AMÉRICA DO SUL. O GLORIOSO SAMPAIO RECEBEU O SEU PRIMEIRO FERIMENTO EM TUIUTI. O AJUDANTE DE ORDENS DO GENERAL OSÓRIO LEVOU-LHE A PALAVRA ANIMADORA DO CHEFE, ENCORAJANDO-O À REDOBRADA RESISTÊNCIA.

FERIDO JÁ PELA SEGUNDA VEZ, ENVIOU PELO MESMO MENSAGEIRO O SEGUINTE RECADO: “DIGA AO GENERAL OSÓRIO QUE ESTOU CUMPRINDO O MEU DEVER, MAS COMO JÁ PERDI MUITO SANGUE SERIA CONVENIENTE MANDAR-ME SUBSTITUIR”. E MAL PROFERIU ESSAS PALAVRAS, O GRANDE GUERREIRO FOI ALVO DO TERCEIRO PROJÉTIL E BALBUCIU: “DIGA AO GENERAL QUE ESTE É O TERCEIRO FERIMENTO”.

A VITÓRIA FORA ALCANÇADA NA PRÓPRIA EFEMÉRIDE DO NATALÍCIO DO ILUSTRE BRIGADEIRO, QUE MORREU, A BORDO DO NAVIO-HOSPITAL EPONINA, RUMO A BUENOS AIRES, EM 6 DE JULHO DE 1866.

COM O DECRETO DO EXECUTIVO FEDERAL Nº

51.429, DE 13 DE MARÇO DE 1962, FOI HOMOLOGADA A ESCOLHA DO BRIGADEIRO ANTÔNIO DE SAMPAIO COMO PATRONO DA INFANTARIA

OSÓRIO, QUE DESDE OS PRIMEIROS INSTANTES TOMARA A LIDERANÇA DA PELEJA, QUE A TUDO COORDENAVA E IMPULSIONAVA, VÊ-SE NA CONTINGÊNCIA DE REFORÇAR O FLANCO ESQUERDO DA 3.^a DIVISÃO.

- PARA ISSO DETERMINOU QUE UMA BRIGADA DA 1.^a DIVISÃO ARGOLO, SOB O COMANDO DESSE GENERAL CORRESSE PARA SUSTAR A BRECHA QUE AMEAÇAVA DILATAR-SE.

- ATRÁS DE ARGOLO, OSÓRIO ENGAJA OUTRA BRIGADA DA 4.^a DIVISÃO GUILHERME, QUE COMANDA PESSOALMENTE DIRIGINDO-SE PARA O FLANCO ESQUERDO DO PRIMEIRO ESCALÃO DO EXÉRCITO ALIADO.

- O CONJUNTO DE TROPAS QUE AÍ ATUA, TODA A 3.^a DIVISÃO (SAMPAIO-BITENCOURT), 1 BRIGADA DE ARGOLO E OUTRA BRIGADA DE GUILHERME, ALÉM DOS ORIENTAIS, DETÉM O INIMIGO E O FAZ RETROCEDER PELA BRECHA ENTRE A ESQUERDA DA ARTILHARIA ORIENTAL E A MATA.

- AO MESMO TEMPO QUE A DIVISÃO SAMPAIO ENFRENTA A LUTA À ESQUERDA, A 6.^a DIVISÃO VITORINO, FECHA A BRECHA ENTRE AS TROPAS DE FLORES E A ARTILHARIA DE MALLET.

- Assim, a frente do primeiro escalão assume consistência excepcional, frustrando o plano dos paraguaios penetrarem vitoriosos no interior da posição defensiva.

- A esse tempo o que se vinha passando no flanco esquerdo?

- BARRIOS penetrara em massa no POTREIRO PIRES, defendido pela Brigada de NETO vinda do Sul e rechaça esses fracos elementos que recuam lutando até atingir a antiga trincheira paraguaia junto a passagem no ESTEIRO BELLA-CO, ao Sul.

- OSÓRIO, sempre previdente faz convergir para o flanco esquerdo várias unidades e entrega afinal a direção da

defesa nesse flanco ao Gen MENA BARRETO, que com sua 2.^a Divisão de Cavalaria junta-se a outros elementos em luta.

- Com elementos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, atuando na direção geral leste-oeste e norte-sul, através do mato e do POTREIRO PIRES, esmaga OSÓRIO a coluna de BARRIOS.

- Quase ao mesmo tempo em que os paraguaios iniciavam o ataque contra os brasileiros, vários Regimentos de Cavalaria das forças de RESQUIM, na extrema direita aliada, fazendo um rodeio com o intento de envolver esse flanco sob cuidados dos argentinos, arrojam-se por surpresa contra a reduzida cavalaria correntina, que se encontrava a pé, e a dispersam completamente.

- O ataque generaliza-se em todo o flanco direito; forças de cavalaria e infantaria atiram-se contra o 1.º Corpo de PAUNERO.

- Um dos Regimentos de Cavalaria paraguaio logra penetrar pelo flanco direito de PAUNERO até a sua artilharia, porém é aniquilado, pelos argentinos.

- O inimigo já quebrantado pôs-se em retirada, perseguido pelos infantes argentinos.

- O Gen OSÓRIO, à frente de alguns Batalhões, corre para a direita em auxílio dos argentinos, mas verificou ao chegar que o inimigo já fugia em debandada.

- Às 16,30 horas a batalha estava terminada e constituía uma brilhante vitória dos aliados.

CONCLUSÃO

- O plano ofensivo de LÓPEZ, cujo objetivo era a destruição das forças aliadas no interior das suas posições findara em malogro.

- A defesa coordenada de maneira dinâmica por OSÓRIO, não permitiu ao inimigo nenhum êxito nas direções combinadas de ataque, quer na ruptura quer no duplo desbordamento.

- A brecha conseguida por DIAZ na esquerda foi imediatamente tamponada, graças à intervenção do comando brasi-

leiro e ao emprego judicioso da massa no momento oportuno.

- O ataque de BARRIOS pelo POTREIRO PIRES era magnífica artimanha, porque golpeava de flanco, por inteira surpresa, encontrando apoio na vegetação.

- BARRIOS foi entretanto rechaçado graças à valentia dos soldados brasileiros que mais uma vez sentiam os frutos benéficos de uma perfeita unidade de comando, na pessoa de OSÓRIO.

- Os argentinos, por seu lado fizeram frente com galhardia às investidas de RESQUIM.

- A bravura das tropas aliadas, o seu dispositivo racional em profundidade no estacionamento e a rapidez com que os escalões sucessivos foram utilizados para manter a posição mediante contra-ataques oportunos, salvaram a "ALIANÇA" de um transe verdadeiramente perigoso.

- LÓPEZ soube tirar partido inestimável do terreno para a execução do seu plano que nada mais seria do que uma combinação de manobra de ala por duplo desbordamento com uma tentativa de ruptura, em ações simultâneas, entretanto, não soube tirar partido de sua artilharia inativa durante toda a peleja.

- Segundo informações, LÓPEZ ordenara a seus generais que efetuassem os ataques de flanco com todo o vigor; pretendia assim obter uma destruição completa dos aliados, em caso de sucesso.

- Durante a batalha OSÓRIO demonstrou mais uma vez o seu valor como tático; exibiu coragem a todos pela sua atitude pessoal; exibiu sua bravura para estimular as energias; teve a sensação nítida dos pontos capitais da linha de batalha; neles concentrou esforços decisivos quebrar a arremetida dos inimigos e jogou oportunamente suas reservas.

- Foi um chefe em toda a extensão do vocábulo, chefe que se cobriu de glória e enalteceu a terra de origem.

- Os brasileiros pagaram o maior tributo entre os aliados, 719 mortos e 2.292 feridos; perderam diversos oficiais superiores e um General, o bravo SAMPAIO, comandante da 3.^a Divisão, Divisão ENCOURAÇADA.

SITUAÇÃO APÓS TUIUTI

- Depois da batalha de 24 de maio a situação dos aliados desenhava-se assim: o Exército em TUIUTI, bem ligado à sua base de operações no PASSO DA PÁTRIA; a frota de TAMANDARÉ no flanco esquerdo fundeada a 5 milhas à jusante da fortificação paraguaia de CURUZU, no lugar denominado VOLTA DO PALMAR, já dentro do Rio PARAGUAI.

- Que linhas de ação poderiam então surgir?

- Continuar o movimento do Exército na direção de HUMAITÁ, pelo caminho direto, atravessando o Esteiro ROJAS?

- Desbordar pelo flanco direito, já que no esquerdo a LAGOPIRES se opunha a qualquer progressão?

- E relativamente a Esquadra?

- Atuando isolada, subir o Rio, forçar as baterias disseminadas pelas suas margens e ultrapassar as fortificações?

- Articular bem os seus movimentos com os do Exército e o conjunto atingir o objetivo principal?

- A Batalha de TUIUTI demonstrara o poder dos aliados, mas também pusera em relevo os perigos a que se expunham penetrando às cegas em terreno que lhes era desconhecido e sem dispor dos meios adequados para uma ação decisiva.

- LÓPEZ após a batalha tratou de reconstituir o seu Exército; por maior que fosse o seu orgulho, a realidade havia patenteado de modo exuberante não lhe ser possível afrontar em campo aberto o Exército inimigo.

- Tornava-se, pois, inevitável guardar a defensiva e renunciar as operações de grande importância.

- Ocupou-se então LÓPEZ em aumentar o seu Exército e apressar as obras de fortificações e guarnecê-las com canhões de todos os tipos.

- Em meados de julho começou LÓPEZ o bombardeio do acampamento aliado, sem grandes resultados pois só a vanguarda de FLORES ficava ao alcance dos seus tiros; afora isso realizou algumas investidas sobre as posições aliadas, entre elas, a mais importante nos combates de IATAITI-CORÁ em julho de 1866, ainda que não ocasionasse danos vultosos,

acarretou perdas preciosas de vidas.

- Quanto aos aliados a situação obrigava suas forças a permanecerem em Tuiuti, aguardando o recebimento de novos meios que tornasse mais fácil o avanço para o norte, principalmente cavalos, pois a cavalaria estava praticamente desmontada.

- Em vista do precário estado de saúde, OSÓRIO foi afastado do comando do 1º Corpo sendo substituído por POLIDORO, no dia 15 de julho de 1866.

O EPÍTETO “DIVISÃO ENCOURAÇADA”

Em princípios de 1865, o general Manoel Luiz Osório ainda se encontrava em Montevideú, após a campanha de 1864 contra Oribe, no Uruguai, quando irrompeu a Guerra da Tríplice Aliança. Nomeado Comandante-Chefe do Exército Imperial que atuaria contra o Paraguai, Osório adotou, como uma de suas primeiras providências, a criação da 3ª Divisão de Infantaria (Ordem do Dia nº 3, de 4 de março de 1865), cujo comando entregou, naquela data, ao coronel Antônio de Sampaio, militar de reconhecida competência e bravura que, a 18 de abril daquele mesmo ano, foi promovido a brigadeiro.

Osório, observador atento de seus comandados, não errou na escolha do comandante da Grande Unidade que acabara de criar.

Logo após assumir o comando da 3ª Divisão de Infantaria (3ª DI), Sampaio tratou de organizá-la e adestrá-la, sem descuidar do estado sanitário da tropa, cujos integrantes estavam com a saúde abalada após as operações no Uruguai. Dionízio Cerqueira – que integrou um batalhão da 3ª DI nos combates contra Solano López – em sua obra "**Reminiscências da Campanha do Paraguai**", dá testemunho da disciplina rigorosa imposta por Sampaio, bem como de seus cuidados com o adestramento da tropa. Diz ele:

"Apesar dos rigores da estação, os nossos batalhões não tinham descanso, principalmente os que estavam sob o co-

mando do general Sampaio que, rigoroso e exigente, dava exercício uma ou duas vezes por dia."

Durante a jornada para Concórdia, na Argentina, onde os três exércitos aliados – brasileiro, argentino e uruguaio – deveriam se reunir a comando do general argentino Bartolomeu Mitre, o Paraguai já iniciara a invasão do território aliado com duas Colunas, que desciam por ambas as margens do rio Uruguai.

Para reforçar a tropa aliada comandada por Canabarro – designado para fazer frente a uma das Colunas paraguaias – Mitre acionou o IV Grupo de Voluntários da Pátria, da 5ª Brigada de Infantaria, integrante da 3ª DI. Desse modo, a Divisão de Sampaio entrou em combate ainda em território aliado.

A jornada para o terreno inimigo foi longa e penosa, um duro desafio que foi vencido com muito garbo pelos soldados.

Ao chegar às terras guaranis, a 3ª DI era vanguarda do primeiro escalão que invadiu o Paraguai, posição que assumira após Itapiru. Tropa de escol do Exército, a 3ª DI só deixaria o honroso posto após a morte de seu primeiro e maior chefe na batalha de Tuiuti.

Após a baixa de Sampaio, em 24 de maio de 1866, a 3ª DI foi comandada pelos seguintes militares: brigadeiro Guilherme Xavier de Souza, coronel Antônio da Silva Paranhos, brigadeiro Jacinto Machado Bitencourt, brigadeiro José Auto Guimarães e coronel Herculano S. da Silva Pedra.

Terminada a Guerra da Tríplice Aliança, as Grandes Unidades foram extintas, voltando o Exército a ser organizado em Batalhões, até 1908, como foi visto no capítulo anterior.

No contexto acima descrito, a primeira pessoa a citar o epíteto "Divisão Encouraçada" foi o general Dionízio Cerqueira – veterano da batalha de Tuiuti – em sua obra "**Reminiscências da Campanha do Paraguai**", publicada 45 anos após a Guerra da Tríplice Aliança.

Assim, em 1910, Dionízio Cerqueira, baiano, alferes do 4º Batalhão de Infantaria, da 5ª Brigada de Infantaria, da 3ª DI – que havia sido Ministro da Guerra interino em 1896, com Prudente de Moraes – lançou, na França, a 1ª edição de sua

obra que seria reeditada por diversas vezes pela BIBLIEx.

Em carta dirigida ao professor Pedro Calmon, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o então tenente-coronel Cláudio Moreira Bento, instrutor de História Militar da AMAN, após estudo acurado do assunto, formulou as seguintes hipóteses acerca do surgimento do epíteto "Divisão Encouraçada":

a) Em razão do destacado, comovente e decisivo papel desempenhado pela 3ª DI sob o comando de Sampaio que, numa resistência a todo custo, contra cerca de 10.000 adversários, pagou o pesado tributo de 33% das baixas brasileiras (26% das aliadas).

b) Em razão de ser uma tropa de escol muito bem instruída e comandada, que não descurava de seu preparo nas situações mais críticas. Dionízio Cerqueira não faz referência à "Divisão Encouraçada" antes de Estero Bellaco. Até então, só cita a Divisão de Sampaio.

c) Em função de ter sido escolhida como tropa de escol do Exército para formar no primeiro escalão da invasão do Paraguai, em Passo da Pátria, e ter se destacado na tomada do forte de Itapiru, onde a bandeira do 6º Batalhão de Infantaria (hoje Batalhão Pirajá) foi colocada em substituição à bandeira adversária. Em seguida, por conduzir os presidentes Mitre (Argentina) e Flores (Uruguai), bem como o general Osório, a reconhecimentos nos campos de batalha, durante quatro dias, em formação de quadrados para proteção, à semelhança de um encouraçado naval.

O coronel Bento, atual Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, considera esta última como sendo a hipótese mais provável, uma vez que Dionízio Cerqueira só se refere à "Divisão Encouraçada" depois de Estero Bellaco e as campanhas de reconhecimento mencionadas.

Ademais, na mesma carta, o coronel Bento afirma a Pedro Calmon que a Divisão Encouraçada constitui fato tradicional para o Brasil, mas ainda não histórico.

É tradicional, porque vem sendo enfatizado no seio do Exército Brasileiro desde 1910, no culto às tradições militares.

Ainda não é histórico, por não ser mencionado em nenhum documento da época ou em obras históricas acerca do assunto, como a de Bormann, Fernando Luiz Osório, Tasso Fragoso, Barão do Rio Branco, Francisco Ruas Santos e Pedro Calmon.

Assim, não é histórico, por não ter sido um fato público amplamente testemunhado, mas poderá tornar-se histórico, desde que decorram 100 anos a partir de sua repetição tradicional, sem que historiadores brasileiros venham a contradizer Dionízio Cerqueira. Isso ocorrerá por volta de 2010.

Trascreve-se a seguir, em parte, estudo sobre a Divisão Encouraçada feito pelo então Ten Cel Cláudio Moreira Bento como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a pedido de seu presidente Dr Pedro Calmon e que lhe fora encaminhado pelo C Doc a pedido do comandante da 3ª DE Gen Div Mario de Mello Matto.

A Divisão Encouraçada na Guerra do Paraguai

Durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, a 3ª Divisão de infantaria ao comando do Brigadeiro Antônio de Sampaio, nosso heróico e valoroso patrono, recebeu dos soldados brasileiros o carinhoso apodo de “Divisão Encouraçada”, segundo o escritor Dionízio Cerqueira, que a integrou como alferes na Batalha de Tuiuti de 24 de maio de 1866.

No sentido de dar continuidade aquela bela tradição, por recente ato ministerial, a 3ª Divisão de Exército, sediada em Santa Maria-RS, recebeu a denominação histórica de “Divisão Encouraçada”. Para maior difusão das glórias justamente conquistadas pela 3ª Divisão de Infantaria – a “Divisão Encouraçada” – e seu heróico e modelar comandante no conflito

citado, esta revista transcreve a seguir ofício do Ten. Cel. Eng QUEMA Cláudio Moreira Bento, instrutor de História Militar da AMAN, dirigido ao Professor Pedro Calmon, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na condição de sócio dessa benemérita e sesquicentenária entidade – a Casa da Memória Nacional.

Ofício do Ten Cel Bento ao Dr Pedro Calmon Presidente do IHGB

“Ao Sr Presidente” - Professor Pedro Calmon

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Em atendimento ao despacho de V. Excia. ao ofício da referência, depois de proceder pesquisas, passo a responder os quesitos formulados no nº 3 do referido documento, assinado pelo Exmo. Sr Gen. Bda Luiz da Silva Vasconcellos, Diretor do Centro de Documentação do Exército, referente à 3ª Divisão de Infantaria, integrante do 1º Corpo de Exército e comandada pelo Brigadeiro Antônio de Sampaio, do início da Guerra da Tríplice Aliança até a Batalha de Tuiuti, de 24 de maio de 1866. Nas expressões entre parênteses prestarei esclarecimentos elucidativos.

1 - “Como surgiu o epíteto “Divisão Encouraçada”? (1º quesito)

Resposta: Surgiu escrito em 1910, na 1ª edição, na França, na obra **Reminiscências da Campanha do Paraguai** de autoria de Dionízio Cerqueira, baiano, alferes do 4º BI da 5ª Bda Inf. da 3ª Divisão de Infantaria em Tuiuti. O referido autor, em 1896, foi Ministro da Guerra Interino, por duas vezes, do Presidente Prudente de Moraes. Antes comandou a Escola Militar de Porto Alegre no Casarão da Várzea durante a Revolução Federalista 1893/95. (conforme foi abordado pelo Cel Bento em parceria com o Cel Caminha, na História do Casarão da Várzea 1885/2009 e onde Dionízio Cerqueira foi sintetizado pelo acadêmico Cel José de Sá Martins como o seu patrono de cadeira na AHIMTB) Referências de Dionízio Cer-

queira com apoio na 4ª edição de **Reminiscências**; em 1958 pela BIBLEx.:

a) Logo após o combate de Estero Belaco, de 2 de maio de 1866, como integrante do 1º Regimento de Artilharia de Mallet, o “Boi de Botas” expressão que refere na ocasião: “A ideia de passar para Infantaria não abandonava. Esta arma exercia sobre mim indizível fascinação. Quando passava um daqueles belos batalhões da divisão Sampaio, a Encouraçada, como lhe chamavam os soldados, de bandeira desfraldada, os pelotões alinhados, guardando bem as distâncias, marchando airosos e elegantes, ao som alegre de um dobrado vibrante, não me podia conter; e punha-me a marcar passo. Olhando, com inveja, para aquelas fileiras garbosas. No dia 04 de maio (20 dias antes da Batalha do Tuiuti) pedi transferência para o 12º BI o “Treme-Terra” (da 5ª Bda da 3ª DI). Custava-me deixar o regimento onde comandante, o velho Mallet, tipo do verdadeiro soldado, a par da disciplina rigorosa com que exigia o cumprimento dos nossos deveres, tratava-nos com bondade paternal e, em lugar de procurar humilhar-nos e abater nosso espírito militar, como outros, nos confortava com seu másculo exemplo e nos guiava com seus nobres conselhos. Tive de obedecer porém ao meu destino, devia ser infante. A baioneta e a carabina me haviam enfeitiçado” op. cit., p 189 (o autor refere expressão “Boi de Botas” como era conhecido o Regimento Mallet às pg. 67 e 184).

b) Ao ser promovido a alferes por volta de 10 de maio, (914 dias antes de Tuiuti) e ser designado para o 4º BI da 5ª Bda da 3ª Divisão de Sampaio, depois de haver pertencido por pouco tempo ao 12º BI da referida Bda – o Treme-Terra. “Nesta mesma tarde, já ao por do sol, fui apresentar-me ao General Sampaio, comandante da 3ª Divisão, a Encouraçada... O ilustre general, glória do Exército pelo valor e amor à disciplina, estava completamente uniformizado de baixo de sua ramada, lendo uma história de Napoleão, seu capitão modelo. Quando me viu fechou o livro, marcando-o com o indicador da mão esquerda. Adiantei-me e perfilei-me levando a mão à pala do boné e disse:

Pronto, senhor general, venho apresentar-me a V. Excia. por haver sido promovido para 4º de Infantaria.

O velho soldado mirou-me de alto a baixo, e eu firme como uma estaca. Parecia haver simpatizado comigo, porque disse em tom afetuoso:

- Estimo muito, senhor Alferes. Apresente-se à Bda (a 5ª Bda que Sampaio comandava desde Bagé em 1864 com denominação de 3ª Bda). Depois quase sorrindo perguntou-me: Você é filho do Ceará?

- “Achou-me talvez com cabeça chata.

Não, senhor general, sou baiano. E quase acrescentei – por graça de Deus. Despediu-me com nobre senso de bondade.

Foi a primeira e última vez que tive oportunidade de falar com aquele exemplar homem de guerra”.

c) No dia 20 de maio de 1866, na região onde teria lugar 4 dias depois a batalha de Tuiuti e integrando o 4º BI da 5ª Bda da 3ª Divisão.

“À tarde seguimos para o nosso posto na extrema esquerda da vanguarda, onde a valente Divisão Encouraçada deveria, quatro dias depois, cobrir-se de imorredoura glória”.

2- Outras referências de Dionízio Cerqueira à 3ª Divisão e a seu comandante, o Brigadeiro Sampaio, antes de Estero Belaco ou a 2 de maio de 1866, quando referiu pela primeira vez a Divisão Encouraçada”.

a) Ainda no Rio Grande do Sul, antes da invasão do Paraguai comentando sobre o que denomina “nosso pequeno e mal aparelhado Exército”.

“Toda aquela paisagem em cujo olhar brilhava o fogo patriótico, tinha somente para lhe servir de modelo o pequeno núcleo formado pelas forças que estacionando na guarnição no Rio Grande, invadiram o Estado Oriental Pelejatamam em Paisandu (Sampaio aí comandou a 3ª Bda Inf. desde Bagé integrada pelos 4º, 6º e 12º batalhões citados acompanham Sampaio desde Bagé até Tuiuti). E prossegue Dionízio Cerqueira:

“Eu olhava com respeito para esses veteranos que haviam afrontado a morte pela Pátria e esperava a minha vez de dizer: - Já entrei em fogo para defendê-la.

Alguns tinham as mais honrosas tradições da disciplina e valor, que lhe advieram de seus grandes comandantes. O 3º, o 4º, o 6º, o 12º e 13º rivalizavam no garbo, quando manobravam, na limpeza, na firmeza, na disciplina e na instrução tática.

O 12º tinha o apelido de **Treme-Terra** porque diziam os veteranos, quando marchava em coluna cerrada ou dava uma linha de carga à baioneta, o chão estremecia. Ao 13º deram o nome de **Arranca-Toco**, porque era como as antas das florestas, nada resistia aos seus embates, e os pés nus e robustos passavam incólumes sobre espinhos, tremedais, pedras cortantes e areais abrasados pelo sol e pelo verão”. (Os batalhões 4º, 6º e 12º acompanharam Sampaio de Bagé com a Infantaria. por eles integrada e que cumpriu papel destacado em Paissandu, em 31 de Dezembro de 1864 e 1º de Janeiro de 1865.

Com referidas unidades integrando a 5ª Bda Inf. sob seu comando, entrou triunfalmente em Montevidéu no início de fevereiro de 1865. Ao receber o comando da 3ª Divisão – a “Encouraçada” – desde Montevidéu, em março de 1865, ela seria integrada pela 5ª Bda (4º, 6º e 12º BI) que comandara, mais a 8ª Bda Inf. (8º, e 16º BI e 10º Bi VP). VP=Voluntário da Pátria.

O 3º BI citado integrou a 5ª Bda da 3ª Divisão na Batalha de Tuiuti em substituição ao 12º, que chegou neste dia a 13ª Bda de Inf. da 4ª Div. O 13º BI partiu de Jaguarão para a guerra contra Aguirre mas não chegou a integrar a “Divisão Encouraçada.”

a) Referindo-se ao uniforme:

“Não dir-se-ia o uso do Chiripá em nossa Cavalaria, e o ponche-pala, eram peça regulamentar do uniforme. Desde o general em chefe até as suas ordenanças usavam-no todos. O próprio general Sampaio que podia ser apontado como modelo em qualquer exército, ainda o mais rigoroso na disciplina, usava muitas vezes o seu “vicunha”, de cor amarelada, sobre a farda bordada a ouro.”

a) Na época da junção dos exércitos aliados no Juqueri - Chico em pleno rigor da estação invernososa:

“Apesar dos rigores da estação os nossos batalhões não tinham descanso; principalmente os que estavam sob o comando de general Sampaio que rigoroso e exigente, dava exercício uma e duas vezes por dia. Era preciso instruir aqueles soldados bisonhos, mas de boa vontade e animados pelo amor da pátria, que os fez praticar façanhas imortais”.

b) Na marcha para Mercedes no Arroio Mandisovi:

“Mal chegávamos ao acampamento, depois de uma marcha, às vezes bastante penosa, através de campos encharcados e banhados intermináveis: ouvia-se o “Para quem quiser” da Divisão do general Sampaio. Logo depois o segundo toque de formatura e avançar. Saíam os belos batalhões, ora em exercício de pelotão, ora manobrando inteiros, garbosos e corretos, às vezes estendiam-se em linhas de atiradores executando os movimentos a toque de corneta.

Os Corpos de Voluntários da Pátria VP, já rivalizaram com velhos de Linha, onde os soldados grisalhos ostentavam sobre os peitos robustos as medalhas de "Caseros" (estas evoluções, segundo Dionízio Cerqueira p.88 eram as **Ordenanças para a Arma de Portugal**, introduzidas com a adaptação em nosso Exército, em 1861, por Caxias como Ministro de Guerra. Não as instruções de Zagalo e Mundim Pestana, confirmação do que tratamos na **Revista Infantaria** nº 13, 1978 – AMAN, em artigo “História da Doutrina da Infantaria Brasileira”).

3- Referência à 3ª Divisão em Tuiuti, como tropa de escol do Exército.

“Sampaio cavalgava, trajando o seu belo uniforme de general, bordado a ouro, à frente de suas tropas: Mandou estender linhas e avançar. O nosso ímpeto foi violento. O inimigo recuou até a mata. Voltou, depois, e carregou sobre nós com bravura. Retrocedemos pelejando... Sampaio fora ferido gravemente e o meu comandante também estava fora. A 3ª Divisão, que resistiria heróica a dez mil homens e todos, modéstia à parte, consideravam-na o escol do Exército. (A divisão era considerada de fato a tropa de escol). Em apoio ao depoi-

mento de Dionízio Cerqueira e em referência a obra de Tasso Fragoso em sua **História da guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai**. BIBLIX, 1957, 2ª ed. v.2 podemos afirmar sobre a 3ª Divisão:

a) Integrou a tropa de 1º escalão na invasão do Paraguai em Passo da Pátria com a seguinte composição e efetivo:

3ª Divisão – General Sampaio

5ª Bda – Cel Oliveira Belo

4º BI, 26 oficiais, 554 praças – total 580

6º BI, 32 oficiais, 627 praças – total 659

12º BI, 25 oficiais, 521 praças – total 546

4º BVP 43 oficiais, 490 praças – total 533

16º BVP 43 oficiais, 413 praças – total 456

8ª Bda – Cel José Silveira

8º BI 19 oficiais, 499 praças, - total 518

16º BI, 33 oficiais, 535 praças, - total 568

10º BVP 33 oficiais, 535 praças – total 568

b) Constituiu a 3ª DI a tropa de vanguarda, de Itapuru até Tuiuti, com a finalidade de reconhecimento do terreno à frente. E foi acompanhada pelos presidentes Bartolomeu Mitre da Argentina e Venâncio Flores do Uruguai, general Osório e mais dois batalhões orientais e uma bateria brasileira. Esta situação perdurou até 20 de abril daquele ano.

c) Constituiu-se no ponto-chave da defesa aliada em Tuiuti, em 24 de maio de 1866, e o fator decisivo para a vitória. Ali atuou com a seguinte composição:

3ª Divisão – General Sampaio

5ª Bda cel Oliveira Belo

3º BI – TC Frederico de Mesquita

4º BI – TC Pereira Carvalho

6º BI – TC Antônio Silva Paranhos

4º BVP – TC Dr. Pinheiro Guimarães (ferido)

7ª Bda Cel Machado Bitencourt

1º BI – Maj. Guimarães Peixoto (atual BI Sampaio) (ferido)

6º BVP – Major Agnelo Valente

9º BVP – TC José Oliveira Bueno

11º BVP – Maj. Cavalcanti de Albuquerque

Observações: No primeiro contra-ataque de Sampaio em Tuiuti, ele engajou toda 7ª Bda acima citada, reforçada pelo 4º BI VP da 5ª Bda. A seguir destacou suas unidades de escol, os 3º, 4º, e 6º para proteger a bateria oriental. A 8ª Bda de Inf., que integra a 3ª Divisão de Montevideú até Itapuru e que fora treinada por Sampaio, teve o seguinte emprego: O 8º e 16º lutaram no primeiro escalão com a 1ª Divisão de Argolo. E o 10º VP e o 46º VP foram empregados ao sul. A 3ª DI, foi reforçada pelo 19º VP da 4ª DI. (Interpretação com apoio em Tasso Fragoso).

Nesta batalha ocorreram 3.011 baixas de brasileiros, das quais 1.033 só da 3ª Divisão de Sampaio, a “Encouraçada”, ou cerca de 33% das baixas brasileiras ou 26% das baixas aliadas.

Somente o 4º BI VP de sua 5ª Bda, sob o comando do intrépido médico TC Dr. Pinheiro Guimarães, sofreu cerca de 60% de baixas, 43 mortos e 143 feridos.

4- Referência à 3ª Divisão em Tuiuti, como tropa de escol do Exército.

- O primeiro a citar o epíteto “Divisão Encouraçada” foi o general Dionízio Cerqueira, veterano da referida Divisão na Batalha de Tuiuti em sua obra: **Reminiscências da Campanha do Paraguai** escrita e publicada 44 anos após a guerra da Tríplice Aliança.

- Sobre o surgimento do epíteto “Divisão Encouraçada” entre soldados brasileiros na Guerra da Tríplice Aliança formulamos as seguintes hipóteses:

a) Haver sido em razão do destacado comovente e decisivo papel desempenhado pela 3ª Divisão de Infantaria sob o comando de Sampaio que, numa resistência todo custo, contra cerca de 10.000 adversários, pagou o pesado tributo de 33% das baixas brasileiras ou 26% das aliadas. Aí teríamos que admitir uma falha de memória de Dionízio Cerqueira, 44 anos após. E além por ter sido por ser tropa de escol muito bem instruída e comandada e que não descurava de sua

instrução nas situações mais críticas. Dionízio não refere a “Divisão Encouraçada” antes de Estreito Bellaco e somente à Divisão Sampaio.

b) Haver sido escolhida como tropa de escol do Exército para formar no 1º escalão da invasão do Paraguai, em Passo da Pátria e se destacado na tomada do forte de Itaipuru onde a bandeira do 6º BI (atual Batalhão Pirajá) foi colocado em lugar da bandeira adversária pelo chefe da Comissão de Engenheiros de nosso Exército. Em seguida, por levar em reconhecimentos para o norte, durante quatro dias, em seu bojo e protegida por seus quadrados, à semelhança de um encouraçado naval, os presidentes Mitre e Flores e o General Osório. Isto até 20 de abril, cerca de 12 dias após é que Dionízio Cerqueira irá referir pela primeira vez a “Divisão Encouraçada” como era conhecida pelos soldados. Segundo Tasso de Fragoso a 3ª Divisão não atuou em Estero Bellaco.

Julgo como hipótese mais provável a constante na letra b.

- Argumentos: com a 3ª Divisão desde o Uruguai até Tuiuti, como integrante do 1º Corpo de Exército só passou a tratar a 3ª Divisão de Encouraçada após Estero Bellaco depois da mesma haver desempenhado papel destacado de 1º escalão na invasão e vanguarda de 16 a 20 de abril de 1866.

5- Não referem sobre o epíteto Divisão de Encouraçada as seguintes obras brasileiras principais sobre o conflito:

- Igualmente não consta referência nenhuma ao epíteto “Divisão de Encouraçada” na obra histórica clássica sobre esta guerra de autoria de Tasso Fragoso bem como no índice analítico de sua edição, organizado em 1958 pelo nosso ilustre confrade nesse IHGB, o atual coronel Francisco Ruas Santos.

- Não referem igualmente ao epíteto as seguintes obras de autores civis e que mais tem prestigiado e divulgado e valorizado os efeitos e glórias militares do Brasil:

- Barão do Rio Branco, **Efemérides brasileiras**. Rio de Janeiro : MRE, 1951.

- Calmon, Pedro, **História do Brasil**, Rio de Janeiro: Cia Ed. Nacional, 1943 (Brasília) v. 4, p. 449.

b) - Qual a repercussão deste cognome no seio do povo brasileiro e em particular no seio do Exército, considerada a época do fato evocado?

Resposta: Tem sido grande a repercussão do cognome no seio do povo brasileiro e em particular no Exército pelos seguintes motivos:

1- O escritor Gustavo Barroco, membro da Academia Brasileira de Letras e grande preservador, cultor e divulgador dos feitos, glórias e tradições militares brasileiras, imprimiu ênfase ao cognome nas seguintes obras de sua autoria, após consultar a obra de Dionízio Cerqueira.

- **A Guerra de Flores** – São Paulo: Cia. Ed.. Nacional, 1930 – 2ª ed. P. 100.

- **A Guerra de Lopes** – São Paulo, Cia . Ed. Nacional, 1929 – 3ª ed. P. 137

- **O Brasil em face do Prata** – Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930, p. 57

As duas primeiras obras tiveram repercussão nacional. A primeira com duas edições e a segunda com três

2- O TC Cav. José Lima Figueiredo, destacado escritor militar e membro do Gabinete do Ministro da Guerra – General Eurico Gaspar Dutra, deu bastante divulgação nos meios civil e militar do Brasil do cognome, através das três edições de sua obra.

Figueiredo, Lima “**Grandes soldados do Brasil**” Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1944, 3ª ed., p. 27.

“Quando o chefe é bom , a tropa colhe, fartamente, louros: porém não tem um momento de descanso – todo o trabalho difícil, áspero, perigoso é dado a ela . a Divisão Sampaio não parava, e tal era seu desprezo pela saraivada de metralha que recebeu o cognome de Encouraçada”

O escritor carioca general R-1 médico Olyntho Luma Freire do Pillar, desde 1966, vem dando bastante divulga-

ção, em todo o Exército, ao cognome “Encouraçada” através de seu livro muito consultado: **Os Patronos das Forças Armadas**, 1966.

A 3ª Divisão que viria a ser conhecida por “Divisão Encouraçada”, tal o vigor de verdadeira muralha contra os projéteis inimigos, rumou para a campanha do Paraguai em 1886. A passagem do Paraná, a 16 de abril; a batalha da Confluência no dia seguinte; e a de Esteiro Bellaco, a 24 (2 maio), foram feitos gloriosos que mereceram justos encômios de superior hierárquico, conforme Ordem do dia nº 152”.

O brigadeiro Sampaio à frente da 3ª Divisão deteve os ataques paraguaios, enquanto o Tenente-coronel Mallet, fazendo troar seus terríficos canhões, exclamava: - por aqui não passam! Infelizmente o inimigo logrou, por descuido da testa argentina, infiltra-se até as proximidades da Divisão Encouraçada”.

Em 23 de maio de 1971 o jornal **Diário Popular** de Pelotas publicava artigo de nossa autoria sob o título “Sampaio – o sertanejo cearense que foi um dos maiores generais do Brasil” na qual a certa altura referímo-nos:

“Em outubro de 1865 vamos encontrar Sampaio no comando da 3ª Divisão de Infantaria, composta de 4.400 infantes. Esta divisão marchou até Tuiuti deixando em sua esteira um rosário de glórias – e local onde passaria à História como “Divisão Encouraçada” e o sertanejo de Tamboril como o Bravo dos bravos de Tuiuti.

Por ocasião do Dia da Infantaria em 1971, na área do IV Exército e comemorado em Tamboril – CE, terra natal do Patrono da Infantaria, foi distribuída entre o povo literatura de cordel de autoria do poeta popular nordestino Lourival Batista. Com apoio em artigo do Ten Cel Bento no **Jornal do Commercio** do Recife O referido trabalho assim se expressava a certa altura:

“Entre corpos dos infantes
Feridos, mortos também
Da Divisão Encouraçada
Que a Pátria fez tanto bem

Aos vinte e quatro de maio
Com o exemplo de Sampaio
A grande glória vem
Foi recolhido nos braços
Dos soldados de ação
Todos se achavam presos
De incontida emoção
Seu heroísmo não falha
Retirado da batalha
Com grande consternação

Conclusão: Pelo que acabamos de expor acreditamos, salvo melhor juízo, que o cognome “Divisão Encouraçada” ou sua variante moderna “Couraçada” tem repercutido significativamente no Exército e com menor intensidade entre o povo brasileiro, embora sua origem seja popular, por ser de inspiração dos soldados na guerra e não oficial na mesma e por esta razão haver sido omitida dos relatos oficiais.

c) – Constituiu-se em fato tradicional e histórico para nosso país a Divisão Encouraçada?

Resposta: Constituiu-se a Divisão Encouraçada para nosso país em fato tradicional mas não histórico.

Razões: É tradicional porque vem sendo repercutido intensamente, desde 1910, em quatro edições da obra **Reminiscências da Campanha do Paraguai** por Dionízio Cerqueira, o único a mencionar o fato e após 45 anos de ocorrido.

É tradicional porque desde 1910 vem sendo repetida no Exército, através de trabalhos sem pretensão histórica e de enfoque de culto de tradições militares.

Não é histórico por não ser mencionado em nenhum documento da época ou em obras históricas do Marechal Bormann, Fernando Luis Osório, Tasso Fragoso, índices de Ruas Santos, Barão de Rio Branco e Pedro Calmon já referidos.

Não é histórico por não haver sido um fato público amplamente testemunhado.

Poderá tornar-se histórico se depois de 100 anos, por

exemplo, ou por volta do ano 2010, se historiadores brasileiros não vierem a contradizer Dionízio Cerqueira.

É oportuno e válido perpetuar o epíteto Divisão Encouraçada, através de uma denominação histórica especialmente visando ao espírito de corpo da Divisão galardoada e o destaque dos feitos heróicos no âmbito do exército?

Resposta: Por ser fato tradicional e não histórico ainda, é oportuno e válido perpetuar o epíteto Divisão Encouraçada galardoando, em caráter provisório e não em definitivo, uma das divisões brasileiras que melhores condições reúna para recebê-lo. O epíteto passaria a ser em caráter definitivo quando, por não contestação, ele viesse a se transformar em fato histórico. O caráter provisório permitiria um recuo em caso de contestação de epíteto, com apoio em outras fontes, até o presente, porventura inéditas.

2- Integraram a 3ª Divisão de Infantaria de Sampaio, a “Encouraçada”, da Invasão do Paraguai até Tuiuti, as seguintes unidades: Os 1º, 3º, 4º, 6º e o 12º batalhões da Infantaria. Voluntários da Pátria - os 4º, 6º, 9º e 19º batalhões.

Sobre os batalhões de 1ª Linha a Seção de Histórico de Unidade do C Doc. Ex, possui condições para confirmar quais as unidades que por transformações sucessivas são herdeiras das tradições daquelas unidades. Impõe-se, igualmente, pesquisas nas Ordens de Dia do 1º Corpo de Exército para determinar-se a procedência local e provincial dos batalhões dos Voluntários da Pátria 4º, 6º, 9º, 16º, e 19º que integravam a 3ª DI de Sampaio. Este subsídio poderá ajudar a esclarecer qual a Divisão que melhor merece o galardão (Hoje a História da 6ª DE Voluntários da Pátria 2001, de nossa autoria com parceria do acadêmico da AHIMTB e 2º Presidente do IHTRGS responde esta questão).

Cláudio Moreira Bento

“Sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”
(hoje sócio emérito desta entidade a Casa da Memória Nacional)

BRIGADEIRO ANTÔNIO DE SAMPAIO

(1810-1866)

(Síntese curricular do herói na forma dos currículos de oficiais gerais que a AHIMTB e IHTRGS elaboram no Projeto História do Exército na Região Sul).

Comandou a 3ª Divisão de Infantaria de 18 de fevereiro de 1865 a 24 de maio 1866.

Nasceu em Tamboril – CE, em 24 de maio de 1810, filho de Antônio Ferreira Sampaio e D. Antônia de Souza Araújo Chaves. Casou em 1849, aos 34 anos no posto de capitão, em Jaguarão, com D. Júlia Santos Miranda natural de Canguçu onde a conheceu e de cujo consórcio nasceram 4 filhos, dos quais três morreram jovens e sua filha D. América Conceição Andrade, nascida em 1851, faleceu em Porto Alegre em 1935, com 84 anos, deixando descendentes e doando ao Estado do Ceará as condecorações paternas que preservara. Deixou também descendência em Tamboril representado em 1971, por seu bisneto Antônio Sampaio.

Sua carreira foi feita no serviço de tropa, de soldado a brigadeiro de 1830 a 1866 durante 36 anos.

Como praça ingressou no Exército como voluntário no 22º Batalhão de Infantaria em Fortaleza.

Participou das seguintes operações de guerra com o seu Batalhão 1º Combate a Cabanagem, no Pará, a Balaiada no Maranhão, a Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul, Revolução Praieira em Pernambuco e nas Guerras externas contra Oribe e Rosas 1851-52; Guerra contra Atanásio Aguirre no Uruguai em 1864 e Guerra do Paraguai de seu início até a batalha de Tuiuti de 24 de maio de 1866.

Serviu como **praça** no 22º Batalhão de Caçadores.

Serviu como **oficial subalterno** e **capitão** nos 22º Batalhão de Caçadores, 4º Batalhão de Fuzileiros destacado em Jaguarão, 2º Batalhão de Infantaria no Rio de Janeiro, 5º Batalhão de Infantaria em Pernambuco (adido).

Como **oficial superior** serviu na 4º Brigada, no Uruguai na Guerra contra Oribe e Rosas, como adido ao 7º Batalhão de In-

fantaria e na Divisão Brasileira na Batalha de Monte Casero 2 de fevereiro de 1852, no 2º Batalhão de Infantaria em Montevideu e 3ª Brigada até ser esta dissolvida, 4º Batalhão de Infantaria em Caçapava, como seu comandante até 1853. Comandante de Batalhão da Divisão Auxiliadora que foi solicitada internar-se no Uruguai, na Divisão de Observação no Brasil, no 6º Batalhão de Infantaria com o qual desalojou de São Borja, força de 6.000 paraguaios que a haviam invadido, comando do 6º Regimento de Infantaria em Bagé e a seguir no comando interino da 2ª Brigada e da Guarnição e Fronteira de Bagé em 1861 como tenente coronel e por três semanas.

Coronel recebe o comando de uma Brigada para atacar a cidade de Paissandu no Uruguai.

Como oficial General comandou a 3ª Divisão de Infantaria de Montevideu até Tuiuti.

Exerceu as seguintes comissões - fora do Exército.

Ajudante de Ordens do Governador do Ceará.

Comandante do Corpo Policias da Corte

Foi agraciado com as seguintes condecorações:

Oficial da Imperial Ordem da Rosa, Cavaleiro, em 1854, da Ordem de São Bento de Aviz (1856), Oficial da Ordem Imperial do Cruzeiro (1865), Comendador da Imperial Ordem da Rosa (1865), Medalha da Campanha do Uruguai (1852) e Medalha da Campanha de Buenos Aires (1952).

(Nota: O autor estuda esta condecorações em seu trabalho **Moedas de Honra** em Livros no site da Academia de História Militar Terrestre do Brasil; www.ahimtb.org.br).

Sua carreira teve o seguinte curso: Praça Voluntária em 17 de julho de 1630; Alferes confirmado em 2 de setembro de 1839; Tenente, 2 de dezembro de 1839; Capitão, 11 de setembro de 1843; Major, 29 de julho de 1852 (Merecimento); Tenente Coronel 2 de dezembro de 1855 (Merecimento); Coronel, 2 de dezembro de 1861 (Merecimento); e Brigadeiro em 18 de fevereiro de 1865.

Falecimento em 6 de julho de 1866, a bordo do vapor Eponina por 3 ferimentos a bala recebidos frente a 3ª Divisão de Infantaria a seu comando.

Seus restos mortais foram transportados e sepultados em

Buenos Aires. E para o Brasil depois de mais de três anos. Inicialmente foram depositados no Arsenal de Guerra do Rio e depois na Igreja do Bom Jesus do Asilo Inválidos da Pátria. Dali foram enviados para Fortaleza e sepultados no cemitério São João Batista em 25 out. 1873. E dali removidos foram colocados em seu Panteon junto da Fortaleza N. S. de Assunção, onde iniciara a sua carreira.

**COMEMORAÇÃO DO DIA DA INFANTARIA
EM TAMBORIL EM 24 MAIO 1971
PELO 4º BATALHÃO DE CONSTRUÇÃO
DE CRATEUS - CE
DO 1º GRUPAMENTO DE ENGENHARIA
DE CONSTRUÇÃO**

**Programa de Visita do Exmo Sr Gov. do Estado
e Exmo Sr Gen Cmt do IV Ex**

DIA	HORA	ATIVIDADES
MAIO	07:50	<ul style="list-style-type: none"> - Honras Militares - Cumprimentos das Autoridades Locais - Deslocamento para o Palanque
17 Segunda Feira	08:00	<ul style="list-style-type: none"> - Hasteamento da Bandeira Nacional pelo Sr Gov. - Oração de um escolar de Tamboril - Leitura do boletim da 10ª RM alusivo a data - Entrega das Bandeiras Nacionais ofertadas pela 10ª RM as duas escolas locais - Oração do Sr Gov. do Estado - Deposição de uma coroa de flores no busto do Gen. Sampaio pelo Prefeito de Tamboril - Entrega dos prêmios aos vencedores do concurso literário - Desfile - Cia. (-) 4º B Cmt - Grupamentos Escolares - Grupamento montado de vaqueiros - Demonstração do pelotão especial - Deslocamento para a propriedade do Sr Prefeito de Tamboril - Churrasco para a comitiva e convidados especiais

Detalhes são apresentados no Álbum de ilustrações com legendas ao final.

DIA DA INFANTARIA EM TAMBORIL

24 DE MAIO DE 2009

No dia 23, em Crateús, no quartel do 40º Batalhão de Infantaria – “Guardião do Berço de Sampaio” foi realizada formatura homenageando o Patrono da Arma, sob a presidência do Gen Ex Cerqueira – Cmt de Operações Terrestres, e que contou com as presenças dos Gen Ex Jarbas - Cmt Logístico, Gen Ex Marius - Cmt Militar do Nordeste, Gen Ex R1 Gazzineo – Presidente da Legião da Infantaria do Ceará, Gen Div Carulla - Cmt da 10ª RM, Gen Div Ananias – Cmt da 7ª RM/7ª DE, Gen Div R1 Lima Verde – Coordenador da Comemoração Nacional da Infantaria, Gen Bda Wellington – Ch EM/CMNE, Gen Bda Vasconcellos – Cmt da 10ª Bda Inf Mtz, Gen Bda Carvalho – Cmt da 7ª Bda Inf Mtz.

Já no dia 24, no Parque Gen Sampaio em Tamboril foi realizada a formatura da Comemoração Nacional da Infantaria, homenageando o Brigadeiro Antônio de Sampaio em sua terra natal, no seu 199º Aniversário. A solenidade contou com a presença de descendentes do Patrono, do Prefeito Municipal, autoridades municipais e o público local, e foi encerrada com desfile dos Infantes da Ativa e da Reserva e de tropa do 40º BI.

Alguns detalhes constam do Álbum de fotos com ilustrações e legendas. (Fonte site da Legião de Infantaria do Ceará)

AS LEGIÕES DE INFANTARIA DO BRASIL

A partir de 15 outubro de 2002 teve início a criação de Legiões de Infantaria pelo Brasil afora, tendo por objetivo manter acesos e vivos os valores históricos do soldado brasileiro de Infantaria e promover a integração dos infantes de todos os tempos.

Foi o seu idealizador e incentivador o Gen. Ex Augusto da Silva Neto, tendo como seu primeiro presidente de Honra o

Gen Ex Paulo Campos Paiva, hoje falecido. Estudamos o General Campos Paiva em **Comando Militar do Sul 4 décadas de História 1953 – 1995 e Antecedentes**. Porto Alegre: CMS, 1995. p. 219/220 e 243 e Fotos).

O atual presidente de Honra e o Gen Ex Reinaldo Quintas Magioli, Ministro do STM que estudamos em **3ª Bda CMec – Brigada Patrício Correia Câmara**. Porto Alegre. Ed Palloiti, 2002, p. 230/232 e, em parceria com o Cel Inf. Luiz Ernani Caminha Giorgis.

A Legião de Infantaria concede um brasão aos que atingiram 50 anos como infantes. A partir de 2002 a Legião edita o seu informativo **O Legionário**.

Hoje a Legião existe nas seguintes guarnições com datas de criações:

Porto Alegre (2002), Santa Maria (15 out. 2002), Cuiabá (15 abr. 2003), Recife (1º ago. 2003). Curitiba (5 dez 2003), Vale do Paraíba (7 dez. 2003), São Paulo (15 dez. 2003), Belém (15 abr. 2004), Salvador (24 mai. 2004), Porto Velho (24 mai. 2004), Terezina (19 mai 2007), São Luiz (28 fev. 2008). Elas, em conjunto, constituem a Legião de Infantaria do Brasil que tem o site www.legiaodeinfantaria.eb.mil.br.

Desde 2008 a Comemoração Nacional da Arma de Infantaria passou a ser realizada em Fortaleza, onde se encontram os restos mortais do Bigadeiro Antônio de Sampaio.

TRABALHOS PRODUZIDOS PELO CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO, SOBRE O PATRONO DA INFANTARIA E SOBRE A INFANTARIA:

1. BENTO, Cláudio Moreira. Um sertanejo – um dos maiores Soldados do Brasil, **Jornal do Commercio**, Recife 16 de maio de 1971.

2.(____) Sertanejo, o Grande Soldado do Brasil. **Diário da Noite**. Recife, 24 de maio de 1971;

3.(____) **Tradição e Disciplina**. Fortaleza: UFCE, 1971

(Trabalho solicitado pelo Comando da PMCE sobre o Brigadeiro Sampaio)

4.(____) Trecho de artigo do autor, Um Sertanejo um dos maiores Soldados do Brasil, transmitido pela Agência Nacional, em 25 de maio de 1971, sobre as homenagens ao Brigadeiro Sampaio em Tamboril.

5.(____) Sampaio o sertanejo cearense que foi um dos maiores soldados do Brasil. **Diário Popular**, Pelotas, 23 de maio de 1971;

6.(____) Um sertanejo que foi um dos maiores generais do Brasil. **A Defesa Nacional** jul./ago. 1971 p. 83/90;

7.(____) História da Doutrina da Infantaria Brasileira. **Revista Infantaria** n° 13, 1978 (com 8 ilustrações);

8.(____) A arma de choque do infante – evolução histórica. **Revista Infantaria** n° 14, 1979 (com 12 ilustrações);

9.(____) A Divisão Encouraçada na Guerra do Paraguai. **Revista Infantaria** n°. 15, agosto de 1979.

10.(____) Caxias soldado de Infantaria. **Revista Infantaria** n°. 16, junho de 1980;

11.(____) Um sertanejo – um dos maiores Generais do Brasil. **Revista Ytaitera** n°. 15, 1971 p. 111/118(do Instituto Cultural do Cariri do Crato-CE

12. (____) **D. O. Leitura**. Angola e a 1ª força expedicionária brasileira em 1648 (Regimento Sampaio 24 de maio de 1990). Suplemento Cultural do D.O. – São Paulo;

13.(____) O patrono da Infantaria e em Canguçu. **Diário Popular**, Pelotas, 14 de fevereiro de 1971;

14.(____) O Motim do 27° BC de alemães em Pelotas no Natal de 1828, **Diário Popular**, Pelotas, 12 de novembro de 1974;

15,(____) O 15° BI Brummer em Pelotas, **Diário Popular**, Pelotas, 17 de novembro de 1974;

16.(____) Heróis canguçuenses da FEB. **O Liberal**. Canguçu, 23 de junho de 1995;

17.(____) Presença militar paulista na Reconquista do RGS em 1976. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 24 de abril de 1974 (Do RI de São Paulo);

18.(____) Sampaio patrono da Infantaria (ilustrado). **Cor-**

reio Braziliense, Brasília, 24 de maio de 1972;

19.(____) Dia da Infantaria. **Correio Braziliense**, Brasília 24 de maio de 1973;

20.(____). **Noticiário do Exército**. Brasília, nº 8.036 de 11 de junho de 1953;

21.(____) Patrono da Infantaria in: **Patronos nas Forças Armadas do Brasil**. Em Livros no site (www.ahimtb.org.br) da Academia de História Militar Terrestre do Brasil;

22.(____) O patrono da Infantaria em Canguçu in: **Canguçu reencontro com a História...** Barra Mansa-RJ: AHIMTB, 2007. p. 114 2 ed.;

23.(____) O Brigadeiro Antônio Sampaio, o comandante da 3ª DI – A Divisão Encouraçada na Batalha de TUIUTI in: **3ª Divisão de Exército. “Divisão Encouraçada”** (centenário). Barra Mansa – RJ: AHIMTB, 2008 p. 86/88 e Epíteto “Divisão Encouraçada” nas p. 56/67 e sua foto a cores na 4ª capa;

24.(____) Áudio Visual experimental sobre a História da Infantaria produzida pela Comissão de História do Exército do EME em 1972, como encarregado do desenvolvimento do Projeto de História em Áudio visual, com vistas a desenvolver a História do Exército em áudio visual. Foi apresentada em slides, em uma reunião de oficiais de Infantaria em Brasília no dia da Infantaria em 24 de maio de 1973, sob a orientação do Cel Francisco Ruas Santos, Presidente da Comissão de História do Exército da qual o autor era o Adjunto.

25. (____) **As batalhas dos Guararapes – descrição e análise militar**. Recife: UFPE, 1971. Abordando a Infantaria patriota, que venceu a 1ª Batalha dos Guararapes em 19 de abr. de 1648, data hoje consagrada como o Dia do Exército e revelação do grande herói Major Antônio Dias Cardoso, hoje consagrado patrono das Forças Especiais do Brasil.

Bibliografia de apoio

1. ALMEIDA, Antônio Rocha, Gen. Antônio de Sampaio in: **Vultos da Pátria**, Porto Alegre: liv Globo, 1961. v.1;

2. ALMANAQUE DO EXÉRCITO. 1830-1860;
3. ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. Fé de ofício do Brigadeiro Antônio de Sampaio. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1966;
4. DUARTE, Paulo Queiroz, Gen. **Sampaio**. Rio de Janeiro: BIBLIEx.
5. FRAGOSO, Augusto Tasso, Gen. **História da Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: BIBLIEX 2 ed. 5 v.
6. LAGO, Laureano Lago. **Os Generais do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1942;
- ORDENS DO DIA, do 1º Corpo de Exército em Operações no Paraguai;
7. PILLAR, Olyntero, Gen. O Patrono da Infantaria, **in: Patronos nas Forças Armadas**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1966;
8. SILVA, Alfredo Pretextato Maciel. **Os Generais do Exército Brasileiro 1822-1889**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar 1942;
10. SOUZA, Eusébio de, **Sampaio, patrono da Infantaria 1810 – 1866**. Fortaleza: Edésio 1938;
11. STUDART, Carlos, Filho. **Antônio de Sampaio** Fortaleza, 1966;

Os autores das obras 1, 4, 9 são patronos de cadeiras na AHIMTB.

Homenagem: O primeiro historiador a se ocupar da biografia do Brigadeiro Antônio de Sampaio foi o cearense José Arthur Montenegro (1854-1901) que serviu ao Exército na Guerra do Paraguai, assunto ao qual consagrou a maioria dos seus estudos históricos, tendo sido o pioneiro em biografar seu conterrâneo o Brigadeiro Antônio de Sampaio que como ele se ligou ao Rio Grande do Sul e na cidade de Rio Grande, onde exerceu a função de Secretário da Ferrovia Rio Grande-Bagé-Pelotas e muito participou da Biblioteca Riograndense de Rio Grande e de Pelotas. Mandou compor na França a primeira gravura sobre o Brigadeiro Sampaio da qual surgiram as demais.

SAMPAIO, BRAVO DOS BRAVOS



Proclamada a Independência
floresce um novo Brasil.
Dos sertões de Tamboril
chega um moço voluntário
para cumprir seu fadário
no seu estilo altaneiro.
O sertanejo guerreiro,
sem peixeira, sem gibão,
combateu pela nação
de soldado a Brigadeiro!

Era Antônio de Sampaio
com sua estampa bravia!
Conquistando hierarquia,
numa escala vertical:
cabos, sargento, oficial,
foi ascensão merecida.
Chefe que arriscou a vida
desde o batismo de fogo.
Sabia as regras do jogo
dos embates fraticidas!

O Império estremecia
pela paz ameaçada!
Cabanagem, Balaiada,
Revolução Farroupilha,
Praieira, e até guerrilhas,
dilacerando a nação.
Mas sem temer a missão
Sampaio estava presente,
como líder combatente
da estirpe de Napoleão!

Frente a Rosas – argentino;
Oribe, Aguirre – uruguaios,
consolidou-se Sampaio
ultrapassando a fronteira.
Combatente “Pé-de-poeira”,
em Paisandu foi brilhante,
conquistando, como Infante,
seus galões de General.
Como soldado imperial
foi guerreiro e comandante!

Mas os clarins de Solano
insuflam seus comandados!
Seus aguerridos soldados
invadem nossa fronteira.
A reação brasileira
não ficou ao Deus-dará,
pois Sampaio estava lá
na decidida arrancada,
com a sua “Encouraçada”
além do Rio Paraná!

Batalhões e Regimentos
de valorosas Brigadas...
Divisões bem comandadas
e uma Marinha de Guerra
defenderam nossa terra
e a nossa soberania!
No fogo da Infantaria
Sampaio foi atingido.
No cearense ferido
era o Brasil que sofria!

Tuiuti está presente
no 24 de Maio!
Glórias ao grande Sampaio
em pleno bicentenário!
Patrono, com seu ideário,
que não morrerá jamais.
Com as tropas imperiais,
combatendo em desagravos,
tornou-se o bravo dos bravos
no bronze dos imortais!

Evilácio Saldanha - Sócio da AHIMTB e IHTRGS
ST Infantaria Ref - Poeta e Soldado
Porto Alegre/RS – Dezembro de 2009

POSFÁCIO



A presente obra traz a lume excepcionais registros históricos da heróica saga do Patrono da Infantaria Brasileira, o “Bravo dos Bravos”, Brigadeiro Antônio de Sampaio.

O Coronel Cláudio Moreira Bento é o autor do soberbo memorial apologético ao “Infante-Maior”. Notável e reconhecido historiador militar, o Coronel Bento dispensaria maiores apresentações, tal a superlativa projeção por ele obtida no campo da História, máxime a Militar Terrestre.

Assim, após receber do emérito historiador, a honrosa incumbência de escrever essas singelas e breves considerações finais, cômico de não possuir cabedal para tanta responsabilidade, não poderia deixar de externar, penhoradíssimo, a minha ufania em participar de sua última contribuição para a historiografia castrense brasileira e assinalar algo a respeito de sua faina incansável em prol de nossos valores, tradições e mística.

O autor já publicou, no Brasil e no exterior, incontáveis livros, plaquetas, álbuns e artigos, sendo, sem dúvida, o mais prolífico escritor militar brasileiro de todos os tempos! De há muito ele vem se dedicando a um verdadeiro apostolado cívico em defesa de nossos mais grados valores históricos e dos princípios da Justiça e da Verdade – que sempre devem nortear a História, “a Mestra da Vida”, em vista das distorções que ela vem sofrendo, por facciosas interpretações ideológicas.

E mais: em sua cruzada de civismo, esse militar de elevadíssimos méritos, também se volveu para a problemática da Amazônia, hoje tão cobiçada, como por demais consabido, tendo escrito um

livro referencial (“Amazônia Brasileira – Conquista, Consolidação e Manutenção, 1616-2003, História Militar Terrestre da Amazônia”) alusivo ao grande desafio amazônico que é a prioridade de número primo da Nação Brasileira.

Com a edição do presente livro, o autor dá prosseguimento à tarefa que há tempos se impôs, qual seja, a de lembrar, sob tradicionais mas, principalmente, novos enfoques, fastos memoráveis de nossa bela História Militar, que enaltecem nossos maiores Soldados no bicentenário de seus nascimentos: Caxias, Osório, Conde de Porto Alegre e, agora, Sampaio.

Antes de qualquer consideração, consigne-se que a presente obra é um relicário preñado de patrióticos ensinamentos. Em suas páginas, todos terão a oportunidade de melhor conhecer a singular figura do cearense Antônio de Sampaio, “de origem humilde que se immortalizou como o sertanejo que foi um dos maiores heróis brasileiros e que comprovou a afirmação de Euclides da Cunha, em “Os Sertões”, de que “o sertanejo é antes de tudo um forte!”, como consta no significativo capítulo da publicação, “Um Sertanejo, Um Grande Soldado do Brasil”. Um dos títulos, “O Casamento com uma Gaúcha de Canguçu”, dá azos à expansão de justo orgulho do autor e deste escrevedor, eis que o primeiro é filho daquele município gaúcho e este, velho Infante cearense, é tetraneto do Brigadeiro Jerônimo Coelho, Presidente da Província do Rio Grande do Sul (1856/57) e criador do glorioso torrão onde Sampaio conheceu, namorou e noivou e, ao depois, convolou núpcias em Jaguarão, no ano de 1849.

Dignas de nota, outrossim, são duas partes do livro: a que se refere à morte de Antônio de Sampaio, após a batalha de Tuiuti e a que analisa, criticamente, esta batalha, na qual o futuro Patrono da Infantaria foi ferido por três vezes.

Muito mais teríamos a comentar. Porém, nos ensinam os léxicos, que “posfácio, s.m. é uma advertência colocada no fim de um livro”. Destarte, deixo aqui a advertência/conclamação, no sentido de que o leitor aproveite ao máximo as riquezas e lições intemporais que estão entesouradas nessa peça de arquitetura histórico-literária que trata da heroica existência de um brasileiro bravo, estoico e resoluto.

E que o bom lavor de mais essa obra da fecunda produção literária do consagrado historiador, escritor e pensador militar, Coronel Cláudio Moreira Bento, sirva de luzeiro àqueles que amam, de fato, a Terra em que nasceram, como o fez o Brigadeiro Sampaio, que não trepidou em verter o seu generoso sangue em defesa da honra do Brasil. Sim, pois cultivar o passado na glorificação da História e dos que mais lidaram por encher os anais da Pátria de cintilações astrais, é ação louvável de todo autêntico patriota, que deveria sempre se inspirar nos inesquecíveis versos do poeta--soldado, Luiz Vaz de Camões: “Não me mandas contar estranha História; Mas mandas-me louvar dos meus a glória!”.

Cel Manoel Soriano Neto, Historiador Militar.
Acadêmico da AHIMTB
Cadeira nº 33 Cel Francisco Ruas Santos

• • •

SÍNTESE SOBRE A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil foi fundada em 1º de março de 1996 em Resende, RJ. Neste ano de 2010 completa 14 anos. Seu trabalho é o desenvolvimento a História das forças terrestres do Brasil, Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica e Polícias e Bombeiros Militares. E prioriza a História Militar Crítica operacional e institucional das forças terrestres e em especial a do Exército com vista a retirar da rica história militar analisada, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar, subsidios de nossa História Militar com vistas a formação de seus quadros em Arte e Ciência Militar brasileira e, para o desenvolvimento de uma doutrina militar genuína, como a sonharam o Duque de Caxias e os marechais Floriano Peixoto e Castelo Branco. Para isso, conta com o concurso em especial de oficiais e praças da Reserva conhecedores de Arte e Ciência reunidos em delegacias espalhadas sobre o território nacional. Conta também com o seu Informativo **O Guararapes** e na Internet

com o site, www.ahimtb.org.br com farto material disponível bem como usa diversos outros sites. Seu Patrono é o Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro. Como patronos de cadeiras, a AHIMTB possui historiadores militares terrestres brasileiros de renome nacional e internacional bem como civis. O 1º Presidente de Honra da AHIMTB é o Sr. Comandante do Exército, o 2º Presidente de Honra é o Gen Ex Chefe do DCEEx e o 3º é o Comandante da Academia Militar das Agulhas Negras. O Presidente da AHIMTB é o seu fundador o Coronel Cláudio Moreira Bento, natural de Canguçu, RS. A sede da AHIMTB continua sendo em Resende, em instalações cedidas pela AMAN. A AHIMTB é a única instituição dedicada ao desenvolvimento da História Crítica, institucional e operacional das Forças Terrestres do Brasil com vistas ao progressivo desenvolvimento operacional das mesmas com apoio no desenvolvimento doutrinário com base em suas experiências históricas vitoriosas e em especial em guerras de resistência. Ela coopera com o Exército na conquista de seu objetivo estratégico atual nº 1.

**“Pesquisar, preservar, cultuar e divulgar
a História, as Tradições e os Valores morais,
culturais e históricos do Exército”**

Luta para conseguir um patrocínio oficial para suas atividades, por atuar numa área estratégica que se constitui um dever do Estado. E seus integrantes movidos por patriotismo, a maioria das vezes pagam para pesquisar e divulgar seus estudos. Este é o desafio que ela aqui lança as autoridades responsáveis pela Segurança do Brasil.

SÍNTESE SOBRE O IHTRGS

O Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul foi fundado, em Pelotas, em 10 de setembro de 1986, ano do Sesquicentenário da Batalha do Seival, que criou as condições para a fundação da República Rio-Grandense e que foi o ponto de partida que culminou com a Proclamação da República do Brasil em 15 de novembro de 1889. Neste ano de 2010 comemora 24 anos de fundação. O IHTRGS é destinado a memorar fatos e

vultos da história do Rio Grande do Sul e a rica e movimentada História do Brasil que teve o Rio Grande do Sul por cenário. Possui em seus quadros historiadores gaúchos de renome. Nos assuntos de História Militar no RS, o IHTRGS vem trabalhando em conjunto com a AHIMTB. Possui uma Delegacia para todo o estado, instalada no Colégio Militar de Porto Alegre. Seu órgão de divulgação é o informativo **O Gaúcho**, já com cerca de 78 edições e disponíveis em seu site www.ihtrgs.org.com todas sobre temas de relevância inegável para a história e tradições dos gaúchos, e do Exército no Sul. Seu Presidente é o mesmo da AHIMTB, o Cel Cláudio Moreira Bento, por isso mesmo sua sede está localizada em Resende, RJ. E por esta razão elegeu o atual comandante da AMAN Gen Bda Edson Leal Pujol, tradicionalista gaúcho, como o seu Presidente de Honra e sócio efetivo.

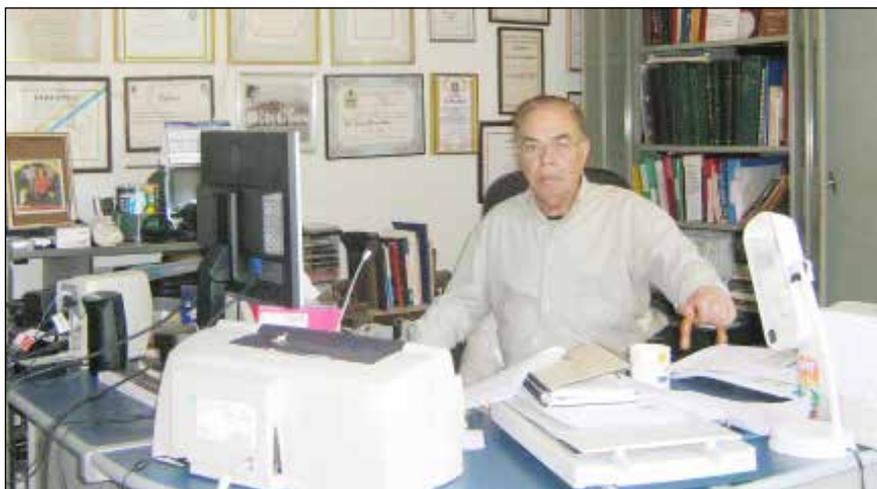
SINTESE SOBRE A ACANDHIS

A Academia Canguçuense de História foi fundada em 13 de setembro de 1988 no centenário do Conrado Ernani Bento que durante sua vida colecionou e preservou fontes históricas da comunidade. Ela vem complementando o trabalho realizado por seu fundador e presidente Cel Cláudio Moreira Bento, traduzido em seu livro **Canguçu reencontro com a História – um exemplo de reconstituição de memória comunitária**. Publicado em 1883 e reeditado em 2007 com patrocínio da FHE – POUPEX, em razão do resgate de importantes questões de História Militar que eram desconhecidas da historiografia em geral, como a de haver sido base de guerrilhas contra os espanhóis de 1774/77 chefiada por Rafael Pinto Bandeira, a de haver sido criado em 1800 junto com Caçapava e Encruzilhada do Sul, para barrar caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul e haver sediado de 1843 a 1845 a Base de Operações da Ala Direita do Exército do Barão de Caxias, ao comando do Ten Cel da Guarda Nacional Francisco Pedro de Abreu, em operações contra os farrapos nas serras do Sudeste e, depois da Revolução, ali ter sido a base durante 4 anos para garantia da Paz de Ponche Verde do Capitão Antônio de Sampaio no comando de 150 homens da 8ª Companhia do 4º

Batalhão de Fuzileiros em Jaguarão da 2ª Brigada ao comando do Cel Manoel Marques de Souza 3º, o futuro Conde de Porto Alegre que representou Caxias nas negociações da paz farroupilha e que na Guerra do Paraguai comandou o 2º Corpo de Exército que incorporou o Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Canguçu, ao comando do Ten Cel Hon Exército Theophilo de Souza Mattos. E por fim, a contribuição de Canguçu com dois mortos na FEB, que representaram 10% dos mortos gaúchos da FEB. Tudo isto estava perdido na memória local. Outro resgate original foi o provar-se que em Canguçu funcionou de 1783/93 a Real Feitoria do Linhocânhamo do Rincão do Canguçu e administrada por infantas do Regimento de Bragança que participou da reconquista da Vila de Rio Grande em 1º de Abril de 1976. Portanto uma contribuição perdida da força terrestre ao desenvolvimento. A ACANDHIS possui o Informativo **Memória** disponível e Artigos no subtítulo Canguçu no site (www.ahimtb.org.br).

Na obra **Canguçu 200** anos, sob a égide da ACANDHIS e patrocínio do GBOEX seu presidente Cel Cláudio Moreira Bento resgatou a História Militar perdida de Canguçu as p.62/72.

Currículo cultural sinfético do Cel Cláudio Moreira Bento



Natural de Canguçu, RS, onde nasceu em 19 de Outubro de 1931. Filho de Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento. Esta, descendente dos primeiros povoadores de Canguçu, das famílias Mattos, Borba e Gomes. Iniciou sua carreira como soldado na 3ª Cia Com em Pelotas-RS. (atual 3ª Cia Com em Santa Maria. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG, 1981-82 e dirigiu o Arquivo Histórico do Exército, 1985-90, tendo, como oficial de Estado-Maior servido no Comando Militar do Nordeste, Estado-Maior do Exército, Departamento de Engenharia e Comunicações, Comando Militar do Sudeste, Academia Militar das Agulhas Negras e 1ª Região Militar.

Historiador Militar consagrado, com mais de 86 títulos publicados e mais de 1.000 artigos em periódicos civis e militares do Brasil e Estados Unidos, sobre História Militar e, em especial, a do Exército. Seu artigo “Participação das Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra”, publicado em inglês na **Military Review**, do Exército dos EUA está acessível na Internet. Integra as principais instituições nacionais de História: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/1978 (sócio emérito); Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (membro benemérito); Academia Brasileira de História (cadeira: Gen Tasso Fragoso) e as academias de História de Portugal, Real de Espanha e da Argentina, o Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai, o Instituto Bolivariano do Rio de Janeiro e o Marechal Ramon Castilha Brasil-Peru. Fundou em 1986 e preside o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e fundou as academias Canguçuense, Resendense e Itatiaense de História. Das duas últimas é Presidente Emérito e da 1ª Presidente. Idealizou a de Itajubá-MG, da qual é Presidente de Honra. Presidiu a fundação da Academia Barramansense de História da qual é acadêmico na cadeira Mal Floriano Peixoto. Pertence aos institutos históricos do RS, SC, PR, SP, MG, MT, RJ, PB, RN, CE e das cidades de São Luiz Gonzaga, São Leopoldo, Pelotas, Sorocaba-SP e Petrópolis. É correspondente das academias de Letras do Rio Grande do Sul e Paraíba e da Academia Petropolitana de Poesia Raul Leoni.

Fundou em 1º de Março de 1996, em Resende - A Cidade

dos Cadetes, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), com o apoio cultural da Associação Educacional Dom Bosco. Academia que tem como patrono O Duque de Caxias e entre seus patronos de cadeiras dois ex-comandantes da AMAN, os marechais José Pessoa e Mascarenhas de Moraes e os civis Pedro Calmon, Barão do Rio Branco e Vilhena de Moraes, biógrafo do Duque de Caxias e Gustavo Barroso. Dante de Laytano, Arthur Ferreira Filho.

Instrutor de História Militar na AMAN/1978-80 onde, com apoio do Estado-Maior do Exército (EME), editou o manual **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro** que, desde 1978, vem sendo adotado na AMAN e ECEME, particularmente no tocante à metodologia de pesquisa histórica. Coordenou então, a edição dos livros textos **História da Doutrina Militar** e **História Militar do Brasil**, com apoio em recursos do EME e desde então livros textos na Academia Militar das Agulhas Negras (há 20 anos).

Coordenou o projeto, a construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, inaugurado em 19 de Abril de 1971, ocasião em que foram lançadas suas obras **A Grande Festa dos Lanceiros** (relacionando o Parque Histórico Mal Osório, inaugurado, e o Parque Guararapes) e **As batalhas dos Guararapes - descrição e análise militar**, sobre a qual se manifestaram, eloquiosamente, por escrito, Pedro Calmon, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, José Américo de Almeida, Mauro Mota, Nilo Pereira, Ledu- ar Assis Rocha, etc. e os historiadores militares generais Aurélio de Lyra Tavares, Antônio Souza Júnior, Carlos de Meira Mattos, Coronel Ruas Santos, entre outros. Trabalho no qual foram baseados a Maquete e mapas explicativos das batalhas, constantes de Sala sob o Mirante dos Guararapes, inaugurada em 20 de abril de 1998, pelo Exmo. Sr. Ministro do Exército Zenildo de Lucena, conforme consta dos referidos mapas e foi anunciado pelo mestre de cerimônias na inauguração do Mirante. Participou em 14 e 15 de abril do 1º Simpósio Guararapes, onde abordou, na SUDENE, o tema “As Batalhas dos Guararapes” e foi distinguido pelo Comando Militar do Nordeste para ali hastear a bandeira nacional em homenagem a seu pioneirismo, há 29 anos, da ideia do 1º Parque Histórico Na-

cional, hoje concretizado, e lançamento de seu livro sobre as batalhas, o qual ajudou para que a data da 1ª batalha dos Guararapes, em 19 de abril de 1648, fosse considerada, por decreto presidencial, o Dia do Exército, que ali despertou seu espírito, junto com o de nação brasileira.

Foi coordenador científico, em 1971, do Projeto Rondon dos Guararapes, que contou com a participação de cinco cadetes da AMAN, inclusive o hoje comandante da 1ª Região Militar Gen Div Armando e alunos e alunas universitárias de Ciências Humanas vindos de diversos locais do Brasil, para pesquisarem a Insurreição Pernambucana, com vistas à construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes citado, do que resultou o livro por eles escrito **O Projeto Rondon nos Guararapes**, que foi editado pela SUDENE, com apoio de seu Superintendente, o então Gen Bda Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira. Os estudantes retornaram na inauguração do Parque, em 19 de abril de 1971, trazendo as bandeiras de seus estados, que hastearam no Morro do Telégrafo, a do Brasil e a de Portugal, hasteadas respectivamente por um cadete da AMAN e um cadete de Engenharia de Portugal. Experiência que inspirou a criação, pelo Cel Bento, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, voltada para a juventude militar atualmente frequentando as escolas do Exército e as das Forças Auxiliares.

Foi adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército, que editou a **História do Exército Brasileiro** em 3 volumes, cabendo-lhe, como historiador convidado, abordar as guerras holandesas. História ora reeditada com apoio da Odebrecht e relançada no Forte do Brum em 20 de abril de 1998, em cerimônia presidida pelo Exmo Sr Ministro do Exército Zenildo de Lucena, com a denominação de **O Exército Brasileiro na História do Brasil**, com novas ilustrações e coordenada pela DAC/BIBLIEx. Presidiu: Comissão que editou Revista do Exército comemorativa do bicentenário do Forte de Coimbra, e a que resultou na escolha do Forte de Copacabana como Museu do Exército e sua consequente criação no final dos anos 80, além de haver cooperado no texto relativo ao Salão Império do Museu;

e da Comissão de História Militar de **A Defesa Nacional**, na administração, da BIBLIEx, do Cel Aldílio S. Xavier. Revista de que foi conselheiro editorial por longo tempo.

Possui sete prêmios em concursos literários no Brasil e Estados Unidos, onde se destacam: pela BIBLIEx, 1º lugar com o **Exército e a Abolição** e o **Exército na Proclamação da República** e **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul**, 1º lugar em Concurso Nacional. Primeiro lugar pela **Military Review** com a pesquisa **O Exército no desenvolvimento - o caso brasileiro**, 2º prêmio com **O Gaúcho fundador da Imprensa Brasileira**, pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Rio Grandense de Imprensa e 2º lugar em concurso nacional com a obra **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul**, comemorativo ao Biênio da Colonização e Imigração para o Rio Grande do Sul em 1975-76. Foram destaque especial, em 1989 e 1990 pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJ) suas obras **Quartéis Gerais das Forças Armadas do Brasil** e **A Guarnição Militar do Rio de Janeiro na Proclamação da República**, editadas pela FHE-POUPEX, e premiado com a Monografia **A Produção de Estimadas**, em concurso Argus promovido pela EsNI em 1976. As duas obras, antepenúltima e penúltima, mais seus álbuns **Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas** (FHE-POUPEX) e **A História do Brasil através de seus fortes** decoram paredes de comandos e tropas espalhados por todo o Brasil.

Sua bibliografia consta do **Dicionário de historiadores brasileiros** v.1 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do **Dicionário Biobibliográfico Gaúcho** (Martins Livreiro) e do site (www.ahimtb.org.br).

Produziu e foram lançadas em 1995 no Rio Grande do Sul as seguintes obras suas, dentro do Projeto O Exército na Região Sul: **História da 3ª Região Militar 1809-1995 e Antecedentes**, em 3 volumes, que traduzem a História Militar do Exército no Rio Grande do Sul e que foi completada com **Comando Militar do Sul - 4 décadas de História /1953-95 e Antecedentes**.

Já lançou a **História da 8ª Bda Inf Mtz**, a **História da 6ª DE**,

a **História da 3ª Bda C Mec**, a da **6ª Bda Inf Bld** e a da **Artilharia Divisionária da 6ª DE (AD/6)**, a da **2ª Bda C Mec** e mais os livros **Caxias e a Unidade Nacional, 2002-175 anos da batalha do Passo do Rosário**, **História Militar Terrestre da Amazônia**, **As Batalhas dos Guararapes, Análise e Descrição Militar 2ª edição**, **Escolas Militares de Rio Pardo 1859/1911**, **General Osório o maior herói e líder popular brasileiro**, **Canguçu reencontro com a História um exemplo de reconstrução de memória comunitária** (enfoque militar), **O gaúcho fundador e patrono da Imprensa Brasileira** (enfoque militar). Publicado em 2009 a **História do Casarão da Várzea**. Lançou também, em 2003, a plaqueta **A Educação Cívico-Militar na visão do Capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto**. Coordenou o 13º Simpósio de História do Vale do Paraíba, que teve por tema pioneiro **A Presença Militar no Vale do Paraíba**, realizado de 3-5 julho 1996 na Fundação Educacional D. Bosco, na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende e no Centro Sargento Max Wolf em Itatiaia e que contou com a presença de ilustres historiadores militares e civis.

O Cel Bento se dedica à História Militar Terrestre do Brasil dentro do seguinte contexto, definido pelo Marechal Ferdinand Foch, o comandante da vitória Aliada na 1ª Guerra Mundial:

“Para alimentar o cérebro (comando) de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o da HISTÓRIA MILITAR”. Isto por considerar também a História Militar como o Laboratório de Táticas e Estratégias e, por via de consequência, contribuir para o desenvolvimento doutrinário militar dos Exércitos.

Foi lançada pela Biblioteca do Exército sua obra **A Guerra da Restauração do Grande do Sul aos espanhóis/1774-76**, baseada no Diário de Campanha inédito, em português, do Ten Gen Henrique Böhn, que comandou o Exército do Sul /1774-77, que reconquistou o Rio Grande do Sul aos espanhóis e que liberou as terras de Pelotas e Canguçu para povoamento por Portugal.

Possui as seguintes condecorações: Comendador do Mérito

Militar, Medalha Militar de Ouro com passador de platina por mais de 40 anos de bons serviços ao Exército, Pacificador, Oficial da Ordem do Mérito das Forças Armadas, Ordem do Mérito Tamandaré pela Marinha, Medalha de Honra da Inconfidência, Medalha Santos Dumont, Marechal Mascarenhas de Moraes, Mérito Cívico pela Liga de Defesa Nacional, Comenda Conde de Resende e J.Simões Lopes Neto pelas Câmaras de Resende e Pelotas, respectivamente.

Historiador Emérito pela 8ª Bda Inf Mtz em Pelotas, cuja denominação histórica Mar Manoel Marques de Souza 1º, pesquisou e instruiu processo de concessão.

Teve transcrito nos Anais da Assembleia Legislativa de Goiás seu artigo, em 1972, do **Correio Braziliense** - Um filho de Goiás, herói da Integridade e da Independência do Brasil (Mal Xavier Curado), bem como na Câmara Federal, trabalho seu sobre o centenário de morte do Duque de Caxias, em 1980, por proposta do deputado federal pernambucano Dr. Lucena. E na Câmara de Recife trabalho alusivo ao centenário do Patrono da Artilharia, Mal Mallet, no Comando das Armas de Pernambuco e, nas câmaras de Resende e de Diamantina, respectivamente, seu discurso sobre o Conde de Resende no aniversário da cidade em 1992 e outro sobre O diamantinense, que foi o cérebro da Revolução Farroupilha na Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Por indicação do Sr. Ministro do Exército e apoio logístico de sua assessoria parlamentar, participou de Simpósio na Câmara Federal, comemorativo do Centenário de Canudos, tendo ali defendido a Força Terrestre de manipulações que a apresentavam ao Povo, injustamente, como a responsável pela Tragédia de Canudos, em realidade uma responsabilidade da Sociedade da época, ou de todos os avós e bisavós dos brasileiros. Idêntica postura transmitiu em entrevista pela **Globo News** em que as falsas e manipuladas acusações vieram à tona e foram rebatidas sem contestação. Idêntica postura em reportagem de **O Globo** e oferecida a outras publicações brasileiras.

Assinou o Livro de Honra do Corpo de Cadetes em 1955, p.42, 18ª linha, por haver realizado seu curso de oficial sem nenhuma punição. Em 1993/94 foi o Diretor Cultural da SORAAMAN

(Sociedade Resendense de Amigos da AMAN) quando publicou a plaqueta **1994 - Jubileu de Ouro da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende**. Sociedade constituída de civis e militares, destinada a estreitar os laços de amizade entre as comunidades resendense e a acadêmica.

Foi o Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no centenário do Clube, tendo colaborado e coordenado a Revista do Clube Comemorativa e enriquecido o seu museu com quadros históricos que promoveu e fez as legendas. Integrou a Comissão do Exército no Centenário da República e da Bandeira, tendo colaborado e coordenado **O Caderno da Comissão do Exército** Comemorativa dos centenários da República e da Bandeira, publicado em parceria pela BIBLIEX e pelo SENAI, este presidido então pelo Cel Arivaldo Silveira Fontes que também editou livro do Cel Bento **O Exército na Proclamação da República/1989**, que fora premiado pela BIBLIEX, lançado na ECEME e distribuído amplamente na AMAN.

Publicou com apoio da Odebrecht: **A Participação da Marinha Mercante e das FFAA do Brasil na 2ª Guerra Mundial**, comemorativo aos 50 anos do Dia da Vitória e distribuído amplamente na AMAN. A pedido do Cel Sérgio Westphalen Echegoyen, comandante das CIAS SUL (Cruz Alta-RS), elaborou pesquisa sobre os 68 sargentos heróis da FEB, para emular os alunos daquela Escola de Sargentos. Trabalho que difundiu em palestra na Escola de Sargentos das Armas, a convite de seu comandante e das unidades às quais pertenceram os bravos heróis que participaram da 2ª Guerra Mundial.

Possui várias distinções civis onde se destacam a de cidadão itajubense por unanimidade pela Câmara de Vereadores em 1982, a de Comendador da Ordem J. Simões Lopes Neto pela Câmara de Pelotas, a de Irmão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, brasão de Canguçu, em reconhecimento “AO FILHO ILUSTRE, PELA RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA COMUNITÁRIA” (Set 91). Orador oficial na Câmara de Resende no aniversário da cidade, quando resgatou a memória do Conde de Resende, em cujo estudo esta se apoiou para criar a Comenda Conde de Resende. Câmara que acaba de aprovar, por unanimidade, Mo-

ção Congratulatória por sua atuação, de 1991 a 97, para o resgate e divulgação da História de Resende e Itatiaia. Foi orador, em 13 de abril, na cerimônia de inauguração, no Batalhão Escola de Engenharia em Santa Cruz–RJ, do Memorial ao Patrono da Arma de Engenharia, o Ten Cel Vilagran Cabrita. Integra a Confraria dos Cidadãos de Resende, voltada para o culto da cidadania, na função de Tribuno.

Pois desde 1991 tem escrito sobre a História de Resende onde se destacam seus livros **A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende: 1994, Jubileu de Ouro da AMAN em Resende** (já citado); “Os puris primitivos habitantes do Vale do Paraíba: ‘Lenda resendense do Timburibá’; História Militar do Vale do Paraíba” e, “Resendenses na Guarda de Honra de D. Pedro na proclamação da Independência em 7 setembro de 1822”. Foi distinguido pela Câmara de Resende com Voto de louvor pela brilhante participação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil nos 200 anos de Resende em 2001.

Conferencista Emérito da ECEME, EsAO, ESA, EsIE e Instituto Militar de Engenharia onde, em 15 de Abril de 1998, pronunciou para os corpos docente e discente palestra de 2 horas sobre As Guerras Holandesas, em comemoração aos 350 anos da 1ª batalha dos Guararapes e 4º ano do Dia do Exército. Tem pronunciado palestras na AMAN e em especial sobre a História da mesma aos novos cadetes, logo que nela ingressam. De igual modo tem atendido alunos da ECEME e em especial seus ex-alunos da AMAN, para ajudá-los com fontes históricas na elaboração de suas monografias, gravando para os mesmos seu pensamento e interpretações, o mesmo acontecendo em relação a pesquisas históricas de cadetes e da própria AMAN no seu arquivo pessoal sobre a história da mesma e antecessoras. Como diretor do Arquivo Histórico do Exército/1985-91, promoveu sessões comemorativas de centenários de generais brasileiros, resgatando expressivamente suas memórias e suas preciosas lições.

Vem acompanhando e divulgando na mídia civil e castrense fatos expressivos recentes ocorridos na AMAN, relacionados com o culto das tradições da mesma. Estudou de 1938-44 no Colégio

N. S. Aparecida de Canguçu; de 1945-50, no Ginásio Gonzaga de Pelotas, tendo se bacharelado no Curso Ginásial, com destaque, em 15 de dezembro de 1948. Concluiu o Científico, com destaque, em Porto Alegre, na Escola Preparatória de Cadetes no Casarão da Várzea. Como aspirante, 2º tenente, 1º tenente e capitão serviu em São Leopoldo/ 1955-57, em Bento Gonçalves (2 vezes, 1957-59 e 1961-66) e em Cachoeira do Sul/1959-61. Como presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul presidiu encontros da entidade em Pelotas, Porto Alegre, Caçapava do Sul, São Gabriel, São Borja, Santana, Lavras.

Possui alentada produção histórica sobre a Zona Sul do Rio Grande do Sul na antiga Coluna Querência do Diário Popular de Pelotas, bem como no jornal Tradição de Porto Alegre, órgão de divulgação do MTG, no qual é considerado autoridade tradicionalista.

Passou sua vida nos seguintes locais: Canguçu-RS/1931-44; Pelotas/1945-50; Porto Alegre/1951-52; Resende-RJ/1953-54; São Leopoldo/1955-57; Bento Gonçalves e Veranópolis, destacado no vale dos rios da Prata e das Antas/1957-59; Cachoeira do Sul/1959-61; Bento Gonçalves/1962-66 (sendo que no 2º semestre de 1964 na Vila Militar-Rio de Janeiro); Rio de Janeiro/ 1967-69 (na Praia Vermelha); Recife/1970-71; Brasília/1972-75; São Paulo/1976-77; Resende/1978-80; Itajubá-MG/1981-82; Rio de Janeiro/1983-85, no EM 1ª RM e de 1985-91 no Arquivo Histórico do Exército, quando ingressou na Reserva, passando a residir em Resende, onde construíra casa de campo em 1980 e para onde se fixou em definitivo em 1991, à sombra de sua mãe profissional, a AMAN.

Residiu destacado quando no 1º Btl Ferroviário, sucessivamente em Jaboticaba, junto a ponte ferroviária sobre o Rio das Antas (Bento Gonçalves); Rio da Prata (em Veranópolis junto a Gruta do Paco); no KM 2, na altura do Passo do Governo (Bento Gonçalves) e na Linha Marechal Hermes (Virolanda) em Veranópolis e próximo de Muçum-RS. Tudo na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante, conforme registram suas alterações. Foi pioneiro em 1963, como capitão, na perfuração do maior túnel ferroviário da América do Sul, o Túnel 19 Boca Norte, no qual revolucionou o rendimento de perfuração

de no máximo 8 metros por semana para até 21 metros, tendo em consequência sido distinguido pelo seu comandante de Batalhão, Cel Dirceu de Araújo Nogueira, com a caminhonete Aero Willys que até então usara, até adquirir outra, para cumprir promessa feita junto ao então coronel Rodrigo Otávio Jordão Ramos, atual denominação histórica do 2º GEC em Manaus.

Revisou, com o concurso da AMAN, ampliou e condensou, num só volume, os originais de projetada reedição de *As Batalhas dos Guararapes*, análise e descrição militar. Obra em implantação em disquete no Web do CComSEx, para apoiar estudos e pesquisas que se estenderam até 19 de fevereiro de 1999, 350 anos da 2ª Batalha dos Guararapes.

Produziu para o Sistema de Ensino a Distância para preparação para a ECEME os trabalhos **Lutas internas no período monárquico, Ação pacificadora do Duque de Caxias e Conflitos externos e lutas internas na consolidação da República/1889-97**.

Produziu, há cerca de 8 anos, para a FHE-POUPEX, pesquisa original sobre **Os patronos nas Forças Armadas** (Exército, Marinha e Aeronáutica) ilustradas pelo pintor Newton Coutinho e que se destinariam a distribuição no seio da juventude militar brasileira, estudando em escolas das FFAA e potencialmente futuros associados à FHE-POUPEX. Lamenta o autor a falta de recursos para dar prosseguimento ao projeto que cobriria lacunas biográficas referentes a personalidades exemplares para a juventude militar, tão carente de obras sintéticas e ilustradas do gênero. Parece que vai ressurgir oportunidade de publicá-lo

É também autor da obra inédita **Moedas de Honra**, que consolida a bibliografia sobre Ordens de Cavalaria vindas de Portugal até as honoríficas atuais, a nível federal, e condecorações militares. Obra inicialmente encomendada pelo GBOEx. É obra essencial para o conhecimento do assunto pelos recipiendários. É importante disciplina auxiliar da História Militar e Civil do Brasil e está sendo implantada na Internet no Site da AHIMTB: <http://www.ahimtb.org.br>, que a cada dia que passa vem sendo enriquecida com livros e artigos sobre História Militar Terrestre do Brasil. Em

1972 foi autor do parecer solicitado ao EME pelo Ministério dos Transportes sobre o verdadeiro local da descoberta do Brasil, se em Porto Seguro ou Cabrália, opinando sobre a descoberta em Cabrália, do que resultou a decisão governamental de estender a rodovia federal até lá, conforme consta da obra: MAIA, Rocha. **Do Monte Pascal a Cabrália**. Rio de Janeiro, MT, 1993, p.25-26.

Sua projeção atual na historiografia nacional e internacional resultou de seu desejo de escrever a História de Canguçu, sobre a qual produziu os seguintes trabalhos, entre outros:

- **Canguçu, reencontro com a História**, 1983. **História da Real Feitoria do Linhocânhamo do Rincão do Canguçu/1783-89. Município de Canguçu formação histórica. 200 anos da Igreja N.S. da Conceição de Canguçu**. Apresentação do livro de Ilka Neves **Primeiros povoadores e batismos de Canguçu 1800-1813**. Colaborações na antologia anual do CIPEL: **Canguçu na Revolução Federalista; Guerra à gaúcha; As Pedras das Mentiras; A Educação em Canguçu - Evolução; Canguçu, Aspectos da Comunicação Social, até o Advento da Radiodifusão** e apreciável volume de artigos em **O Diário Popular** de Pelotas e no **O Liberal**, de Canguçu. Acaba de prefaciар **Conhecendo Canguçu um Novo Olhar**, da autoria de 14 professoras de Canguçu, em 2007 e publicação de Análise deste trabalho e também prefaciар **Era uma vez em Canguçu – Quando as Crianças Faziam Arte** de autoria da Professora Eloah Moreira Morales, prima irmã do autor.

Possui as principais fontes da História de Canguçu reunidas no Arquivo Conrado Ernani Bento, seu pai, iniciador da preservação das referidas fontes históricas. Arquivo que será colocado à disposição da pesquisa na sala da Casa da Cultura destinada à Academia Canguçuense de História.

Foi agraciado pela Câmara de Vereadores de Resende com a Comenda Conde de Resende. Está produzindo para o Jornal da SASDE (2ª DE - SP), Passagens da História Militar de São Paulo.

É colaborador da Revista Eletrônica da AHIMTB no site www.militar.com.br.

Endereço: Rua Florença, 266, Jardim das Rosas, Itatiaia-RJ, 27.580-000; E-mail: bento1931@gmail.com Fone: 24 3354-2988.

Legendas das Ilustrações

1. No fundo cercada por uma pedreira a cadeia mandada construir pelo guerrilheiro imperial Ten Cel GN Francisco Pedro de Abreu, comandante da Ala Esquerda do Barão de Caxias que aí estabeleceu, em agosto de 1843, a sua Base de Operações contra os farrapos nas serras do Sudeste. A partir de 1845, depois da Pacificação Farroupilha foi utilizada pelo Capitão Antônio de Sampaio para aí destacado por cerca de 4 anos no comando da 8ª Companhia do 4º Batalhão de Infantaria sediado, em Jaguarão. (Fonte: BENTO, **Canguçu encontro com a sua História**)

2. Visão do casario da rua da Igreja N.S. da Conceição ao tempo que nesta vila o Capitão Antônio de Sampaio comandou a 8ª Cia do 4º Batalhão de Infantaria integrante da 2ª Brigada ao comando do Cel Manoel Marques de Souza 3º e futuro Conde de Porto Alegre. Abaixo acampamento inicial da tropa do Capitão Sampaio, antes da construção da atual praça local que já foi denominada praça Marechal Floriano Peixoto o consolidador da República. A esquerda a casa onde nasceu o autor, em 19 de outubro de 1931. O sobrado a sua direita foi residência do Ten Cel farrapo Francisco José da Rocha que foi Chefe de Polícia em Canguçu e que o autor estudou em **O Exército farrapo e os seus chefes**. Ao seu lado o histórico prédio onde funcionou a Câmara de Vereadores de Canguçu 1857/1901, depois foi sede do Clube Harmonia, Colégio Elementar em 1913, cinema mudo e Oficina Mecânica. Na casa a esquerda do sobrado, ao lado da igreja, funcionou a residência do primeiro professor régio para meninos de Canguçu a partir de 1857, professor Antônio Joaquim Bento. Sobrado demolido em 1861 para a dar lugar ao atual. A sua direita a Capela da Freguesia de Canguçu criada em 1812 e que foi reparada pela Ala Esquerda do Exército de Caxias em 1843/45. A sua esquerda o cemitério onde foram sepultados os mortos do 2º Combate de Canguçu, descrito pelo Barão de Caxias e pelo autor resgatado em seu livro **Canguçu reencontro com a História**.

3. Visão da praça Marechal Floriano Peixoto em Canguçu, no dia da inauguração da luz elétrica em dezembro de 1933, sendo prefeito o pai do autor Conrado Ernani Bento. No fundo indicado por uma seta e, ainda de pé a cadeia pública que serviu de Posto

de Comando do Capitão Antônio de Sampaio por cerca de 4 anos. Em 1º plano, sentados num banco os pais do Cel Inf Genes Gentil Moreira, turma 1962 da AMAN, Tertuliano Moreira e Mosa Silveira Moreira. (Fonte: Arquivo Conrado Ernani Bento)

4. Teatro de Canguçu construído no local onde existiu a cadeia pública que foi usada como Posto de Comando do Capitão Antônio de Sampaio. (Fonte: Foto fornecida pelo jornalista Cairo Moreira Pinheiro Delegado da AHIMTB em Pelotas)

5. Foto do 9º BI Mtz – Batalhão Tuiuti em Pelotas, subordinado a 8ª Bda Inf Mtz, - Manoel Marques de Souza 1º, centenária e também herdeira das tradições da 3ª DI de Sampaio em Tuiuti. (Fonte: Comunicação Social da 8ª Bda Inf Mtz)

6. Expedicionários filhos de Canguçu que sentaram praça no hoje 9º BI Mtz, de onde partiram para integrar a FEB . Perecerem em ação representando 10% dos gaúchos mortos na FEB.Seus nomes: Hortêncio Rosa do 1º RI Regimento Sampaio. Tombou em ação em Zoca - Itália, em 12 de abril de 1945 e Izidro Matoso do 6º RI. Tombou em ação, falecendo em 15 de abril de 1944, em Posto de Tratamento. A homenagem da foto hoje integrando o Museu Municipal foi uma das primeiras homenagens a ex-combatentes da FEB mortos em ação e da iniciativa do fotógrafo Egidio Soares Camargo, pai do Cel Inf Adonai Camargo que encerrou sua carreira como Chefe do EM/8ª Bda Inf Mtz). (Fonte: Museu Municipal)

7. Ex-soldado do atual 9ª BI MTz – Batalhão Tuiuti Genes Moreira Bento irmão do autor em foto que figura em seu túmulo na entrada do Cemitério. O atual 9ª BI Mtz foi a caserna onde por longos anos prestaram o Serviço Militar os filhos de Canguçu. (Fonte; Arquivo Conrado Ernani Bento)

8. Ex-soldado do atual 9º BI Mtz – Batalhão Tuiuti, Carlos Moreira Bento, irmão do autor, em foto colocada em seu túmulo por seu pai na entrada do cemitério Túmulo que um dia acolherá este soldado e historiador. (Fonte: Arquivo Conrado Ernani Bento)

9. Major Inf Angelo Pires Moreira, canguçuense que fez carreira de soldado a oficial no 9º BI Mtz e participou do combate à Revolu-

ção de 32 no Vale do Paraíba. Historiador e tradicionalista pelotense revelou sempre um grande amor pelo 9ª BI Mtz. Foto a cavalo defronte a residência paterna em Canguçu, na rua General Osório. Faleceu nonagenário. Era bisneto de Bernardo Pires o simbolista farrapo. (Fonte: Arquivo do autor).

10. Quartel General da 3ª Divisão de Exército – Divisão Encouraçado, em Santa Maria, cuja História publicamos em 2008, em seu centenário, em parceria com o Cel Inf Luiz Ernani Caminha Giorges e o Maj Com André Klauhs. (Fonte: Comunicação Social da 3ª DE).

11. Monumento ao Brigadeiro Sampaio em Porto Alegre esculpido pelo artista Acario Medeiros de Carvalho. No final da Guerra do Paraguai o local foi denominado praça Harmonia, comemorando a paz que deveria reinar entre os países da Bacia do Rio da Prata. Em 1944 a praça foi reocupada pelo Exército que devolveu parte dela a Prefeitura em 1960 e o restante em 1979, quando o local foi urbanizado já com o nome de Praça Brigadeiro Sampaio. O Brigadeiro Sampaio ligou-se ao Rio Grande do Sul por 21 anos na fase aérea de sua carreira militar, ou cerca de 35% de sua útil vida. (Fonte; Foto de Jose Leonardo Bento Vianna do autor junto ao monumento em 5 nov 2009 e dados fornecidos pelo Cel Inf Luiz Ernani Caminha Giorgis AMAN 1974)

12. Batalha de Monte Caseros em 2 de fevereiro de 1852 onde o major Antônio de Sampaio combateu no comando de um Batalhão da Divisão Brasileira, comandada pelo Conde de Porto Alegre. (Gravura na **História do Exército Brasileiro** 1972)

13. Batalha pela conquista de Paissandu onde o coronel Antônio de Sampaio teve especial destaque no comando de uma Brigada, o que lhe valeu a sua promoção a oficial general. (Fonte: **História do Exército Brasileiro**, v. 2, 1972)

14. Visão da Batalha de Tuitui de 24 de maio de 1866 do pintor argentino Ten Cândido Lopes, na qual o Brigadeiro Sampaio desempenhou relevante papel no comando da sua 3ª Divisão de Infantaria – Divisão Encouraçada. Vitória que custou a vida de seu comandante e de 33% dos seus comandados na vitoriosa resistência a todo o custo que liderou. (Fonte Arquivo da AHIMTB)

15. Igreja de Bom Jesus do Asilo de Inválidos da Pátria onde os restos mortais do Brigadeiro Sampaio permaneceram alguns tempos antes de seguirem em definitivo para Fortaleza. Neste templo eles foram colocados em 1869, com a presença do Imperador D. Pedro II e autoridades do Exército e da Armada (Marinha) antes de seguirem para Fortaleza, 4 anos depois. Ao redor desta capela, que em 1985 estava em ruínas, estavam sepultados soldados e marinheiros do Brasil do Asilo de Inválidos que foi extinto em 10 de julho de 1976. Bravos que haviam lutado em nossas lutas internas e externas 1840-1945. (Fonte: Bento. **A guarnição do Rio na Proclamação da República** FHE-POUPEX)

16. Monumento do Brigadeiro Antônio de Sampaio em Tamboril - CE no dia da Infantaria comemorado em 2009 pela 10ª RM. (Fonte: Site da Legião da Infantaria do Ceará)

17. Fortaleza N. S. da Assunção em Fortaleza, onde Antônio de Sampaio ingressou no Exército em 1830, como voluntário. Atualmente é sede do QG da 10ª RM e a sua frente foi erigido o Panteon com estátua e restos mortais do Patrono da Infantaria. (Fonte: Bento, **A História do Brasil através de seus fortes**. Obra disponível em livros no site (www.ahimtb.org.br) como **A Fortaleza Brasil**. Esta Fortaleza, a sombra do qual surgiu a cidade de Fortaleza foi iniciada a sua construção em seu aspecto atual, em 12 de outubro de 1812 sendo concluída no limiar da Independência.

18. Panteon com monumento e túmulo do Brigadeiro Antônio de Sampaio, em 24 de maio de 2009 na Festa Nacional da Infantaria defronte a Fortaleza N. S. da Assunção, atual QG da 10ª RM. (Fonte: Site da Legião da Infantaria do Ceará)

19. Brigadeiro Antônio de Sampaio em encenação realizada na Festa Nacional da Infantaria na 10ª Região Militar, em 24 de maio de 2009. (Fonte: Site da Legião de Infantaria do Ceará)

20. Encenação teatral da Batalha de Tuiuti destacando a cavalo o Brigadeiro Sampaio na Festa Nacional da Infantaria na 10ª RM em 2009. (Fonte: Site da Legião de Infantaria do Ceará)

21. Visita da Comitiva do Comandante do IV Exército Gen Ex

João Bina Machado ao túmulo do Padre Cícero Romão no Crato em 23 de maio de 1971, por ocasião de sua visita ao Instituto Cultural do Cariri e a caminho de Tamboril para a comemoração conjunta do IV Ex, 10ª RM, 1º Grupamento de Engenharia de Construção e 4ª BEC de Crateús do Dia da Infantaria. Aparecem o Governador César Cals, o General Bina Machado, Cmt do IV Ex e o vice-governador do Ceará. (Fonte: Arquivo do autor)

22. Túmulo do padre Cícero, em 23 de maio de 1971, no Crato, onde fardados aparecem a esquerda o autor do EM/IVEx e a direita o General Bina Machado defronte ao túmulo do padre Cícero Romão. (Fonte: Arquivo do autor)

23. Casa do Padre Cícero no Crato-CE. Na foto ao lado da imagem do Padre Cícero, o autor Adjunto da 5ª Sec/IV Ex e seu Fiscal Administrativo. (Fonte: Arquivo do autor)

24. Autoridades presentes em 24 de maio de 1971, no Dia da Infantaria em Tamboril - CE. Da esquerda para a direita: n/identificado, Gen Bda Delio Barbosa Leite, comandante do 1º Grupamento de Engenharia de Construção de João Pessoa, o Gen Ex João Bina Machado, comandante do VI Exército, o bisneto Antônio Sampaio do Brigadeiro Antônio de Sampaio, o Governador do Ceará César Cals, o Prefeito de Tamboril e o Vice Governador do Ceará. (Fonte: Arquivo do autor)

25. Festa do Dia da Infantaria em 24 de maio de 1971 em Tamboril - Ceará, vendo-se a Guarda de Honra formada por integrantes do 4º BEC, cujas instalações em Crateús hoje abrigam o 40º Bl. (Fonte: Arquivo do autor)

26. Festa da Infantaria em 24 de maio de 1971 em Tamboril-CE. Na foto da esquerda para a direita a Tropa do 4º BEC, Banda de Música de funcionários do 4º BEC e um grupo de vaqueiros da região que desfilaram em homenagem ao sertanejo Brigadeiro Antônio de Sampaio. (Fonte: Arquivo do autor)

27. Tamboril - CE em 24 de maio de 1971, Dia da Infantaria promovido pelo IV Exército ao comando do Gen Ex João Bina Machado, veterano da FEB. Aparece o monumento ao Brigadeiro An-

tônio de Sampaio cercado de estudantes de escolas locais. (Fonte: Arquivo do autor)

28. Tamboril - CE em 24 de maio de 1971, Dia da Infantaria. Desfile de um grupamento de meninos das escolas locais hoje com cerca de 50 anos cada um. (Fonte: Arquivo do autor)

29. Batalhão Sampaio na Vila Militar - Rio de Janeiro. Unidade mais antiga da Arma de Infantaria e que participou de duas expedições extra continentais. Em Angola, em 1948, para libertá-la do domínio holandês e na Itália na 2ª Guerra Mundial, integrando a FEB em defesa da Liberdade e Democracia Mundial ameaçadas pelo nazifacismo. (Fonte: Foto cedida pelo Ten R/2 Artilharia Israel Blajberg).

30. Livro História da 3ª DE - Divisão Encouraçada - Santa Maria-RS a herdeira das Tradições da 3ª Divisão de Infantaria em Tuiuti em 24 de maio de 1866. Esta Integra o Projeto História do Exército na Região Sul. (Fonte Arquivo do autor)

31. Livro História da 8ª Bda Inf Mtz Brigada Manoel Marques de Souza 1º Pelotas-RS, também herdeira das Tradições da 3ª Divisão de Infantaria comandada pelo Brigadeiro Sampaio. Integra o Projeto História do Exército na Região Sul. (Fonte Arquivo do autor)

32. Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, cearense, historiador militar crítico e pensador militar patrono de cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Foi Ten Cel E/3 da 1ª Divisão Expedicionária da FEB e presidente da República 1964/67. Hoje é denominação histórica da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Foi quem deu a idéia, como tenente instrutor de Infantaria da Escola Militar do Realengo, em 1930, de consagrar o Brigadeiro Antônio de Sampaio como Patrono da Arma de Infantaria. Era filho de um oficial de Infantaria, natural de Campo Maior-PI. (Fonte: **História do Exército**, 1972, v. 3, p. 989)

33. Brigadeiro Antônio de Sampaio segundo ilustração mandada fazer na França por seu co-estaduano o historiador, José Arthur Montenegro, o seu primeiro biógrafo e veterano Guerra do Paraguai. (Fonte: Gen Paulo Queiroz Duarte. Sampaio).

34. Brigadeiro Antônio de Sampaio de corpo inteiro segundo José Arthur Montenegro. (Fonte: P Q Duarte, Sampaio)

35. Alegoria do Brigadeiro Antônio de Sampaio, segundo traço do pintor Miranda Junior, patrono de cadeira especial da AHIMTB. (Fonte: P. Q. Duarte, **Sampaio**)

36. Capa do Livro Sampaio, do Gen Paulo Queiroz Duarte, patrono de Cadeira da AHIMTB. Editado pela BIBLIEX. É o mais completo estudo biográfico do Patrono de Infantaria. O seu autor foi instrutor chefe do Curso de Infantaria da AMAN). (Fonte Arquivo da AHIMTB)

37. Selo com a efígie do Brigadeiro Antônio de Sampaio – herói de Tuiuti, emitido em 1997. As três estrelas significam os 3 ferimentos a bala que recebeu no comando em Tuiuti de uma resistência a todo o custo). (Fonte: P.Q. Duarte, **Sampaio**)

38. Monumento ao Brigadeiro Antônio de Sampaio em Santo Ângelo, como homenagem da Infantaria das Missões ao Patrono da Infantaria, a Rainha das Armas. Aparecem na foto o autor e a direita o Ten Cel Néri Dornelles, grande colaborador da AHIMTB. A Homenagem foi da 16ª Bda Inf. Mtz que transferida tem sua sede em Tefé – AM, como 16ª Bda Infantaria Selva. (Foto: Sgt Apolinário do 1º B Com Div de Santo Ângelo)

39. Foto existente no Batalhão Sampaio na Vila Militar onde figura o Brigadeiro Sampaio, 3º da esquerda para a direita, ao lado do Conde D'Eu. Foto seguramente depois da rendição paraguaia em Uruguaiana, por ocasião de cerimônia em que o Imperador D. Pedro II recebeu do embaixador inglês vindo de Buenos Aires carta da Rainha Vitória que colocou um fim na Questão Cristie. Falta identificar-se os outros oficiais. (Fonte: Ten Cel Nasser)

40. Estandarte da Legião da Infantaria em Brasília. (Fonte: Site da Legião da Infantaria de Brasília)

41. Medalhão concedido pela Legião da Infantaria de Brasília, aos infantes com mais de 50 anos na Arma de Infantaria. (Fonte: Site da Legião da Infantaria de Brasília)

42. Estandarte do Regimento Sampaio, na Vila Militar, tendo abaixo a espada do Brigadeiro Sampaio. Batalhão cuja História sintetizamos em artigo; A Saga do Regimento Sampaio no NE, nº 8.036. (Fonte – Regimento Sampaio)

43. Espada do Brigadeiro Antônio de Sampaio exposta sobre uma mesa no Regimento Sampaio. (Fonte – Acervo do Regimento Sampaio)

44. Outro ângulo da Espada do Brigadeiro Antônio de Sampaio, com detalhe de seu punho. (Fonte – Acervo do Regimento Sampaio)

45. Espada do Brigadeiro Antônio de Sampaio em escrínio no Regimento Sampaio. (Fonte:– Acervo Regimento Sampaio)

46. 40º BIMtz com parada em Cratêus – CE é o responsável por zelar pela memória do Brigadeiro Antônio de Sampaio em Tamboril – CE, sua terra natal. (Fonte – Site da Legião da Infantaria do Ceará)

47. Concentração em torno do monumento ao Brigadeiro Antônio de Sampaio, na Fazenda Victor. berço do herói e distante 40 Km de Tamboril. (Fonte: Site da Legião da Infantaria do Ceará)

48. Detalhe do Monumento ao Brigadeiro Antônio de Sampaio na Fazenda Victor, onde o herói nasceu. (Fonte: Site da Legião da Infantaria do Ceará)

49. Escola 1º grau General Sampaio na Fazenda Victor onde o herói nasceu. (Fonte: Site da Legião da Infantaria do Ceará)

50. Bisneto Felix Sampaio do Brigadeiro Sampaio no monumento do herói em Fazenda Victor, em 21 de maio de 2005. (Fonte: Site Legião da Infantaria do Ceará)

51. Alegoria do Brigadeiro Antônio de Sampaio na Batalha de Tuiuti no convite para a Festa Nacional da Infantaria de 2008. (Fonte: Site da Legião da Infantaria do Ceará)

52. Monumento do Brigadeiro Sampaio à noite em Tamboril -

CE sob a Guarda de infantes do 40º BIMtz. (Fonte: Site da Legião da Infantaria do Ceará)

53. Medalhão concedido pela Legião da Infantaria do Ceará aos infantes que completam o Jubileu de Ouro como infantes (Fonte: Site da Legião da Infantaria do Ceará);

54. General Lima Verde, comandante da 10ª RM, entregando um prêmio ao Tiro de Guerra de Tamboril, em 2005, pela Demonstração de Ordem Unida com arma. (Fonte: Site da Legião da Infantaria do Ceará)

ILUSTRAÇÕES

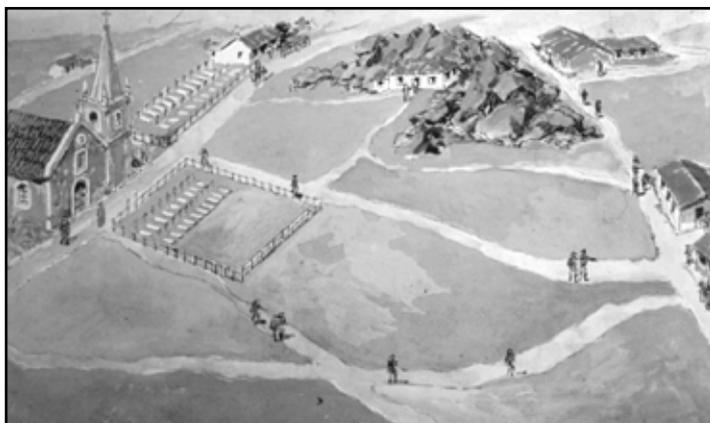


Foto 1

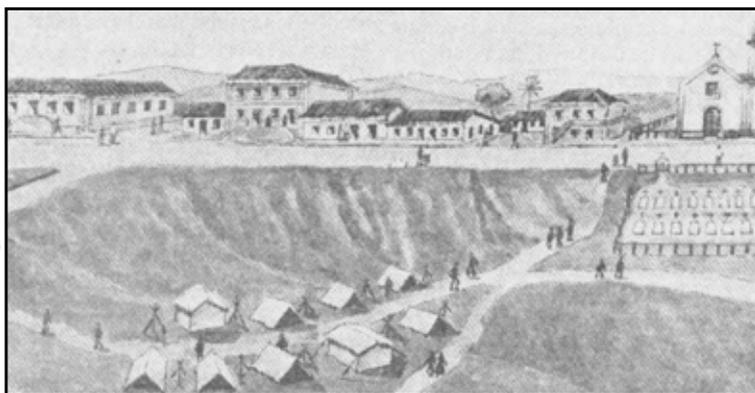


Foto 2



Foto 3



Foto 4



Foto 5



Foto 6



Foto 7



Foto 8



Foto 9



Foto 10

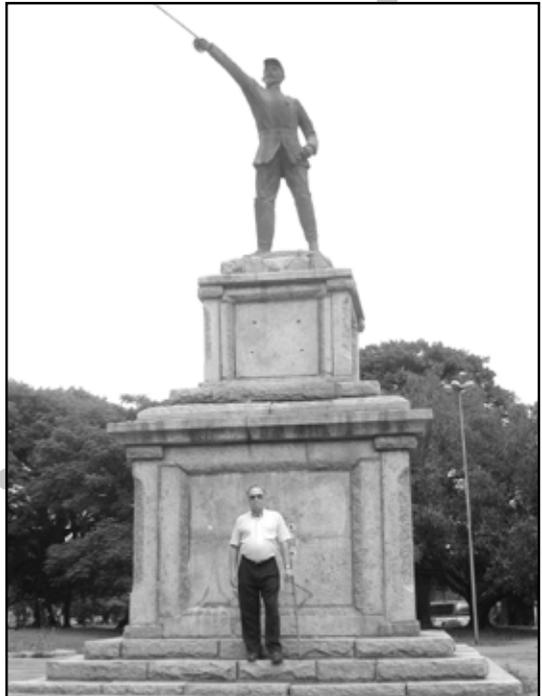


Foto 11



Foto 12

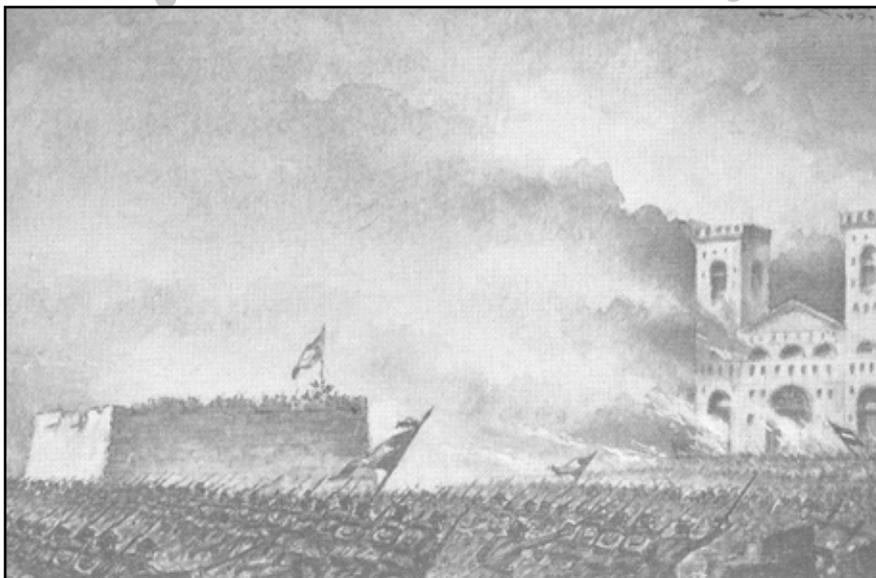


Foto 13



Foto 14

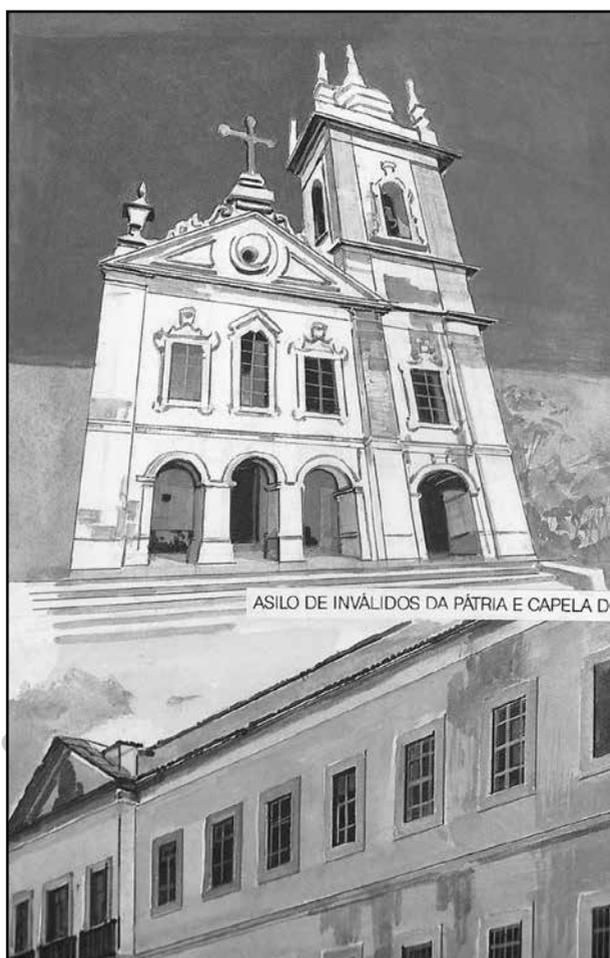


Foto 15



Foto 16



Foto 17



Foto 18



Foto 19



Foto 20



Foto 21



Foto 22



Foto 23



Foto 24



Foto 25



Foto 26



Foto 27



Foto 28



Foto 29

BRIGADEIRO ANTONIO SAMPAIO
O Patrono da Arma de Infantaria
"O Deus dos Exércitos"

Comandou a 3ª Divisão de Infantaria na Batalha de Tufal em 24 de maio de 1808, a maior batalha campal Sul-Americana, que abstruiu a capacidade ofensiva líbia do inimigo.

3ª DIVISÃO DO EXÉRCITO - Divisão Encouraçada - Centenário
CLÁUDIO M. MOREIRA BENTO, LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS e ANDRÉ CLAUHS

2008

3ª DE
☆☆☆

CLÁUDIO MOREIRA BENTO (Org.)
LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS
ANDRÉ CLAUHS

ESTANDARTE DA CENTENÁRIA 3ª DIVISÃO DE EXÉRCITO, DIVISÃO ENCOURAÇADA A HERDEIRA DAS GLORIOSAS TRADIÇÕES DA 3ª DIVISÃO DE INFANTARIA, A DIVISÃO SAMPAIO * A ENCOURAÇADA * NA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA.

Projeto História do Exército na Região Sul

Foto 30

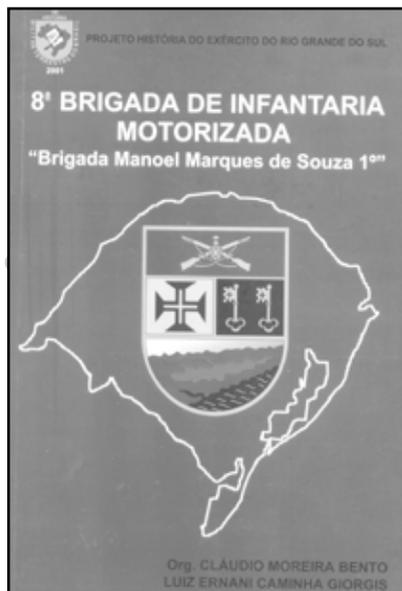


Foto 31



Foto 32



Foto 33

Foto 34

Foto 35



Foto 36



Foto 37



Foto 38



Foto 39



Foto 40



Foto 41



Foto 42



Foto 43



Foto 44



Foto 45



Foto 46



Foto 47



Foto 48



Foto 49



Foto 50



Foto 51



Foto 52



Foto 53



Foto 54